FAU - USP

DESIGN DE BRINQUEDOS: ESTUDO DOS BRINQUEDOS UTILIZADOS NOS
CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.

ALEXANDRE DE PAULA MORA

São Paulo
2006

ALEXANDRE DE PAULA MORA

Design de Brinquedos: Estudo dos brinquedos
utilizados nos Centros de Educação Infantil
do município de São Paulo.

Dissertação de Mestrado apresen-
tada à Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de
Mestre em Design e Arquitetura.

Prof. Dr. Alessandro Ventura
Orientador

São Paulo
2006

DEDICATÓRIA

Primeiramente à nossa Fonte Divina por dispor mais uma oportunidade de aprendizagem e evolução.

Aos meus pais, José Mora e Ednice de Paula Rocha, pelo apoio, confiança e amor incondicional que sempre depositaram em nós.

Aos meus Irmãos, Ricardo de Paula Mora, Priscilla de Paula Mora e Danilo de Paula Rocha Abreu, pela paciência e compreensão durante esta jornada.

Aos meus Avós, Edvaldo, Eunice e Catharina por toda dedicação e carinho.

À minha Pequena, que com sua simplicidade e paciência eterna trouxe paz de espírito que tanto precisava.

Aos demais familiares e amigos que sempre deram apoio e compreenderam os momentos de ausência.

Em especial àquele que com sua alegria contagiante e amor incondicional deu rumo a esta vida. Por meio de tantas e tantas brincadeiras trilhou o caminho que aqui se inicia. Obrigado Tio Vado!!!

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Alessandro Ventura, orientador deste trabalho, pela amizade, dedicação e confiança a mim depositada.

À Prof^a Dr^a Edda Bomtempo e Prof. Dr. Carlos Alexandre, pela amizade, apoio e orientação.

À Prof^a Dr^a Élide Monzéglio (in memoriam) pela atenção e carinho que sempre nos dedicou.

Aos Professores e funcionários da FAU, pela dedicação e apoio constantes.

Aos amigos de batalha: Leonidas Hildebrand, Claudir Segura e, em especial, Paulo Henrique Frediani de Moura pelo companheirismo incondicional. Valeu Peagah!!!

Aos amigos de disciplinas: Marcos Baiano, Jania Saldanha, Claudir Segura, Paulo Vasconcellos, Eduardo Viana e Dani Faladeira pelos momentos de alegria e descontração.

Aos colegas: Ana Cláudia, Márcia Paoliello, Claudio Ary Ciacon e Eleida Camargo que abriram as portas para essa realização, minha gratidão.

*“Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista
que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua
língua não possua um termo geral capaz de defini-lo.”*

Johan Huizinga

*“(...) reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o
espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material.”*

Johan Huizinga

RESUMO

MORA, Alexandre de Paula. Design de Brinquedos: Estudo dos Brinquedos Utilizados nos Centros de Educação Infantil do Município de São Paulo. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

O presente trabalho tem, como foco principal, o estudo de brinquedos e sua influência no processo de aprendizagem das crianças em idade pré-escolar.

Para discorrer sobre o processo de desenvolvimento infantil, reportou-se aos conceitos de Jean Piaget que retrata sua teoria em etapas subseqüentes de desenvolvimento. Levou-se em consideração, também, os aspectos que caracterizam o brinquedo e as diferentes maneiras que ele interage com a criança.

Como estudo de caso, foi realizado um levantamento dos brinquedos existentes em três escolas de educação infantil, com o objetivo de verificar se eles atendiam as principais necessidades de cada faixa etária das crianças matriculadas. Esse estudo foi feito por meio de entrevista com a coordenação e professoras, e, ainda, através de registros fotográficos dos diferentes modelos de brinquedos disponíveis em cada sala de aula. Os resultados obtidos valeram de um rico material de análise e discussão que ao final do trabalho permitiram algumas

reflexões e sugestões sobre as diferentes possibilidades que o brinquedo proporciona em cada etapa do desenvolvimento da criança.

Aqui não se pretende esgotar todos os assuntos sobre o uso do brinquedo, e sim contribuir com questões importantes, não só do ponto de vista de quem promove a atividade com brinquedo, mas, sobretudo, para aquele que pretende criar e desenvolver brinquedos.

Palavras-chave: Design, Brinquedo, Brincadeira, Desenvolvimento Infantil, Aprendizagem.

ABSTRACT

MORA, Alexandre de Paula. **Toy Design: Study of Toys Used in Child Educational Centers in the City of São Paulo**. São Paulo, 2006. Dissertation (Master of Science Degree) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

This is a study about toys and its influence on the learning process of pre-school children.

To talk over the child development process, it was used Jean Piaget's concepts as delineated in his sequential developing phases. It was considered, also, the aspects that characterize the toy and its many ways to interact with the child.

As a case study, it was made a toy gathering on three grade schools, aiming to check if they answer its main requirements of each age group of the enrolled children. This study was done by interviewing teachers and principals and making a photographic register of the different toys available on each classroom. The outcome were an exquisite analysis and discussion material that allowed some reflections and suggestions over different possibilities that the toy may offer for each step on child developing.

It is not intended to cover every discussion over toy uses, but to contribute with value questions, not only

under the perspective from whom promotes playing activities, but, over all, for whom creates and develops new toys.

Keywords: Design, Toy, Play, Child Development, Learning Techniques.

LISTA DE FIGURAS

Ilustrações

1. Criança - 1 a 4 meses.....	18
2. Criança - 4 a 8 meses.....	20
3. Criança - 8 a 12 meses.....	21
4. Criança - 8 a 12 meses.....	21
5. Criança - 8 a 12 meses.....	22
6. Criança - 12 a 18 meses.....	24
7. Criança - 12 a 18 meses.....	24
8. Criança - 18 meses a 2 anos.....	26
9. Criança - 2 a 4 anos.....	31
10. Criança - 4 a 7 anos.....	33
11. Criança - 4 a 7 anos.....	33
12. Selo INMETRO.....	65
13. Símbolo de advertência de faixa etária.....	65
14. Selo IQB.....	66

Fotografias - CEI Vila Mira

15. Organização dos brinquedos.....	77
16. Organização dos brinquedos.....	77
17. Brinquedos desucata.....	78
18. Brinquedos desucata.....	78
19. Brinquedos desucata.....	78
20. Brinquedos desucata.....	78
21. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	79
22. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	79

23. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	79
24. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	79
25. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	80
26. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	80
27. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	80
28. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	80
29. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	81
30. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	81
31. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	81
32. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	81
33. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	82
34. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	82
35. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	82
36. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	82
37. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	83
38. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	83

Fotografias - CEI Cruz de Malta

39. Organização dos brinquedos.....	83
40. Organização dos brinquedos.....	83
41. Organização dos brinquedos.....	84
42. Organização dos brinquedos.....	84
43. Materiais pedagógicos.....	84
44. Materiais pedagógicos.....	84
45. Materiais pedagógicos.....	84

LISTA DE FIGURAS

46. Materiais pedagógicos.....	85
47. Materiais pedagógicos.....	85
48. Materiais pedagógicos.....	85
49. Materiais pedagógicos.....	85
50. Materiais pedagógicos.....	85
51. Materiais pedagógicos.....	85
52. Brinquedos para crianças de 0 a 1 anos.....	86
53. Brinquedos para crianças de 0 a 1 anos.....	86
54. Brinquedos para crianças de 0 a 1 anos.....	86
55. Brinquedos para crianças de 0 a 1 anos.....	86
56. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	87
57. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	87
58. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	87
59. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	87
60. Brinquedos para crianças de 1 a 2 anos.....	87
61. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	88
62. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	88
63. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	88
64. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	88
65. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	89
66. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	89
67. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	89
68. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	89
69. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	90
70. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	90

71. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	90
72. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	90
73. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	90
74. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	91
75. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	91
76. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	91
77. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	91
78. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	91
79. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses....	92
80. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses....	92
81. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses....	92
82. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses....	92
83. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses....	92

Fotografias - CEI Coração Imaculado de Maria

84. Sala de artes.....	93
85. Sala de artes.....	93
86. Sala de artes.....	93
87. Sala de artes.....	93
88. Sala de artes.....	94
89. Sala de artes.....	94
90. Materiais pedagógicos.....	94
91. Brinquedos itinerantes.....	94
92. Brinquedos itinerantes.....	94
93. Brinquedos itinerantes.....	95

LISTA DE FIGURAS

94. Brinquedos itinerantes.....	95
95. Brinquedos itinerantes.....	95
96. Brinquedos itinerantes.....	95
97. Brinquedos comunitário.....	96
98. Brinquedos comunitário.....	96
99. Brinquedos comunitário.....	96
100. Brinquedos comunitário.....	96
101. Brinquedos comunitário.....	96
102. Armário de filmes e livros.....	97
103. Armário de filmes e livros.....	97
104. Brinquedos permanentes.....	97
105. Brinquedos permanentes.....	97
106. Brinquedos permanentes.....	97
107. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	98
108. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	98
109. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	98
110. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	98
111. Brinquedos para crianças de 2 a 3 anos.....	98
112. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	99
113. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	99
114. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	99
115. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	99
116. Brinquedos para crianças de 3 a 4 anos.....	99
117. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	100
118. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	100

119. Brinquedos para crianças de 4 a 5 anos.....	100
120. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	100
121. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	100
122. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	101
123. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	101
124. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	101
125. Brinquedos para crianças de 5 a 6 anos.....	101
126. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses...102	
127. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses...102	
128. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses...102	
129. Brinquedos para crianças de 6 a 6 anos e 11 meses...102	

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Objetivos.....	11
CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil.....	12
1. Etapas do desenvolvimento infantil.....	16
CAPÍTULO II - Educação e Brincadeira.....	35
1. Jogo, brinquedo e brincadeira.....	36
2. Aprender brincando.....	43
3. Influência do adulto no brincar.....	54
CAPÍTULO III - O brinquedo e a Criança.....	58
1. Escolha dos brinquedos.....	59
2. Diferentes brinquedos.....	62
3. Diretrizes e normas para o bom brinquedo.....	63
4. Classificação do brinquedo.....	65
CAPÍTULO IV - Procedimentos.....	70
1. Universo de pesquisa.....	71
2. Estudo de caso.....	73
3. Instrumentos de coleta de dados.....	74
CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa.....	76

CAPÍTULO VI - Discussão.....	103
CAPÍTULO VII - Considerações Finais.....	118
Referências Bibliográficas.....	122
Anexos.....	128

Introdução

Os processos de industrialização e a urbanização trouxeram fatores que modificaram a tradicional estrutura social e familiar nos centros urbanos. O momento atual exige, cada vez mais, que a mulher se insira no mercado de trabalho para acompanhar as necessidades advindas dessas mudanças. Com isso, a ausência da mãe no lar se tornou cada vez mais freqüente.

A necessidade de um local para deixar os filhos enquanto os pais trabalham é uma demanda crescente e mais premente. São poucas as famílias que sustentam condições de manterem seus filhos em cuidados particulares. Nesse contexto, a educação dos filhos pequenos é dividida com instituições governamentais.

A rede de educação infantil subsidiada pelo governo, hoje, é de responsabilidade dos municípios. A cidade de São Paulo atende crianças e jovens em mais de 1936¹ (uma mil novecentas e trinta e seis) unidades, divididas de acordo com as atividades de ensino. As crianças em idade pré-escolar (zero a seis anos e onze meses) são atendidas nos Centros de Educação Infantil – CEI² (zero a seis anos e onze meses) e nas Escolas Municipais de Ensino Infantil – EMEI (quatro a seis anos e onze meses).

Na faixa etária pré-escolar, um dos principais instrumentos de ensino é o brinquedo. Para essas crianças, assim como para os educadores, ele representa muito mais que um simples objeto de entretenimento: pode ser o elo de ligação entre a aprendizagem e a criança. Flavell (1988), numa referência aos conceitos piagetianos, diz que é através da integração da criança com a brincadeira e os brinquedos que se constrói o conhecimento e se promovem suas habilidades. Portanto, o brinquedo, nesse período de vida, pode proporcionar conhecimentos tão ricos para a criança quanto a leitura e a escrita para o adulto.

Nesse contexto, verifica-se a importância de realizar um estudo sobre os brinquedos disponíveis para a criança matriculada na rede de educação infantil pública do município de São Paulo, com foco na capacidade de aprendizagem, observada em cada etapa do desenvolvimento da criança.

1. Dados da Secretaria Municipal da Educação – SME.

2. Antiga Creche. De acordo com DECRETO Nº 40.268, 31/01/ 2001. Em anexo.

Objetivos

Objetivo Geral

Realizar um estudo sobre os brinquedos utilizados atualmente nos CEI³, sob a luz da teoria do desenvolvimento infantil, elaborada por Jean Piaget.

Objetivo Específico

Levantar os brinquedos disponíveis nos CEI e analisar se estes atendem às expectativas de aprendizagem de cada faixa etária das crianças, de acordo com a teoria de Piaget.

Objeto de Pesquisa

Brinquedos⁴ utilizados por crianças recém-nascidas até a idade de seis anos e onze meses, matriculadas nos CEI do município de São Paulo.

Estudo de Caso

Três Centros de Educação Infantil paulistanos, com administração distintas: Direta, Indireta e Conveniada.

3. CEI – Centro de Educação Infantil é entendido como espaço coletivo e privilegiado de vivência da infância (0 a 6 anos e onze meses), que contribui para a construção da identidade social e cultural das crianças, fortalecendo o caráter integrado do cuidar e do educar, entendendo que todo cuidado educa e toda educação cuida. Em ação complementar às da família e da comunidade, objetiva proporcionar condições adequadas para promover proteção, segurança, alimentação, cultura, saúde e lazer, com vistas à inserção, prevenção, promoção e proteção à infância. De acordo com a Portaria Intersecretarial 03/2004 –Secretaria Municipal da Educação - SME.

4. Refere-se a objetos tridimensionais de uso manual. Excluindo os brinquedos de playground.

CAPÍTULO I

Desenvolvimento Infantil

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

Os estudos realizados sobre o desenvolvimento infantil, no que diz respeito à psicologia do desenvolvimento, procuram descrever as mudanças comportamentais que ocorrem no indivíduo ao longo do tempo. Segundo Biaggio (1997), o tempo deve ser, para o psicólogo do desenvolvimento, apenas uma escala conveniente na qual são ordenados os comportamentos e assinaladas as mudanças.

Os resultados desses estudos são de extrema importância, pois contribuem para o aprimoramento de todo trabalho realizado com a criança, principalmente aquele direcionado à educação.

Spodek e Saracho (1998, p. 66) dizem que desde sua origem, o campo do desenvolvimento infantil tem mantido laços estreitos com a educação para a primeira infância. Os conceitos e teorias do desenvolvimento infantil têm influenciado nossas práticas educacionais e o modo como nos referimos a elas.

Desde muito, as teorias⁵ vêm sendo criadas e apresentadas ao mundo como uma maneira sistematizada e coerente de organizar e interpretar certos princípios.

Existem muitas teorias que retratam as questões sobre o desenvolvimento infantil, as principais

vertentes são:

Teoria da Maturação – Segundo essa teoria, as mudanças que ocorrem durante o processo de desenvolvimento são iniciadas inerente à predisposição do indivíduo, e sim pelo fator genético e espontâneo dos sistemas neurológico, muscular e hormonal do corpo que regulam as capacidades motoras e psicológica (FAW, 1981).

Seus principais representantes são: G. Stanley Hall (1844-1924); Arnold Gesell (1890-1961) e seus seguidores: Frances L. Ilg e Louise Bates Ames.

Teorias Comportamentais – Ao contrário dos maturacionistas, acreditam que, exceto a maturação física, as maiores influências sobre o desenvolvimento humano estão no ambiente e, aquilo que os indivíduos aprendem é incorporado em seu pensamento e elaborado com o tempo (SPODEK; SARACHO, 1998, p.69).

Seus principais representantes são: Ivan Pavlov (1849-1936); John B. Watson (1878-1959); Edward L. Thorndike (1874-1949); Burrhus Frederic Skinner (1904-1990).

Teorias Psicodinâmicas – Visam, principalmente, o estudo sobre o desenvolvimento emocional

5. Segundo Spodek e Saracho (1998, p.66) **teoria** é um esquema para organizar e interpretar dados e a teoria do desenvolvimento infantil observa o crescimento e o comportamento das crianças e os interpreta, indicando quais elementos na constituição genética e/ou condições ambientais da criança influenciam o desenvolvimento e o comportamento, e como estes elementos se relacionam.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

da criança. As abordagens cognitivas, perceptual, lingüística ou comportamental não são tão aprofundadas (FAW, 1981).

Seus principais representantes são: Sigmund Freud (1856-1939); Erik Erikson (1902).

Teorias Construtivistas – Em geral, enfatiza o papel ativo da criança em seu próprio desenvolvimento (FAW, 1981). O construtivista vê o indivíduo criando conhecimento ao agir (ou pensar) sobre a informação obtida através da experiência (SPODEK; SARACHO, 1998, p.73).

Seus principais representantes são: Jerome Bruner (1915); Lev Semenovitch Vigotsky (1896-1934); Jean Piaget (1896-1980).

Dentre as teorias do desenvolvimento infantil apresentadas, optou-se por utilizar como referência para este trabalho as idéias que compõem as premissas construtivistas, pois, evidenciam a interação entre a criança e o seu meio como um aspecto fundamental para o desenvolvimento. E nesse sentido, o brinquedo vale como instrumento concreto desse meio.

No entanto, a escolha entre os principais representantes da teoria construtivista foi por Jean Piaget pelo fato de seus conceitos ser estrutu-

rados e organizados de acordo com a faixa etária infantil. Esse esquema é o que norteia, como análise conclusiva da pesquisa, a realidade das crianças e dos brinquedos presentes nos Centros de Educação Infantil.

Jean Piaget

Biólogo e grande estudioso do desenvolvimento do conhecimento no ser humano, Piaget é um dos pioneiros da teoria construtivista (FAW, 1981; BIAGGIO, 1977; SPODECK e SARACHO, 1998).

Nasceu em Neuchâtel na Suíça e dedicou grande parte da sua vida a estudar o funcionamento da inteligência infantil. Suas pesquisas, no campo da psicologia do desenvolvimento e da epistemologia⁶ genética, tinham o objetivo de compreender como o conhecimento evolui. Suas obras somam em mais de cinquenta livros e centenas de artigos. Hoje é considerado um dos principais teóricos sobre o desenvolvimento infantil.

Grande parte de seus estudos foi baseada na observação, minuciosa do crescimento de seus três filhos: Lucienne, Laurent e Jacqueline. Piaget não só descreveu sobre o processo de desenvolvimento

6. Segundo Biaggio (1977, p. 42) epistemologia retrata um ramo da filosofia que estuda a origem do conhecimento.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

da inteligência, como também comprovou, experimentalmente, toda teoria em base científica.

Para ele, o conhecimento provém da interação entre o indivíduo e o objeto. O ser humano se desenvolve intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio que o cerca, através do processo de assimilação.

Paralelamente a esse processo ocorre a acomodação, que procura modificar o organismo do indivíduo com o objetivo de se adaptar as novas experiências. E nesse sentido, a criança acaba sendo seu próprio agente de desenvolvimento, no qual a assimilação estende seu domínio e a acomodação impulsiona as modificações da atividade.

Os sistemas de assimilação e acomodação, em linhas gerais, estão presentes em todos os estágios do desenvolvimento apresentados por Piaget, e evoluem como num espiral onde cada estágio se amplia e engloba o anterior.

As etapas de desenvolvimento infantil formulada por Piaget são as seguintes:

A – Período Sensório Motor (0 - 2 anos)

- Estágio 1: Os reflexos (0 – 1 mês)

- Estágio 2: Primeiras Adaptações Adquiridas e Reação Circular Primária (1 – 4 meses)

- Estágio 3: Reação Circular Secundária (4 – 8 meses)

- Estágio 4: Coordenação dos Esquemas Secundários (8 – 12 meses)

- Estágio 5: Reação Circular Terciária (12 - 18 meses)

- Estágio 6: Invenção de Novos Meios Através de Combinações Mentais (18 meses até por volta dos 2 anos)

B – Período das Operações Concretas (2 a 12 anos)

Esse período é bem amplo e divide-se em mais dois Sub-Períodos:

1. Sub-Período Pré Operacional (2 a 7 anos)

- Estágio Pré-Conceitual (2 a 4 anos)

- Estágio Intuitivo (4 a 7 anos)

2. Sub-Período das Operações Concretas (7 a 12 anos)

C – Período das Operações Formais (12 anos em diante)

Como foi possível perceber, Piaget formulou sua teoria sobre o desenvolvimento infantil em estágios estruturados e bem delimitados, os quais

6. Segundo Biaggio (1977, p. 42) epistemologia retrata um ramo da filosofia que estuda a origem do conhecimento.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

seguem uma seqüência de acordo com a faixa etária da criança.

Assim sendo, poderemos constatar ao final da pesquisa, se os estímulos oferecidos às crianças matriculadas nos Centros de Educação Infantil estão coerentes com suas reais potencialidades etárias.

1. Etapas do Desenvolvimento Infantil

A seguir, serão descritos detalhadamente os Períodos⁷ de desenvolvimento segundo a teoria de Jean Piaget⁸. É importante salientar que apesar deles serem apresentados através de faixa etária, não significa que, necessariamente, o desenvolvimento da criança siga a risca esse cronograma. Para Piaget, não existe uma determinação cronológica quanto aos estágios, a idade pode variar de um indivíduo para outro, assim como de uma sociedade para outra, porém a ordem de sucessão é permanente, sendo que, para atingir um novo estágio do desenvolvimento, é necessário ter passado pelos anteriores.

Wadsworth (1993) destaca que as idades cronológicas dos estágios apresentados por Piaget não são fixas, para ele os intervalos existentes entre as

idades tem caráter normativo, significando aquilo que é esperado em um processo de desenvolvimento normal, isto é, que representa o desenvolvimento intelectual próprio do estágio correspondente.

Há casos em que, num determinado período, algumas crianças alcançam certas habilidades antes que outras, e o contrário também podem ocorrer num próximo período. Piaget diz que independente do tempo em que ocorre o processo de assimilação e acomodação de cada estágio, a criança acabará vivenciando todos, pois, cada um é o resultado de processos anteriores, ao mesmo tempo em que servem como preparação para os estágios subsequentes.

A propósito, é importante frisar que, a presente pesquisa tem como foco principal o estudo do desenvolvimento infantil que compreende a faixa etária do nascimento até a idade de seis anos e onze meses, pois incide ao universo pré-determinado. Portanto, os demais períodos aparecem de maneira resumida.

Na seqüência de cada período apresentado, há uma síntese das diferentes mudanças comportamentais ocorridas com a criança ao longo do seu desenvolvimento. Entre outras referências

7. Segundo Flavell (1988 p.86), o termo período é usado (por Piaget) para designar as principais épocas do desenvolvimento e o termo estágio designa subdivisões menores dentro dos períodos; quando necessário, são usados também os termos sub-período e sub-estágio.

8. Toda explanação teórica que segue sobre as etapas de desenvolvimento infantil, é baseada principalmente na obra de Piaget: **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. Em caso de uso de outras obras literárias, as referências estão dispostas no próprio texto com indicações bibliográficas e/ou notas de rodapé.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

consultadas, esses itens foram formulados, principalmente, sobre análise da obra de Cunha (1988).

1.1. Período Sensório Motor (0 - 2 anos)

Estágio 1: Reflexos (0 – 1 mês)

Logo após o nascimento, a criança pouco tem a apresentar como repertório comportamental. Tem uma noção muito vaga e sem significado definido do mundo exterior. Suas atividades muito limitadas, dificultam a exploração externa e a mantém num estado de completo egocentrismo.

Suas ações descoordenadas demonstram que nesse primeiro mês de vida, não possuem, ainda de forma efetiva, o princípio lógico da inteligência⁹.

Esse período se caracteriza pelo exercício dos primeiros sentidos e é na amamentação que podemos verificar a prática dessas primeiras atividades, como os reflexos de sucção, aglutinação, choro, reflexo pupilar, agarrar com as mãos, movimentar a língua e, o acompanhar com a visão o movimento lento de um objeto.

“(no recém-nascido), a vida se reduz ao exercício de aparelhos reflexos, isto é, às coordenações sensoriais e motoras de fundo hereditário, que correspondem a

tendências instintivas como a nutrição.”

(PIAGET, 1976, p. 16)

Esses reflexos simples, ao longo do tempo, vão passando por modificações que se transformarão em adaptações adquiridas, e é onde se tem o início da inteligência.

Características Comportamentais

- Passa a maior parte do tempo dormindo.
- Desenvolve a capacidade de erguer a cabeça e mantê-la ereta.
- Têm início a percepção visual, distinguindo luz (ou objetos brilhantes) e sombra.
- Reage a ruídos.
- Pode apresentar pequena sensibilidade a odores acentuadamente agradáveis ou desagradáveis.
- É capaz de seguir com o olhar objetos em movimentos lentos.
- Agarra objetos que são levados a sua mão.
- A Preensão pelas mãos é feita com a palma, tem a característica de ser forte logo após o nascimento, mas enfraquece após algumas semanas.
- Quando estimulada, repete o ato de sucção

9. Segundo Flavell (1988 p.107), uma das características distintivas da Inteligência é a intencionalidade – a busca deliberada de um objetivo através de comportamentos instrumentais subordinados a este objetivo.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

do mamilo materno, com qualquer objeto levado à boca, principalmente os dedos e lençol. Porém, distingue o que é nutritivo e o que não é.

Estágio 2: Primeiras Adaptações Adquiridas e Reação Circular Primária (1 – 4 meses)

Neste estágio, os reflexos da criança transformam-se em aquisições sensório motoras mais elementares. Porém, ainda não possuem o caráter intencional e orientado. Basicamente, os reflexos de sucção, visão, audição, vocalização e preensão, são os que mais se destacam nesse momento evolutivo, especificamente as várias coordenações entre eles.

Aqui, o que caracteriza são as alterações adquiridas em função da experiência, além de ser o início da *Reação Circular Primária*¹⁰.

“Essa conservação dos resultados interessantes, obtidos por acaso, é portanto, aquilo a que Baldwin chamou ‘reação circular’ (...) a reação circular implica a descoberta e a conservação da novidade e nisso difere do reflexo puro; mas é anterior à intencionalidade e nisso antecede a inteligência propriamente dita.”

(PIAGET, 1970, p. 33)

“Este termo (reação circular primária) se refere

a uma série de repetições de uma resposta sensório-motora (ou a uma destas repetições). A resposta inicial da série é sempre nova para a criança, pois seus resultados específicos não foram antecipados – não foram ‘planejados’ antes da emissão da resposta. O componente importante desta reação – do qual deriva o termo circular – está naquilo que acontece depois que a resposta, nova e inicial, foi emitida (...) a criança tende a repetir muito e muitas vezes esta adaptação nova e casual. Através destas repetições, a resposta se consolida num esquema novo e firmemente estabelecido.”

(FLAVELL, 1988, p.93)

Características Comportamentais

- Começa a suspender mais precisamente a cabeça e tem início da postura de sentar-se com apoio.
- Para aumentar seu campo de visão, quando na posição deitada de barriga para baixo: apóia-se nos antebraços e ergue a cabeça (ver fig. 1); e quando na posição deitada de costas: ergue a cabeça e levemente os ombros.
- Não só leva à boca aquilo que pega, como também segura qualquer coisa que seja colocada em sua boca.
- Reage a sinais visuais.

Figura 1

10. Reação Circular – Segundo Flavell (1988 p.92) Piaget emprestou este conceito de J. M. Baldwin (Baldwin, 1925, cap. 9) que o empregou na tentativa de explicar a seleção e a retenção dos hábitos de bebês, dentro de uma orientação teórica quase darwiniana.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

- Há algumas conexões coordenadas entre o olhar e outros esquemas, como: ouvir, tocar, agarrar, etc.

- Tem início a coordenação entre a visão e a audição e a vocalização.

- Descobre que ao bater num objeto pode produzir sons.

- Ao longo deste estágio, a assimilação recíproca da preensão e seu campo visual são completos e absolutos.

- Aqui a criança jamais tenta imitar um som, um gesto ou movimento que lhe seja novo.

- Manipulam objetos com mais destreza, porém ainda sem muito interesse específico. Bate no objeto, joga no chão, morde, amassa, manipulando-o de várias maneiras.

- No final deste estágio têm início as primeiras atividades lúdicas consciente: brincar de esconder atrás do lençol, ou mesmo no abrir e fechar dos olhos.

Estágio 3: Reação Circular Secundária (4 – 8 meses)

Piaget (1970, p. 151-201) afirma que a reação circular secundária, quer dizer: o comportamento

que consiste em reencontrar os gestos que, por acaso, exercem uma ação interessante sobre as coisas.

Uma das diferenças entre a reação circular primária e a secundária, é que, enquanto a primeira apresenta situações centradas no próprio corpo da criança, a segunda desperta interesse e exploração dos objetos ou pessoas que estão em sua volta.

A coordenação entre reação visual e a preensão estão muito mais apuradas, isso facilita e promove meios para um maior conhecimento motor e, conseqüentemente, a exploração real do mundo externo.

As reações circulares secundárias, com repetições de gestos ou atividades que trazem como resultado situações interessantes para a criança, tornam-se processos cada vez mais freqüentes e, ao mesmo tempo, controlados. Esses são os primeiros indícios da intenção.

A intencionalidade é a busca de um resultado, com a consciência dos atos ou ações necessárias para se alcançar determinado objetivo. Porém, no estágio três, esta premissa demonstra uma conotação mais próxima à semi-intencionalidade, do que a intenção propriamente dita. Assim, o ato intencional (ou a

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

semi-intencionalidade) só se faz presente quando o resultado já foi descoberto na repetição de algum ato, e não em uma intenção original (Flavell, 1988 p.108).

“A parcela de inteligência implícita em tais comportamentos consiste, pois, simplesmente, em reencontrar a série de movimentos que deram lugar ao resultado interessante e a intencionalidade desses comportamentos consiste em procurar reproduzir esse resultado.”

(PIAGET, 1970.)

Características Comportamentais

- Pega voluntariamente um objeto que está ao seu alcance, e estende as mãos para outro que lhe é oferecido.
- Começa a procurar um brinquedo perdido.
- Permanece sentada sozinha.
- Pode se arrastar para se aproximar de um objeto ou uma pessoa.
- Pega um objeto em cada mão, e pode passar um objeto de uma mão para outra (ver fig. 2).
- Fica de pé quando sustentada.
- Começa a pegar objetos menores entre o polegar e o indicador.
- Vocaliza sílabas sem significação verbal.

· Tem início a jogos com adultos, como bater palmas ou esconde-esconde.

· Apresenta o comportamento de esfregar um objeto contra outro de superfície mais dura.

· Descobre que algo oco pode conter objetos, e objetos penetrantes podem entrar em objetos ocos.

· Mesmo que em esquemas limitados, a criança pode imitar alguns gestos ou sons, mas desde que estas respostas estejam em seu repertório e foram captadas em seu campo visual e auditivo.

· Ela percebe a si própria agindo sobre os objetos, com suas mãos e braços interagindo com eles.

· Tem início a noção de profundidade (no espaço), principalmente à distância do alcance das mãos.

· Manifesta capacidade de reter um acontecimento que se deu no passado imediato.

Estágio 4: Coordenação dos esquemas secundários (8 – 12 meses)

Aqui o ato intencional é mais claro e evidente. A busca do resultado não é formada apenas por reproduzir um ato, ou uma atividade realizada an-

Figura 2

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

teriormente, os meios que constituem a procura do resultado desejado são concretizados através de situações novas, que a criança ainda não tivera como experiência anterior. Com isso, a reação secundária, diferencia os meios e o fim, trabalhando coordenadamente. Um age como instrumento, enquanto o outro, como o objetivo a ser alcançado.

Com o objetivo determinado desde o início, os instrumentos ou meios que irão compor a ação, são realizados exatamente para que consiga atingir tal objetivo.

A coordenação desses esquemas, não só, caracteriza o ato intencional, como também, constitui os instrumentos da própria inteligência.

O fato mais evidente que caracteriza a coordenação dos esquemas secundários, assim como a distinção entre o meio e o fim, é o ato de afastar os obstáculos que estão entre a criança e o objeto desejado. A princípio, esse afastamento pode vir de maneira agressiva, com golpes, até que seu caminho para o desejável esteja livre.

E é justamente esse esquema coordenado, entre o meio utilizado e o objetivo, que é a parte constituinte do início deste estágio, que ao final, por volta dos 12 meses, a criança já é capaz de largar

um objeto intencionalmente, a fim de atingir o desejado. O 'largar do objeto' funciona também como meio, assim como o 'afastar do obstáculo'.

“Logo, a ação deixa de funcionar por simples repetição e passa a admitir, dentro do esquema principal, toda uma série mais ou menos longa de esquemas transitivos. Portanto, há simultaneamente uma distinção entre o fim e os meios e uma coordenação intencional dos esquemas. O ato inteligente está assim constituído, não se limitando a reproduzir, pura e simplesmente, os resultados interessantes, mas a atingi-los graças a novas combinações.”

(PIAGET, 1970)

Características Comportamentais

- Tenta repetir um ruído (como o bater de um objeto contra o outro).
- Colabora intensamente com as brincadeiras com adultos.
- Pronuncia sua primeira palavra, que pode ser de uma sílaba simples ou duplicada (mamã, papá).
- Exploram o ambiente se movendo em gatinhas, ou em pé se apoiando em móveis (ver fig. 3 e 4).
- O controle das mãos está mais apurado,

Figura 3

Figura 4

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

demonstra um certo controle entre os dedos para o movimento de pinça.

- Usa de meios diferentes (afastando com as mãos, ou usando de outro artifício simples) para alcançar o objeto desejado.

- Demonstra interesse por algo específico.

- Começa a imitar gestos simples, principalmente mostrar a língua e abrir e fechar a boca.

- Começa a demonstrar entendimento na relação de dois objetos no espaço, e interage com isso. Como no ato de esconder e encontrar deliberadamente um objeto atrás de um anteparo qualquer (ver fig. 5).

- Reconhecem os objetos como entidades tridimensionais e os observam por vários ângulos, assim como os movimentos.

- Desloca objetos de um canto para outro sem um motivo aparente, apenas pelo ato de observar os movimentos.

Estágio 5: Reação Circular Terciária

(12 - 18 mês)

Durante a quarta etapa, a criança utiliza esquemas coordenados onde é possível distinguir os meios dos fins, caracterizando assim os primeiros

atos de inteligência. Porém, essa quarta etapa está mais para a gestação de uma nova fase do que para um período de realização propriamente dito.

Tanto no quarto estágio, quanto no quinto, o ato de reproduzir uma ação na busca de um fenômeno interessante, ainda continua. No entanto, a diferença é que no quarto estágio a repetição é feita de maneira precisa com o objetivo de alcançar ou reproduzir o resultado interessante. Já no quinto estágio, e como característica concreta da *reação terciária*, a repetição é feita não mais com exatidão e sim provocando variações graduais, de modo a descobrir flutuações em seus resultados. Aqui há uma nova interface na coordenação dos esquemas e está ligeiramente integrada na busca de novos meios.

Essas variações são esquemas que a própria criança introduz ao meio. São ações que vão sendo colocadas em prática pouco a pouco. Piaget (1970, p. 249-310) titula esses novos esquemas de “*experimentos para ver*”, definindo-os como algo implícito na ampliação da exploração do ambiente externo.

Com isso a criança faz perceber que está explorando as potencialidades do objeto, variando as ações e verificando como esse novo meio a

Figura 5

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

afeta.

A reação circular terciária vem, quase que obrigatoriamente, precedida da reação secundária. No quinto estágio, a repetição, assim como suas variações, são feitas posteriormente ao conhecimento do resultado das ações, como uma amostra antecessora da reação circular secundária.

Com a aquisição bem definida da coordenação entre os “meios – fins” e a busca de novos meios, a criança adquire um grau de desenvolvimento intelectual que Piaget denomina como “*novos atos completos de inteligência*”, no qual se é capaz de resolver problemas que necessitam de meios novos e desconhecidos. Através de “*experimentos para ver*” ou em tentativas e erros, ela consegue eventualmente usufruir de técnicas instrumentais eficientes que até então eram desconhecidas.

Por tanto, ao longo desta etapa, a criança apresenta condições motoras e cognitivas para alcançar um objeto que não esteja ao seu alcance. Inicialmente, ela pode utilizar-se de algo que esteja diretamente conectado ao objeto (ex. puxar o barbante, o lençol, a almofada ou qualquer outro objeto que esteja ligado ao que deseja). Mais tarde, ela é capaz até de se apropriar de um outro meio

para atingir o objeto desejado (como usar uma vara).

“A quinta fase, pelo contrário, cujo estudo abordamos agora, é predominantemente a fase da elaboração do ‘objeto’. Com efeito, é caracterizada pela constituição de novos esquemas devido não mais a simples reprodução de resultados fortuitos, mas a uma espécie de experimentação ou de busca da novidade como a quinta fase reconhece-se pelo aparecimento de um tipo superior de coordenação dos esquemas: a coordenação dirigida pela busca de novos ‘meios’.”

(PIAGET, 1970)

Características Comportamentais

- Uma tampa de panela e uma colher de pau são instrumentos que a criança se serve para descargas de suas necessidades motriz, pois percebendo que eles não destroem, diminui seu temor por tendências destrutivas, e conseqüentemente, o sentimento de culpa.
- Anda só e explora os ambientes da casa.
- Tem início o exercício de encaixar e empilhar; pode empilhar dois ou três cubos.
- Manifesta ciúmes e reações de rivalidade no jogo.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

- Pode pronunciar cinco ou mais palavras.
- Pela independência na locomoção, suas mãos ficam livres e manifestam interesses por transportar brinquedos ou objetos enquanto andam, puxando por um cordão ou empurrando (ver fig. 6).
- Demonstram maior força e coordenação, inicia-se o uso das duas mãos em conjunto.
- Sua ação é baseada nas sucessivas tentativas de sucesso, como num ato de tentativas e erros (ver fig. 7).
- Têm dificuldade em enfrentar deslocamentos não visíveis, deslocamentos que precisam ser imaginados.
- Demonstram interesse em objetos e sua relação espacial um com outro, como: empilhar vários objetos; colocar e retirar objetos de recipientes; rodar e inverter objetos não mais na perspectiva do eu, mas agora entre outros objetos.

Estágio 6: Invenção de Novos Meios Através de Combinações Mentais (18 meses até por volta dos 2 anos)

O período sensório motor é dividido por Piaget

em três formas de comportamento intencional. O primeiro se aplica a coordenação de meios ou esquemas já conhecidos, o segundo diz respeito a descoberta de novos meios através da experimentação, e o terceiro que corresponde a este estágio, no qual a invenção de novos meios aparece com a coordenação intencional e mental.

Neste estágio, a aquisição de algo novo não se dá mais através de meios ou processos já conhecidos, aqui a solução do problema pode se dar implicitamente antes mesmo da ação.

No quinto estágio, a criança segue uma vasta série de experiências exploratórias explícitas e visíveis, de maneira que no estágio seis, ela já é capaz de propor uma nova solução sem a necessidade de vivenciar o esquema anterior, alcançando a resposta que vai de um processo de experimentação interna, a uma exploração interior de formas e meios.

“(...)a criança torna-se capaz de encontrar meios novos, não mais por simples tateios exteriores ou materiais, senão por combinações interiorizadas, que redundam numa compreensão súbita ou insigth.”

(PIAGET, 1974, p. 17)

Esse poder de inventar e representar novos esquemas que estão fora dos acontecimentos

Figura 6

Figura 7

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

perceptivos, Piaget (1970) denomina como imagens simbólicas. E para elucidar melhor essa observação, Piaget relata uma das experiências realizadas com sua filha Lucienne de um ano e quatro meses:

Coloco então a corrente dentro de uma caixa de fósforos vazia (no lugar dos fósforos) e fecho a caixa, deixando uma abertura de 10mm. Lucienne inicialmente dá voltas completas no objeto, depois tenta pegar a corrente através da abertura. Como não consegue, simplesmente coloca o dedo indicador na abertura e consegue pegar um pedaço da corrente que puxa até resolver completamente o problema. Aqui tem início o problema que desejamos enfatizar. Coloco a corrente novamente na caixa e reduzo a abertura para 3mm. Subentende-se que Lucienne não conhece o mecanismo de abertura da caixa e que não me viu preparar o experimento. Ela possui apenas os dois esquemas anteriores: virar a caixa para esvaziá-la e por o dedo na abertura para tirar a corrente. Ela tenta, em primeiro lugar, este último procedimento: põe o dedo e tateia, procurando a corrente, mas fracassa completamente. Segue-se uma pausa durante a qual Lucienne manifesta uma reação muito curiosa que testemunha não só o fato de que ela tenta pensar na situação e representá-la através da combinação mental das operações que deve realizar, mas também o papel desempenhado pela imitação

na gênese das representações. Lucienne faz em mímica o aumento da abertura. Olha atentamente para a abertura; depois, várias vezes seguidas, abre e fecha a boca, a princípio levemente e depois cada vez mais! Tudo indica que Lucienne compreende que existe uma cavidade abaixo da abertura e que deseja ampliar aquela cavidade.

A tentativa de representação é expressa plasticamente, isto é, dada a impossibilidade de imaginar a situação motora como 'indicador' ou símbolo. Piaget considera que a reação motora que se apresenta para preencher esta função, é exatamente a imitação, isto é, a representação através de ações que, sem dúvida, antes de qualquer imagem mental, possibilitam não apenas dividir em partes os espetáculos presenciados, mas também evocá-los e reproduzi-los a vontade. Ao abrir a boca, Lucienne expressa, e até mesmo, reflete seu desejo de aumentar a abertura da caixa. Assim como frequentemente ela usa a imitação para agir sobre as pessoas e levá-las a reproduzir movimentos interessantes.

Características Comportamentais

- A criança já se movimenta com mais destreza.
- Tem início a lateridade, demonstrando em

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

simples situações tendência a destra ou canhota.

- Sobe e desce escada segurada pela mão, e posteriormente faz sozinha apenas se apoiando (ver fig. 8).

- Já é capaz de empilhar cubos, em média seis peças.

- Enriquece seu vocabulário entendendo dezenas de palavras e pronunciando cada vez mais, associando duas ou três ao mesmo tempo.

- Tem início o interesse social por outras crianças e procura brincar com elas.

- Manifesta interesse pelo que os adultos fazem e tenta imitá-los.

- É capaz de imitar um traço no papel ou na areia.

- Realiza representações não verdadeiras, como pegar um referencial (travesseiro ou lençol) e desenvolve o ritual de dormir: fechando os olhos e chupando o dedo.

1.2. Período das Operações Concretas (2 a 12 anos)

O início do período das operações concretas se dá no final do estágio seis do desenvolvimento sensorio motor, que é por volta dos dois anos

de idade. Esse período é bem amplo quando comparado com o antecessor. Ele abrange o desenvolvimento dos dois aos doze anos e é dividido em mais dois Sub-Períodos. O primeiro, chamado de Sub-Período Pré-Operacional, é a etapa do desenvolvimento que juntamente com o período sensorio motor, referem-se aos estágios, especificamente, analisados nesta pesquisa¹¹. Esse Sub-Período, corresponde a faixa etária dos dois aos sete anos. Já o Segundo Sub-Período, corresponde a faixa de idade que vai dos sete aos doze anos de idade e é intitulada de Sub-Período das Operações Concretas.

O Sub-Período Pré-operacional (2 a 7 anos), possui uma porção muito estudada e explorada por Piaget, ele divide-se em mais dois estágios. O primeiro constitui a idade entre dois a quatro anos e é chamado de *Estágio Pré-conceitual*. Já o segundo estágio deste mesmo Sub-Período, não foi tão desenvolvido e explorado por Piaget quanto o primeiro, porém vale de um rico material de pesquisa. Ele abrange o desenvolvimento da criança dos quatro aos sete anos de idade e é chamado de *Estágio Intuitivo*.

Figura 8

11. Vale ressaltar que a presente pesquisa tem o objetivo de estudar o desenvolvimento infantil no período pré-escolar, que vai do nascimento até os seis anos e onze meses de idade. Assim, os estágios subsequentes a essa idade apresentam-se de forma resumida.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

Sub-Período Pré Operacional (2 a 7 anos)

Ao fim do período sensório motor a criança passa por um momento de transformação em suas funções internas, na qual a realidade não é mais somente um resultado da ação. A partir desse Sub-Período, a criança desenvolve uma coordenação cognitiva, isto é, deixa de ser um simples organismo que age conforme suas ações sensório-motoras, e passa a ter um pensamento representativo da realidade.

Essa capacidade de representação simbólica é um mecanismo único, privado e individual, que abrange, simultaneamente, toda uma extensão de eventos isolados. É um procedimento rápido e móvel, possível de evocar o passado, representar o presente e antecipar o futuro, através de um ato organizado e curto no tempo (ver Cap. II)

Com o passar dos anos e crescimento da criança, a representação simbólica, segundo Piaget, vai se aprimorando e refinando, de modo que a capacidade de imitar torna-se um mecanismo interno e passível de análise, sem a necessidade de externá-lo. Essa representação simbólica interna, assume a forma de uma imagem, que por sua vez, constitui um ícone

ou mensagem que a criança pode usar como esboço ou esquema antecipatório de ações futuras, ainda não realizadas.

De acordo com Flavell (1988), o conceito Pré-Operacional formulado por Piaget decorre de alguns pensamentos básicos, que estão descritos a seguir:

Egocentrismo - aqui a criança é egocêntrica em relação às suas representações e as dos outros. Ela pensa que tudo que acontece, tem a ver com suas vontades e ocorre por alguma coisa que tenha feito. Ela sente uma grande dificuldade e incapacidade de reconhecer o ponto de vista do outro. Não consegue assumir o papel de outra pessoa, ou ainda, coordenar seu ponto de vista com os demais. Não sente necessidade de justificar sua idéia para os outros e, muito menos, tentar procurar possíveis contradições em seu raciocínio.

Centração e Descentração - a tendência a centrar, é uma das características mais marcantes do pensamento Pré-Operacional. Aqui a criança sente uma grande dificuldade em descentrar uma idéia a qual o raciocínio incide. É incapaz de considerar outros aspectos que poderiam compensar ou equilibrar os efeitos da centração. Sua resposta aos

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

problemas é analisada de maneira particular e sobre apenas um aspecto por vez. Não apresenta ainda a conservação de quantidade, peso e volume. Como por exemplo: Em contato com dois recipientes que contenham a mesma quantidade de líquido, porém um deles apresentando um formato mais largo e mais curto que o outro, a criança afirma que um dos dois recipientes está mais cheio. Ela centraliza sua análise apenas na largura de um, ou na altura de outro, e deixa de descentrar, ou seja, levar em conta simultaneamente os aspectos de largura e altura e a relação entre um e outro. Para julgar esse tipo de problema, a criança usa inicialmente apenas critérios perceptivos, ficando com uma resposta imperfeita.

Estados e Transformações – Aqui, a criança manifesta a tendência em focalizar a atenção em configurações sucessivas de um acontecimento, e não consegue objetivar as transformações pelas quais um estado se converte em outro. Quando isso ocorre, tem dificuldade em inserir os esquemas adquiridos em um sistema coerente e de causas objetivas.

Equilíbrio - esse pensamento se caracteriza pela falta de equilíbrio entre a assimilação e acomodação.

A criança tem grande dificuldade de se acomodar aos novos esquemas, utiliza-se artifícios antigos de assimilação e de maneira racional, com a qual ainda preserva intacto os aspectos de organização assimilativa anterior.

Ação – as representações estão mais para uma ação explícita, em seus aspectos formais e funcionais, do que ocorre com crianças mais velhas e com os adultos. Ao invés de esquematizar e reorganizar os acontecimentos, como fazem as crianças mais velhas, a criança pequena imprime as seqüências de fatos em sua mente, como fazia em ações explícitas. As coisas são aquilo que parecem ser na percepção imediata e egocêntrica. Os sonhos, nomes, pensamentos, obrigações morais e etc, são concretizados sob a forma de entidades quase tangíveis. É por isso que o pensamento Pré-Operacional é considerado extremamente concreto.

Irreversibilidade – Nesse pensamento a criança é incapaz de reverter uma idéia. Em geral, ela cai constantemente em contradição, pois não é capaz de alterar sua premissa durante uma seqüência de raciocínio. Um estado de pensamento reversível é dinâmico e móvel, reorganiza as aparentes distorções através de descentrações sucessivas e

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

rápidas, alcança um equilíbrio estável e coerente.

Conceitos e raciocínio – A criança tende a ligar um acontecimento ao outro, centrando-se em um aspecto atraente do acontecimento, e tira conclusões de um outro acontecimento perceptualmente atraente. Ela sobrepõe fatos em que qualquer coisa pode ter uma causa identificável.

O Sub-Período Pré-Operacional está dividido em dois Estágios:

Pré-Conceitual (2 a 4 anos)

Intuitivo (4 a 7 anos)

Estágio Pré-Conceitual (2 – 4 anos)

Mesmo com o desenvolvimento gradual da linguagem, a criança é incapaz de formar conceitos verdadeiros e seu pensamento ainda continua preso às suas ações.

Na medida que o pensamento representativo vai se desenvolvendo, a linguagem é utilizada pela criança para relembrar ações ou descrever objetos, porém, não atribui uma palavra em relação a uma classe de objetos, e sim, a numerosas ações ou experiências semelhantes que muitas vezes não são coerentes.

Através da imitação, que neste estágio é considerada uma manifestação inconsciente, a criança demonstra um comportamento egocêntrico, principalmente quando analisado do ponto de vista social. Cópia de seus vizinhos, idéias ou modelos sem perceber e é incapaz de reconhecer que tenha copiado, negando o fato indignadamente. Ela imagina que descobriu ou desenvolveu por si só. Há uma tendência a confundir-se o eu com o não-eu, e suas próprias atividades com as de outras pessoas. Com isso não obedecem as regras, fato que só se dará por volta dos sete anos.

A criança neste estágio tende a fazer justaposições de idéias, nas quais uma não necessariamente possui relação com a outra. Sempre que indagadas com uma pergunta, elas apresentam uma resposta, independente do contexto. Essas respostas são dadas de acordo com uma analogia imediata e momentânea de palavras e objetos, podendo até apresentar respostas diferentes, quando indagadas com a mesma pergunta num momento posterior. Tal incoerência de pensamentos, não incomoda e não estimula a criança refazer suas observações, isso se deve, pela tendência espontânea de observar coisas através de um ato de percepção amplo, sendo

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

incapaz de traduzir por etapas e compreender onde e quando uma se relaciona com outra.

Um exemplo dado por Piaget, ilustra bem esse conceito:

“P. acha que o sol e a lua são vivos porque se movem, mas uma bicicleta não o é, ‘porque precisa ser empurrada’, nem o fogo ‘porque precisa ser aceso’, nem os rios ‘porque o ar faz com que se movam’. Parece que P. apresenta um caso típico de criança que identifica vida com movimento próprio. Contudo, nega vida ao vento do norte, embora ele se mova por si próprio, ‘por que ele não fala’. Mas os peixes ‘não falam e são vivos. Eles nadam’.”

Características Comportamentais

- Anda nas pontas dos pés.
- Os movimentos finos se tornam mais precisos.
- Pode manifestar atitudes agressivas.
- Há um planejamento da ação, substitui a ação do acaso por uma preestabelecida mentalmente.
- Possui mais facilidade para distinção entre as cores, em média três.
- Começa a separar e agrupar objetos de acordo com alguns atributos básicos: cor, forma

e tamanho.

- Demonstra interesse em livros de história com imagens que identificam.
- Empilha cubos com mais destreza e cada vez mais com um número maior de peças.
- Entre dois e três anos, a criança demonstra maior interesse para as formas que se combinam mutuamente do que para as cores. E entre os três e seis anos, as cores são mais atraentes que as formas.
- Aos quatro anos desenhavam formas geométricas simples.
- Tem início o conceito de quantidade, porém ainda é de forma perceptiva. Em dois grupos distintos de objetos, a criança considera o que tem um maior número de peças aquele que ocupa o maior espaço, independente da quantidade contida.
- Até por volta dos três anos de idade brinca com outras crianças de maneira individual (brincadeira paralela), ficam próximas, porém com brincadeiras próprias.
- Após os três anos tem início a troca de brinquedos, e a criança aprende a dividir e aguardar sua vez de brincar.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

- No jogo simbólico, procuram brincar com objetos que representam a vida cotidiana dos adultos (ver fig. 9).
- Demonstram interesses em ensaiar novas habilidades e verificar suas capacidades.
- Procuram explorar ao máximo seu ambiente circundante, com o interesse em desenvolver sua autoconfiança e início de independência.

Estágio Intuitivo (4 a 7 anos)

Nesta fase, a criança começa a ter pequenos sinais de coordenação perceptiva, e formam simples conceitos. Centralizam sua percepção em análises individuais, nos quais onde só um aspecto ou área pode ser tocado ou visto de cada vez. E essas formas de coordenação ainda não são capazes de fazer comparações mentais, de maneira que as respostas são dadas em virtude de um pensamento perceptivo imediato, e a ação é que irá traduzi-las.

Ainda com falta da capacidade de um pensamento linear, a criança tem numerosas limitações no pensamento, e não consegue trabalhar com a questão da reversibilidade do pensamento

conceitual que se deriva de operações mentais, e permanece com sintomas claros de justaposições de idéias. É como se ela tivesse na base de seu pensamento as conseqüências e não as causas.

O pensamento egocêntrico ainda permanece. Acredita que os objetos têm vida e que os sentimentos e fenômenos naturais são controlados pelo homem.

O fato de não conseguir compreender relações simples, dificulta ainda mais o entendimento que envolve duas relações ligadas entre si, como o caso da relação de irmãos, demonstrado por Piaget no exemplo a seguir:

Jacqueline. Com 7 anos e 6 meses, quando lhe dizem: Você tem irmãos? Ela responde: Dois (Paul e Albert). Paul tem irmãos? Não. E sua irmã tem irmãos? Dois, (ela se deixa de fora). E uma hora mais tarde, depois de uma explicação que pareceu compreender: Albert tem irmãos? Um (Paul).

O emprego de certas palavras para criança pode soar confuso. O fato de obrigatoriamente necessitar de um parâmetro para relacionar e decifrar melhor seu significado, faz com que ela não as utilizem de maneira adequada. Isso se deve ao fato de não possuir, ainda, a capacidade das relações mentais.

Figura 9

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

Para ela, as palavras como: menor e maior; direita e esquerda; norte e sul; amigo e inimigo são atributos que para terem um significado, necessitam de uma seqüência ou relação com outros parâmetros. Diferentemente de palavras mais fechadas, onde a simples comparação única traz entendimento, como: grande e pequeno.

Neste estágio, apesar da criança ter consciência da existência de regras em determinados jogos, ainda não se sente estimulada para segui-las. No entanto, as brincadeiras representativas de ordem fictícia e até mesmo fantasiosa, com o passar do tempo vão dando lugar a imitações da realidade com as quais procuram, na maioria das vezes, representar o dia-dia dos afazeres de seus pais.

Segundo Flavell (1988), a relação de quantidade/número, também é algo de difícil compreensão, principalmente para as crianças que estão no início desse estágio, pois a falta de uma estrutura mental completa, impossibilita o raciocínio das relações de um todo e suas partes e, mais precisamente pelo fato da quantidade não ser conservada quando a forma se altera. Nesse sentido, a criança acredita que o fato de um conjunto de peças ocupar mais espaço que outro conjunto mais unido, quer dizer

que o primeiro possui um número maior.

De acordo com seus testes, Piaget relata que crianças são capazes de compreender a conservação: de números e substância por volta dos seis anos; de peso e área por volta dos oito anos; e de volume, apenas depois dos dez anos de idade.

O raciocínio necessário para o uso da medição através de um parâmetro, trata-se de outro item que a criança ainda não domina. Num exemplo de Piaget, ele construiu uma torre e pediu para que as crianças fizessem outra exatamente da mesma altura (porém, com as bases distantes entre si e, ainda, 90 cm mais baixa que a outra) e forneceu uma vara da mesma medida que a torre para auxiliá-los na medição. Nenhuma das crianças quis utilizar o instrumento para medir, julgaram que a igualdade na altura, elas conseguiriam apenas no olhar, dizendo: “agente pode ver”. Somente as crianças mais velhas é que usavam as mãos sobre as torres e apontavam a vara de uma para outra, mas ignorando a diferença nas bases.

Isso resulta na incapacidade de medição de acordo com o seguinte esquema: $A=B$ e $B=C$, logo $A=C$. Onde B corresponde a vara e A, a primeira torre construída.

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

Características Comportamentais

- Fala de maneira inteligível e aos poucos vão deixando de pronunciar a linguagem características da pequena infância.

- Sabe contar os dedos da mão.

- Ouve uma história e pode repetir os fatos posteriormente.

- Até os cinco anos reconhece quatro cores diferentes.

- Suas atividades passam a ser basicamente em grupo.

- Tem interesse em desmontar e montar brinquedos para ver seu funcionamento interno (ver fig. 10).

- Realizam montagem de acordo com sua imaginação ou seguindo um modelo simples.

- Nos desenhos, é capaz de representar não somente o que vê, mas também aquilo que conhece.

- São capazes de separar objetos de acordo com um atributo de forma mais precisa que no período anterior, (separar os quadrados, ou os vermelhos), porém sente muita dificuldade na relação de dois atributos (separar os quadrados vermelhos).

- Reconhece tamanho e forma com mais facilidade e distingue grande e pequeno.

- Demonstra interesse pelas atividades dos adultos e procura imita-los com mais detalhes.

- Começa a demonstrar indícios de argumentação sobre aquilo que pensa, porém ainda não são baseados em fatos ou em conceito lógico como os adultos. Fazem por desejos, vontades ou mesmo medo de algo.

- Por volta dos cinco anos pode ser capaz de contar objetos em pequenas séries.

- A partir dos seis anos, a criança volta a demonstrar maior interesse nas formas do que para as cores.

- Tem interesse em letras e números, sua sonoridade e forma. Gostam de brinquedos e jogos que relacionam as figuras com palavras (ou letras), e ainda, números com quantidade (ver fig. 11).

- É comum que crianças de seis e sete anos tenham dificuldades em fazer distinções em letras e números que possuem uma sutil diferença, como entre: p e q; b e d; 3 e E.

- Ao longo deste período sua percepção vai sendo cada vez mais apurada. Percebe detalhes

Figura 10

Figura 11

CAPÍTULO I - Desenvolvimento Infantil

essenciais e ainda prevê situações futuras e absurdas (como o que acontece se pisarmos em uma casca de banana).

· Ao final deste período, começa a participar de jogos de regras em grupos, com interesse voltado na vitória e competição.

Sub-Período das Operações Concretas (7 a 12 anos)

A partir deste período, a criança demonstra compreender o raciocínio mental reversível, com a qual a percepção das ações pode ser reformulada. Constitui numa fase de transição entre a ação e as estruturas lógicas mais gerais do pensamento. As operações ainda são baseadas em objetos, e não em hipóteses anunciadas verbalmente.

Forma alguns princípios simples, com a interação de suas idéias com outras opiniões.

Ausente nos estágios anteriores, a criança neste período já é capaz de ter o controle de conservação quanto ao peso, quantidade, massa, volume, fatores espaciais e alfanuméricos.

No campo social, inicia-se a escolarização e sua vivência social é mais intensa e complexa. Trabalha a alfabetização de maneira sistemática.

1.3. Período das Operações Formais

(12 anos em diante)

Nesse período, o adolescente apresenta um pensamento livre, que trabalha de forma hipotética e dedutiva. Suas organizações mentais não são mais baseadas naquilo que chega através dos sentidos, liberta-se inteiramente do objeto e parte do potencial de imaginar o que poderia estar ali. Frente a um problema, e por meio da experimentação e análise, ele é capaz de prever todas as relações possíveis de resultados, sejam eles negativos ou positivos.

CAPÍTULO II

Brincadeira e Educação

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

Tendo em vista que muita das habilidades adquirida pela criança advém de suas experiências, torna-se necessária uma maior explanação sobre sua relação com brinquedo e as diferentes formas de aprendizagem que ele pode proporcionar.

Dessa maneira, a seguir são apresentados alguns critérios que determinam o *jogo*, a *brincadeira* e o *brinquedo* e, posteriormente, suas contribuições no processo de educação e desenvolvimento da criança.

1. Jogo, Brinquedo e Brincadeira

A discriminação do significado dos termos: *jogo*, *brinquedo* e *brincadeira* nem sempre são bem definidas. É possível notar, em alguns casos, que os limites que os separam são quase que imperceptíveis, da mesma forma que em outras situações, as diferenças são bem mais claras.

A pluralidade do significado do *jogo*, por exemplo, dificulta ainda mais a busca de sua definição.

Para Huizinga (1971, p. 9), quanto mais se esforça por estabelecer uma separação entre aquilo a que chamamos de *jogo* e outras formas aparentemente relacionadas a este termo, mais se evidencia

a absoluta independência do conceito de *jogo*.

A palavra *jogo* pode ser utilizada para designar diferentes especificidades, como: jogo de futebol; jogo imobiliário; jogo político; jogo de luzes; jogo de tênis; jogo de empurra; jogo de cartas; entre muitas outras situações passíveis de uso.

No entanto, qual seria a relação entre todos esses termos? Será possível determinar semelhanças entre o jogo de vídeo-game das crianças e o jogo político praticado por muitos de nossos representantes do governo? O jogo imobiliário com o jogo de Basquete? Ou ainda o jogo de dama com o jogo de baseball?

E o que dizer do jogo quando se refere a um conjunto específico de peças ou situações. Exemplo: jogo de chaves de fenda; jogo de luzes; jogo de interesses e etc.

A Professora Tizuko Morchida da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo diz que:

“A variedade de fenômenos considerados como jogo mostra a complexidade da tarefa de defini-lo. A dificuldade aumenta quando se percebe que um mesmo comportamento pode ser visto como jogo ou não jogo. Se para um observador externo a ação da criança indígena que se diverte atirando com arco e flecha em pequenos

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

animais é uma brincadeira, para a comunidade indígena nada mais é que uma forma de preparo para a arte da caça necessária à subsistência da tribo(...) Uma mesma conduta pode ser jogo ou não jogo em diferentes culturas, dependendo do significado a ela atribuído. Por tais razões fica difícil elaborar uma definição de jogo que englobe a multiplicidade de suas manifestações concretas. Todos os jogos possuem peculiaridades que os aproximam ou distanciam.”

(KISHIMOTO, 1994, p. 15)

Na busca de alguma característica em comum atribuída ao uso da palavra **jogo** em nossa língua, percebemos, através do Dicionário Aurélio¹², mais de vinte¹³ ocasiões diferentes em que são possíveis o emprego do termo.

Jogo (ô). {Do Lat. Jocu, ‘gracejo’, ‘zombaria’, que tardiamente tomou o lugar de ludus.} S. m. 1. Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho: jogo de damas; jogo de futebol. 2. Brinquedo, passatempo, divertimento: jogo de armar; jogos de salão. 3. Passatempo ou loteria sujeito a regras e no qual, às vezes, se arrisca dinheiro: jogo de cartas; jogo do bicho. 4. Regras que devem ser observadas quando se joga. 5. Jogo de azar.

Se verificarmos a utilização da palavra **jogo**, não

só pela vocalização usual de crianças e adultos, mas também pela definição apresentada no Aurélio, notamos a existência de duas aplicações principais¹⁴ para seu uso:

Ação – é a atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou ganho (**jogar**). A ação é predominantemente o ato para o exercício do jogar, diz respeito exclusivamente a atividade.

Objeto – objeto ao qual será exercida a ação do jogo. É o instrumento concreto ou virtual que proporciona a atividade.

Jogar – é a ação no **jogo** e se confunde com a brincadeira.

Objeto – representa o objeto concreto ou virtual que é denominado **jogo** e se confunde com o brinquedo.

Nesse sentido, basicamente, o que caracteriza o **jogo** é a existência estruturada de regras, a disputa ou competição existente no ato, e o ‘objeto’ como instrumento que proporciona a atividade.

No que se refere a ‘perda-ganho’, ou ainda, ‘disputa-competição’, vem ao encontro da caracterização de Vygotsky (1984) para a palavra **jogo**. Isso, mais no sentido do prazer ou desprazer que

12. FERREIRO, Aurélio B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, p.1163.

13. Ver o significado do termo na íntegra em Anexo.

14. A análise da pesquisa se restringe aos critérios suscetíveis a contradições (confusões) do termo jogo, com: brinquedo e brincadeira.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

determinado *jogo* proporciona, do que na definição específica do termo. Mas ainda assim, auxilia na confirmação dessa reação de disputa e competição voluntária na atividade do jogar.

“(...) existem jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante. Os jogos esportivos (não somente os esportes atléticos, mas também outros jogos que podem ser ganhos ou perdidos) são, com muita frequência, acompanhados de desprazer, quando o resultado é desfavorável para a criança.”

(VYGOTSKY, 1984, p. 105)

Desse modo, podemos identificar três critérios básicos contidos no significado do *jogo*:

1. Regras bem estruturadas.
2. Disputa, competição.
3. Objeto.

As regras no *jogo*, são esquemas bem elaborados e pré-determinados. Funcionam como o alicerce da atividade que, quando quebrado, pode trazer descontentamento, atritos, discussões e até a suspensão do jogo. Dificilmente, as regras no jogo são alteradas.

“Por sua vez, estas regras são um fator muito importante para o conceito de jogo. Todo jogo tem suas regras (...) As regras de todos os jogos são absolutas e

não permitem discussão (...) O jogador que desrespeita ou ignora as regras é um desmancha-prazeres.”

(HUIZINGA, 1971, p. 14)

Em muitas ocasiões, o ‘objeto’ do jogo já vem constituído com regras claras e bem elaboradas, que direcionam os participantes ao longo da atividade.

Assim como a regra, a competição, também está sempre presente no *jogo*, por mais que não pareça. Vem sempre atrelada a um objetivo, uma meta. Essa disputa pode ocorrer entre jogadores, onde o *objetivo concreto*¹⁵ do *jogo* será sempre estar à frente do adversário, seja numa competição em equipe ou individual. Os critérios que diferenciam a perda ou ganho de um determinado grupo está nas regras e características específicas de cada *jogo*. No caso do *jogo* individual, como por exemplo: jogo de dardos; jogo de paciência; resta um; entre outros, a disputa ocorre no objetivo de superar a si próprio. Então, a tentativa sempre será no sentido de melhorar seus resultados, de maneira que as melhores jogadas anteriores sempre serão seus maiores adversários. E isso pode ser delimitado através da pontuação, do tempo, de jogadas mais precisas ou quaisquer outras características do *jogo*.

O ‘objeto’ a que se refere o *jogo* diz sobre algo

15. Objetivo Concreto: aqui se refere à prática do jogo propriamente dito. Levando-se em conta as regras, as quais indicam a superioridade de um indivíduo ou uma equipe, sem levar em conta os valores intrínsecos de seus participantes.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

no qual proporcionará a ação. Ele pode ser concreto, ou virtual, bi ou tridimensional. Normalmente, a ele, já vêm atribuídos algumas regras as quais conduzem para a prática correta que foi desenvolvido. Aqui, o que o caracteriza, não é somente sua estrutura física ou visual, e sim a complexidade e o respeito às regras que o delimitam. Nesse sentido, percebemos que o 'objeto' do *jogo* está muito mais atrelado ao condicionamento das regras e às condições de perda e ganho, do que em relação a sua própria forma. Podemos verificar esses conceitos se analisarmos a estrutura das regras de determinados *jogos*, como por exemplo: o jogo de futebol; jogo de poker; jogo de xadrez; Máster; Detetive; jogo de taco; Mário Bros; 007; Counter Striker; GTA; Nid for Speed II.¹⁶

“Da mesma forma que os jogos são um tipo diferente de brincadeira. Eles são altamente estruturados e incluem regras específicas a serem seguidas.”

(SPODEK ; SARACHO, 1998, p. 217)

A questão da existência de regras bem estruturadas nas atividades de *jogo* parece ser uma unanimidade entre os autores que discutem o tema. E essa peculiaridade auxilia no caminho da distinção entre o *jogo* (ação - jogar) e a *brincadeira*

(brincar).

A *brincadeira*¹⁷ ou o brincar são tidos como o ato (ação) de divertimento, alegria e de descontração, provindo, sobretudo, das crianças.

Brincadeira. {De brincar + deira.} S. f. 1. Ato ou efeito de brincar; brinco. 2. Divertimento, sobretudo entre crianças: brinquedo, jogo. 3. Passatempo, entretenimento, entretenimento, divertimento: Passaram a noite em alegres *brincadeiras*.¹⁸

Percebe-se que os únicos atributos que caracterizam a *brincadeira* estão ligados quase que exclusivamente ao ato ou ação, e esses por sua vez, interligados ao sentimento de alegria, descontração, entretenimento, passatempo, e quaisquer outras qualidades que remetem ao prazer e divertimento.

Por representar algo irreverente e prazeroso, a *brincadeira* é tida como uma atividade de descontração, de forma que os participantes estão em busca simplesmente do divertimento que ela proporciona.

Assim como no *jogo*, a *brincadeira* também pode apresentar alguns sinais no sentido da existência de regras, disputas e o uso de um objeto. Porém, esses esquemas não são determinantes para concretização de seu ato, e mesmo quando

16. Os sublinhados referem-se a Jogos virtuais, que se tornaram mania entre crianças e adolescentes nos últimos anos.

17. FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, p.332.

18 Ver o significado do termo na íntegra em Anexo.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

presentes, seus valores e sua intensidade não se comparam ao que se tem no **jogo**.

“O vocabulário ‘brinquedo’ não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. E a brincadeira? (...) Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Desta forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo.”

(KISHIMOTO, 1994, p. 21)

É possível realizar **brincadeiras** sem ter a necessidade de disputa, de obedecer plenamente às regras, ou ainda, servir de um objeto para tal. As regras na **brincadeira**, podem ser pré-determinadas ou desenvolvidas e alteradas ao longo da atividade, e isso se deve ao baixo interesse de **ganho** ou **perda**. Sua busca é quase que exclusivamente do prazer e divertimento. Isso fica mais evidente ao analisar algumas atividades com características mais claras da brincadeira, como: passa-anel; pega-pega; bola de gude; mãe da rua; pula-pula; perna de pau; esconde-esconde; iô-iô; brincadeira do elástico; pipa; vai e vem; peteca; brincar de

boneca; brincar de casinha; pintar; brincar com peão; ciranda; pular corda.

É importante ressaltar que para haver a **brincadeira**, o requisito básico é a ação que o indivíduo deverá realizar na busca do divertimento e prazer, de modo que o uso de qualquer objeto ou manifestação voluntária (mesmo sem objeto), pode ser considerado como **brincadeira**. Como por exemplo: pular na cama, manuseio de qualquer utensílio doméstico, chutar bola um para o outro, chutar bola na parede, brincar de piscar um para o outro, brincar de equilibrar uma vassoura, acertar um buraco ou recipiente com um outro objeto, pular de um pé só, brincar de fazer caretas, brincar de dançar igual bobo, entre outras.

“Na verdade, o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança; além do mais é uma atividade livre, que não pode ser delimitada.”

(BROUGÈRE, 1995, p. 13)

Porém, ainda assim, muitas **brincadeiras** possuem aspectos naturais semelhantes ao **jogo**, e os participantes não hesitam em alterá-los. Nesse sentido, na atividade, quanto mais as regras são acrescentadas, quanto mais as disputas são

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

acirradas, quanto mais o ganho é venerado, mais ela se completa como *jogo*. O que pode ser determinante nessa história, é a intensidade aplicada em cada uma dessas características, que podem vir a ter o significado de jogo (para as atividades com maior intensidade: nas regras, e na disputa), ou de brincadeira (para as atividades que não apresentam regra e disputa, ou ainda, que apresentam com pouca intensidade).

Já em relação ao *brinquedo*¹⁹, o que o caracteriza é o fato de servir como um objeto para as crianças brincarem, jogarem, ou ainda, divertirse como passatempo.

Brinquedo (ê). {De brincar.} S. m. 1. Objeto que serve para as crianças brincarem: *brinquedo mecânico; loja de brinquedo*. 2. jogo (1) de crianças; brincadeiras: *brinquedo de amarelinha; brinquedo de pegar*. 3. Diver-timento, passatempo, brincadeira.²⁰

O *brinquedo*, diferindo do *jogo*, supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização (KISHIMOTO, 1994, p.18).

Assim como na *brincadeira*, o *brinquedo* está atrelado ao mundo infantil, ao entretenimen-

to direto das crianças, mas, no entanto, isso não significa que os adultos não participam ou não usufruam desses objetos.

Brougère (1995, p.14) comenta que o brinquedo é um fornecedor de representações manipuláveis de imagens com volume, e a grande originalidade e especificidade do *brinquedo* é trazer a terceira dimensão para o mundo da representação, de modo que o valor simbólico sobressaia à função. Porém, ele diz que essa imagem manipulável deve ser adaptada a criança tanto no que diz respeito ao seu conteúdo quanto à sua forma, para ser verdadeiramente reconhecida como brinquedo.

Dessa forma, o brinquedo pode ser compreendido por duas maneiras:

1. Pelo objeto que foi desenvolvido para desempenhar alguma atividade lúdica com o usuário;
2. Qualquer outro objeto que receba uma atividade prática subsequente a uma representação mental lúdica.

Na maioria dos casos, o *brinquedo* pode ser identificado apenas pelas formas, cores e representações lúdicas que o compõem. Seu aspecto formal sempre dará conotações a alegria, irreverência e

19. FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, p.333.

20. Ver o significado do termo na íntegra em Anexo.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

ao divertimento, sempre no sentido contrário da seriedade. Nesse sentido, quanto mais o *brinquedo* (objeto) possui características estruturadas em relação às regras, disputas e objetivos, mais ele caminha em direção ao *jogo*. Por outro lado, se não houver, ou ainda, se a intensidade atrelada a esse brinquedo (objeto) for pequena em relação aos mesmos critérios, mais ele permanece no campo do *brinquedo*, onde sua função será servir de instrumento lúdico para brincadeira.

O brinquedo não parece definido por uma função precisa: trata-se, antes de tudo, de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionando a regra ou a princípios de utilização de outra natureza (BROUGÈRE, 1995, p.13).

Assim como na *brincadeira*, em que o relevante é ação da criança ou do sujeito, o *brinquedo* pode vir a ser qualquer objeto no qual é aplicada uma representação lúdica ou simbólica, que a partir daquele exato momento será caracterizado como *brinquedo*. Por exemplo: uso da vassoura como representação simbólica de um cavalo; uso de embalagens vazias como representação de painéis e utensílios domésticos; uso de um pedaço de madeira como representação de um carrinho ou até

mesmo de um celular.

Mas o grande problema encontrado em relação aos termos, está no emprego das palavras sem a preocupação de distingui-las. E isso é um problema tipicamente brasileiro. Bomtempo (1994) comenta que na linguagem cotidiana e mesmo nos diversos livros que tratam do assunto, vemos empregadas as palavras *jogo*, *brinquedo*, *brincadeira*, sem preocupação de diferenciá-las ou delimitá-las (BOMTEMPO, 1990, p. 36). Isso demonstra um nível baixo de conceituação destes termos (KISHIMOTO, 1994, p. 17).

A dificuldade aumenta quando aparece o conceito de autores estrangeiro, em que o emprego dos termos não consegue abranger o significado daquilo que possa representar em nossa língua, ou ainda, a sua tradução não condiz exatamente com aquilo que o autor pretendia descrever.

Isso fica evidente nos textos traduzidos, em que o tradutor se utiliza apenas de um termo específico em todas as colocações, mesmo quando caberia o uso de outros.

No Livro, *Homo Ludens – vom Ursprung der Kultur im Spiel* de *Johan Huizinga* (1872-1945), é traduzido para o português (brasileiro) por *João*

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

Paulo Monteiro, com o nome de *Homo Ludens – O jogo como elemento da cultura*. Ao longo do texto, Huizinga faz inúmeras citações daquilo que para nós poderia significar brinquedo, brincadeira e jogo, porém o tradutor restringe ao uso único do termo *jogo*, e comenta o assunto em nota de rodapé, dizendo:

“A diferença entre as principais línguas européias (onde spielen, to play, jouer, jugar significam tanto jogar como brincar) e a nossa nos obriga freqüentemente a escolher um ou outro destes dois, sacrificando assim à exatidão da tradução uma unidade terminológica que só naqueles idiomas seria possível.”

(MONTEIRO, 1971)²¹

Assim, ao longo da leitura de livros estrangeiros traduzidos para o português (brasileiro), percebe-se que a tradução dificilmente trabalha com os três termos distintamente na mesma obra, e isso acaba dificultando não só a compreensão de seu conceito, como também, o trajeto para delimitar seu real significado.

O objetivo aqui, não é ditar regras sobre os critérios que separam um do outro, mas talvez, indicar o caminho de uma melhor identificação para o uso mais adequado dos termos, e para isso, a solução possa estar em caracterizar seus significados

de acordo com o conhecimento e estudo cultural do país, de modo que esteja atrelado ao seu cotidiano.

2. Aprender Brincando

O brincar²² é uma atividade presente na vida de todo ser humano. Na fase infantil, é considerado como uma das principais ocupações da criança, sendo responsável por preencher grande parte do tempo.

Para a criança, a preocupação está justamente em ocupar seu tempo livre com brincadeiras divertidas e prazerosas. Por um outro lado, para os pais, a brincadeira pode soar como um tempo extra para exercerem outras atividades do seu dia-dia.

Tendo em vista que o cuidar de criança requer sempre uma atenção especial daqueles que estão como responsáveis pela sua guarda, sejam eles: pais; educadores ou familiares. Numa análise superficial, podemos deduzir que ocupando seu tempo de forma a mantê-la comprometida com um objeto ou uma atividade qualquer, alcançam assim, alguns minutos de descanso. Nesse sentido, isso parece uma boa justificativa sobre o grande estímulo que os adultos, em geral, promovem ao manter o tempo livre das crianças ocupado.

21. Nota do tradutor: HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João P. Monteiro. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 03.

22. Aqui, toda citação dos termos: Brincadeira; brincar; jogo; jogar, terão a mesma conotação, pois representam a atividade lúdica como meio de aprendizagem.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

E para a criança esse incentivo ao passatempo demonstra ser algo, no mínimo, interessante, pois supre sua curiosidade imediata.

A partir deste contexto, surgem algumas questões que colocam em discussão a relação do brincar com o processo de educação da criança: Brincar aprendendo ou brincar por brincar? Brincar como tarefa ou na busca do prazer? A brincadeira deve ser tomada como algo sério ou não sério? A brincadeira deve ser orientada? Como o adulto deve agir para facilitar a aprendizagem da criança? Quais aspectos são realmente relevantes? O brinquedo pode ser considerado como um instrumento para a aprendizagem? Qual é a função do brinquedo? Qual o significado da sua existência? Em quais aspectos a brincadeira pode ser útil no processo de aprendizagem?

Trata-se de questões provocantes que conduzem à busca de um entendimento mais coeso sobre o processo de aprendizagem da criança. O fato de como é preenchido esse tempo da criança, é fundamental. Todos os aspectos de seu desenvolvimento (como: capacidade comunicativa, afetiva, sentimental, motora; habilidade representativa, perceptiva, de concentração, de raciocínio, de

exploração, de imaginação, entre inúmeras outras que formam sua personalidade.) refletem sobre as experiências vividas ao longo de sua vida, principalmente aquelas registradas em sua infância.

Há teorias que dizem que a criança é como um quadro em branco, no qual o professor (adulto) escreve o que pretende, sendo ela totalmente moldável pelo meio. No entanto, existem outras que descrevem a criança como ativa e o meio como passivo, e ainda, um terceiro modelo teórico reconhece a integração dos papéis do meio e da criança como elementos ativos no processo de aprendizagem e de desenvolvimento (GOULART, 1989, p.18).

Na verdade, o que chamamos de momento de brincadeira ou passatempo nada mais é do que a atividade rotineira da criança, trata-se do modo como ela vive seu dia-dia, sua forma de expressão frente àquilo que ela tem como realidade do momento.

Na tentativa de identificar algumas características sobre o jogo infantil, Christie (1991, p. 4) elaborou alguns critérios, que entre eles destacam-se:

- *Efeito-positivo*: O jogo infantil é normalmente

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

caracterizado pelos signos do prazer ou da alegria, entre os quais o sorriso. Quando brinca livremente e se satisfaz, a criança o demonstra por meio do sorriso. Esse processo traz inúmeros efeitos positivos aos aspectos corporal, moral e social da criança.

- *Prioridade do processo de brincar:* enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si e não em seus resultados ou efeitos. O jogo infantil só pode receber esta designação quando o objetivo da criança é brincar.

- *Livre escolha:* o jogo infantil só pode ser jogo quando escolhido livre e espontaneamente pela criança. Caso contrário, é trabalho ou ensino.

Toda atividade realizada pela criança, seja ela qual for, é tida como um meio para se alcançar e adquirir certas habilidades específicas, porém suas ações são feitas no sentido lúdico ou necessário da ação, sem se preocupar com os objetivos finais que estão intrinsecamente ligados àquela atividade. Portanto, o fato de o adulto conduzir ou não suas experiências, podem fazer com que haja aquisições diferente de conhecimento.

É claro que isso depende da capacidade de processamento individual de cada criança. Cada qual possui um esquema específico de raciocínio, onde a

informação será captada e compreendida de acordo com seu tempo e, independente da vontade de outros.

O que pode vir a atrapalhar qualquer ação nesse contexto, é a transformação da brincadeira ou de qualquer outra atividade, em tarefa. Na brincadeira, a criança está livre para por em ação toda sua potencialidade, ao mesmo tempo em que se enriquece com novas experiências. Suas representações não têm limites, estão completamente ativas naquele momento, mas ao passo em que suas ações são orientadas para um determinado resultado, para criança, a atividade lúdica vai se tornando uma tarefa na qual os sentimentos de prazer e alegria vão sendo trocados pelos de inquietação e desprazer.

“A exigência de um determinado resultado é o que transforma a atividade em tarefa. Se a criança puder experimentar livremente, sem a preocupação de errar, estará sendo assegurado o principal aspecto da situação. Descobrir formas de conseguir melhores resultados é uma aventura prazerosa que a cobrança dos adultos pode facilmente transformar em tarefa, como aconteceu nas escolas, que acabaram transformando a aventura de descobrir e conhecer, numa enfadonha tarefa, para a

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

realização da qual são necessários prêmios e castigos.”

(CUNHA, 1994, p. 58)

Medeiros (1990, p. 138-139) faz uma crítica aos pais e educadores que ocupam o tempo das crianças sem a preocupação de lhes oferecer brinquedos ou experiências que ampliem e favoreçam seu desenvolvimento. Ela diz que é preciso cuidar ativamente do educar para o uso prazeroso e saudável das horas livres, e que isso não significa a aquisição de brinquedos fartos e variados, e sim um equilíbrio coerente entre o tempo e o meio utilizado como processo, levando-se em conta, também, o problema de carência cultural e a falta de qualidade na alimentação. Pois essas situações inadequadas podem pecar tanto por excesso, quanto por insuficiência.

No entanto, algum esquema de aprendizagem sempre estará ativo, independente do nível processado e o meio em que está sendo estimulado.

Existem muitas teorias clássicas que procuram descrever o motivo pelo qual as crianças brincam. Entre elas está aquela desenvolvida por Mitchell e Mason (1948) que determina quatro classes de teorias da brincadeira:

1. *Teoria da energia excedente* - que postula que a energia excedente do indivíduo será dirigida para o trabalho, se houver um objetivo, ou para brincadeira, na atividade sem objetivo.

2. *Teoria do relaxamento* - quando a brincadeira é realizada para repor as energias gastas após uma atividade desgastante.

3. *Teoria do pré-exercício* - que é tida como algo instintivo, ou ainda, numa preparação para a realidade da vida adulta.

4. *Teoria da recapitulação* - são brincadeiras que remetem ao passado.

Elas, de uma forma geral, procuram evidenciar os critérios que levam o indivíduo a realizar a brincadeira.

E ainda sobre essa questão, Huizinga (1971) vai um pouco mais além dos motivos citados acima e argumenta que o verdadeiro prazer da brincadeira ou do jogo, está em sua intensidade e em seu poder de fascinação:

“(...) é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e característica primordial do jogo. O mais simples raciocínio nos indica que a natureza poderia igualmente ter oferecido a suas criaturas todas essas úteis funções de descarga

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação de desejos insatisfeitos etc., sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicos. Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo. Este último elemento, o divertimento do jogo, resiste a toda análise e interpretação lógica.”

(HUIZINGA, 1971, p. 05)

No entanto, apesar das teorias clássicas contribuírem para uma melhor compreensão do meio, é tido como referência principal para esta pesquisa, as Teorias Dinâmicas, que nos conduzem às respostas mais práticas sobre os esquemas adquiridos por intermédio da brincadeira.

As Teorias Dinâmicas são aquelas que ao invés de explicarem o motivo pelo qual as crianças brincam, procuram evidenciar o conteúdo das brincadeiras e o que elas promovem no desenvolvimento do indivíduo. São baseadas, praticamente, na teoria construtivista e na psicodinâmica (SPODEK; SARACHO, 1998, p. 212).

Dentro da teoria construtivista, os estudos de Piaget (1962) demonstram que o conhecimento vai sendo construído por meio da organização das informações geradas na manipulação e experiências

vividas na interação entre o sujeito e o objeto. A troca, parte sempre da ação do sujeito para com seu meio, e as descobertas desses novos meios vão sendo captadas e processadas ao longo do desenvolvimento, em que a presença de um novo objeto irá provocar o indivíduo no sentido de incorporar esses novos esquemas, sempre procurando compreendê-los. (Cap. I).

“O conhecimento, portanto, procede da ação e, desta forma, toda ação que se generaliza por aplicação a novos objetos gera um esquema, uma espécie de conceito prático.”²³

Paralelamente aos Períodos de Desenvolvimento Infantil apresentados no primeiro capítulo, Piaget (1962) identificou três estágios diferentes na brincadeira da criança:

- Período Sensorio Motor - **Brincadeira Prática ou de Exercício.**
- Sub Período Pré-Operacional - **Brincadeira Simbólica.**
- Sub Período das Operações Concretas – **Brincadeira ou jogo com Regras.**

Entre a brincadeira de exercícios e a brincadeira simbólica, Piaget (1962) acrescenta ainda a Brincadeira de Blocos, ou jogos de construção, que

23. Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro . Centro de Informações MultiEducação.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

funciona como um processo de transição entre esses dois estágios.

Na primeira infância, logo após o nascimento, a criança se depara com um mundo novo no qual sua relação e interação com ele é muito restrita e baseia-se na captação e elaboração de sinais que auxiliam no desenvolvimento de seus reflexos.

Nesse primeiro estágio da brincadeira infantil, o brincar e os brinquedos estimulam a exploração das reações sensorio-motoras (BOMTEMPO, 1990, p. 37)

Durante esse período, as informações são adquiridas basicamente por meio dos sentidos e as respostas são vindas por ações motoras, que vão se aprimorando ao longo da maturação. Assim, as primeiras habilidades desenvolvidas estão no campo da capacidade motora.

As conquistas no campo motor são extraordinárias. A criança passa de um estado quase de imobilidade, para situações intencionais mais precisas. Nas brincadeiras, primeiramente, ela concentra-se num reconhecimento exploratório do seu corpo, para depois ir transferindo-se a diferentes manipulações com os brinquedos e seu meio.

Tem início o entendimento da memória, através

da capacidade de reter acontecimentos que se deram no passado. Desenvolve uma conexão coordenada entre os diferentes sentidos: visão e audição; audição e vocalização; audição e movimentos físicos; entre outras, como na brincadeira de esconder o rosto com a fralda, citada por Bruner (1983), onde ele comenta que nesse ato a criança estimula sua criatividade, conduz a descoberta de regras, e ainda colabora para a aquisição da linguagem.

Na questão afetiva, a criança apresenta um sentimento de confiança básico que é vinculado quase que exclusivamente à figura materna para, no final deste estágio, começar a ser transferida para o pai e demais familiares. Ainda não mantém relações sociais de confiança com outras crianças.

A Brincadeira com Blocos²⁴ surge na transição dos estágios. Ele se configura basicamente na manipulação de peças no intuito de brincar uma com as outras formando situações de construção variadas. Os blocos estimulam e possibilitam a representação imaginária das crianças, pois em sua grande maioria, são formados por peças simples e sem detalhes que prendam sua atenção. Por esse motivo que essas brincadeiras antecedem e prepara a criança para a próxima etapa: Brincadeiras

24. Blocos: entende-se por um conjunto específico de peças, que podem ser: cubos; cilindros; blocos retangulares; ocos ou maciços; com encaixes ou não; de dimensões e cores variadas.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

Simbólicas.

“Os jogos de construção e de ordenação fundados sobre uma forma lúdica compreendida na acoplagem, não constituem uma etapa como as outras nesta seqüência. Eles marcam uma posição intermediária, uma espécie de fronteira entre as formas principais.”

(GARON, 1992, p. 174)

No início, a criança realiza simples construções como empilhamentos de alguns blocos ou cercados simples. Mais tarde, com o desenvolvimento de sua destreza manual fina, e a capacidade representativa ampliada, a criança passa a construir estruturas mais elaboradas que requerem mais tempo e atenção.

Os jogos de construção podem ser explorados de inúmeras maneiras. Mitchell (1971), Spodeck e Robinson (1965) por exemplo, os utilizam para ampliar o entendimento geográfico de crianças pequenas, do mesmo jeito que Pratt e Stanton (1926), descrevem a atividade, pedindo para as crianças simbolizarem nos blocos as percepções das estruturas encontradas após um passeio na vizinhança.

Numa simples análise, percebemos o quanto essa brincadeira pode ser rica durante o processo de desenvolvimento, em que destacam-se algumas

habilidades, como: destreza bi-manual fina; noção de equilíbrio; memória; distinção de peso, forma e cor; habilidade representativa; pensamento abstrato; confiança; concentração; criatividade; socialização; entre várias outras.

“Os chamados blocos de construção e encaixe são peças fundamentais para o desenvolvimento infantil, principalmente na fase pré-escolar(...) por não serem objetos totalmente acabados, prontos, oferecem várias possibilidades de uso. Eles ganham significado distintos em diferentes idades. Crianças bem pequenas, por exemplo, adoram bater um bloco no outro e se distraem com o som que produzem. (...) Nessa experiência, aparentemente sem importância, começam a utilizar noções de peso, união e até um pouco de equilíbrio. Brincando com blocos de construção e encaixe, as crianças estão obtendo conhecimentos de proporções e aprendendo reações físicas de causa e efeito.”

(BOMTEMPO, 2000, p. 140)

No estágio seguinte das brincadeiras infantis, o poder de representação da criança, já é bem mais estruturado e assimilado do que nas brincadeiras com blocos. No desenrolar das atividades, elas manifestam total controle e conhecimento da brincadeira.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

A Brincadeira Simbólica também é conhecida como: *jogo simbólico; brincadeira do faz de conta; brincadeira dramática; jogo dramático ou ainda jogo sócio-dramático*. Porém, todas elas partem do mesmo princípio, que é a manifestação da capacidade de pensamento e planejamento mental. Sua principal característica é o poder de imaginação aplicado a determinado objeto ou situação.

Através desta representação mental, a criança é capaz de criar e ter em mãos todos seus desejos. Na brincadeira simbólica a liberdade de imaginação dá vida as coisas, e a criança experimenta o poder da infinita possibilidade.

Bichara (1994) comenta que a criança (no jogo simbólico) assume diversos papéis, finge ser outra pessoa, um animal, finge estar fazendo algo que não está realmente fazendo, expressando-se verbalmente ou motoramente, criando, construindo ou transformando os brinquedos, dando-lhes a função que deseja, para compor um cenário cujo tema é retirado de uma fonte de experiência de vida real.

Assim, os objetos podem representar coisas completamente diferentes de como se apresentam fora da brincadeira simbólica, de modo que uma

caixinha de fósforo pode significar um carrinho, um bolo de papel amassado pode ser uma bola, um pedaço de fio ou cadarço pode ser usado como uma corda em que o boneco irá escalar, ou ainda, um cabo de vassoura representar um cavalo. Nesse sentido, a representação está sendo direcionada sobre um objeto, ao qual foi atribuída uma função simbólica e que, a partir daquele exato momento, passa a 'ser' aquilo que a criança designou, até que a brincadeira termine ou seja interrompida. Como se um bloco de madeira fosse usado como um carro de corrida, e logo em seguida, com a mudança da atividade, o mesmo objeto passasse a ser utilizado como um aparelho celular.

No entanto, ainda há situações em que a criança faz inúmeras representações com referência ao cotidiano, principalmente sobre as atividades dos adultos, que são manifestadas na brincadeira simbólica com a inversão dos papéis. Utiliza-se como referência os personagens que estão presentes no seu dia-dia, como a mamãe, o papai, os irmãos, os avós, professor, médico, personagens artísticos, entre outros. Completa a brincadeira assumindo, mesmo que momentaneamente, a personalidade de tal pessoa, destacando os critérios que para ela

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

são mais evidentes, como por exemplo: fingindo ser a mamãe de um colega ou irmãozinho (ou até mesmo de sua boneca) colocando-o para dormir, ou levando-o para passear no parque. Elas testam e exploram os limites das funções de cada papel.

“Na brincadeira, ela não tem compromisso com a realidade. Dessa forma, completa sua percepção dos pais, professores, motoristas, comerciantes, donas de casa, etc, através da representação desses personagens.”

(BOMTEMPO, 1992, p. 79)

Numa troca de papéis entre pais e filho, na qual a criança se comportará como os pais, e os pais como os filhos, a criança se deslumbra por este ápice momento de domínio, pois se torna ‘real’ a ação de comandar e demonstrar seu poder sobre os adultos, por mais que seja durante um intervalo pequeno de tempo.

Portanto, quando a criança se manifesta na brincadeira simbólica, ela está trabalhando suas habilidades representativas numa situação totalmente protegida. Ela concretiza, por meio da brincadeira, aquilo que foi capaz de capturar do seu ambiente, sem se preocupar em alterar ou influenciar a realidade. Lebovici e Diatkine (1985) dizem que a atividade da criança, na brincadeira

do faz-de-conta, não é uma negação da realidade, e sim uma situação privilegiada de aprender a lidar com as funções e relações sociais. Com a exteriorização das idéias e sentimentos, a criança se faz presente no ambiente e se firma como indivíduo (pessoa) perante aos demais, estimulando, assim, o sentimento de confiança, autonomia, e habilidade em situações sociais.

“A brincadeira dramática é um meio importante de expressão para as crianças pequenas, pois, através dela, elas testam suas idéias, dão expressão a seus sentimentos e aprendem a trabalhar com outras quando negociam as diferentes situações sociais.”

(SPODECK; SARACHO, 1998, p. 221)

Seguindo os estágios das brincadeiras infantis, Piaget apresenta, logo após a manifestação das Brincadeiras Simbólicas, os jogos com regras.

A criança demonstra interesse pelos jogos com regras a partir dos sete anos de idade, quando começa deixar de lado a característica egocêntrica nas brincadeiras. Até então, as atividades eram realizadas no sentido de absorver o máximo de prazer e divertimento. As regras funcionavam como ‘guias’ para os exercícios das brincadeiras, sem o interesse de vencer o companheiro, de modo que

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

cada uma procurava simplesmente divertir-se por conta própria. E quando manifestavam a vitória, num jogo, estavam na realidade esboçando uma reação de acordo com seu ponto de vista, independente da regra.

Nos jogos com regras, ela deixa de trabalhar as questões egocêntricas e psicomotoras, para adentrar no campo social. Seu objetivo passa ser a vitória em relação aos demais colegas, e para isso procura seguir as regras em consenso.

“Trata-se, agora, não só de disputar com os companheiros, mas ainda e, principalmente, de regulamentar a partida através de um conjunto sistemático de leis que asseguram a mais completa reciprocidade nos meios empregados. Portanto, o jogo tornou-se social.”

(PIAGET, 1977, p.39)

A partir desse período, as relações sociais entre as crianças tornam-se cada vez mais amplas, sendo que o universo de contato não se restringe mais aos familiares, passando agora para novas amizades também no meio escolar.

Os Jogos com Regras são aqueles em que a atividade é composta por regras complexas, de forma que os jogadores necessitam de um raciocínio estratégico suficiente para determinar

suas ações, e ainda, prever as futuras jogadas dos seus adversários. Bons exemplos desses jogos são: o xadrez; a dama; os jogos de cartas; dominó; futebol de botão; entre outros.

Assim sendo, os jogos com regras promovem grandes desafios para criança, exercitam a memória, a concentração, além da cooperação nos jogos em duplas ou equipes. A criança aprende a respeitar os limites do adversário, servindo como preparação para enfrentar desafios reais que terá pela frente (BOMTEMPO, 1992, p. 79)

Antunha (2000, p. 39) justifica que a compulsão com que as crianças se dedicam aos jogos, se deve por eles contribuírem para o desenvolvimento integral do sistema nervoso em seus aspectos psicomotores e cognitivos. E, que em muitos deles, estão presentes a indução, imitação, perspicácia, observação, memória, raciocínio, aspectos verbais e não verbais, melódicos e harmônicos, automatismos, relaxamento, tempo e espaço, todos contribuindo na integração do ser e na segurança perante si e perante ao outro.

“Está claro, que atividades de brincar e aprendizagem estão inter-relacionadas e que certos tipos de aprendizagem são facilitados por certos tipos de jogos e

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

brincadeiras.”

(BOMTEMPO, 1999, p. 68)

O interessante desses estágios que Piaget identificou, na brincadeira infantil, é o fato de existir, na maioria das vezes, uma relação bem próxima da criança com o brinquedo.

Desde o primeiro momento, o brinquedo está intimamente ligado a ela. Muitas de suas experiências são ativadas por meio do objeto. E este, por sua vez, desperta na criança, aquilo que sua capacidade de raciocínio é capaz de atingir naquele determinado estágio de desenvolvimento.

“Apesar da relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança.”

(VYGOTSKY, 1984, p. 117)

Portanto, o brinquedo é o objeto infantil que

fornece às crianças um mundo de possibilidades, sem descaracterizar seus principais atributos: o prazer e o divertimento.

Ele assume um papel fundamental na vida da criança, as possibilidades de aprendizagem e inter-relação com o meio são tantas, que pode ser comparado como um instrumento tão rico quanto à comunicação verbal e a comunicação escrita. Bomtempo (1999, p. 62) comenta que brincando, a criança desenvolve capacidades físicas, verbais e intelectuais, tornando capaz de se comunicar. Assim, os jogos podem ser considerados como um esquema de comunicação mais amplo do que a própria linguagem, uma vez que propicia o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

Sendo assim, o brinquedo, assim como a brincadeira, funciona como um instrumento que ativa e fornece condições propícias para elaboração e compreensão da informação. Ele pode ser compreendido como um instrumento capacitador das habilidades físicas, cognitivas e afetivas da criança.

3. Influência do Adulto no Brincar

Grande parte do tempo da criança, em idade pré-escolar, é compartilhada com adultos, sejam

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

eles pais, familiares, ou educadores infantis. Como nesse período a criança ainda não possui controle, ou muito menos, dita as ações de sua vontade própria, a maioria de suas atividades são atribuições permitidas ou incentivadas por um adulto. Nesse contexto, a referência principal está direcionada aos pais e educadores.

Os pais são as primeiras referências da criança. Após o nascimento, o maior contato é com eles e inicia-se pelo processo de intimidade e confiança da mãe e, posteriormente, ao longo do tempo se estende para o pai. São eles os responsáveis em apresentar o novo mundo a criança. Toda interação com esse novo ambiente, durante esse período de vida é promovida por eles através do contato com os objetos, pessoas e lugares por onde passeiam.

Saber interpretar o mundo da criança faz parte dos critérios para uma boa relação de confiança. É importante que os pais adentrem no universo da criança, visualizando seus desejos e suas necessidades.

Em geral os adultos não sabem comprar brinquedos, muitas vezes escolhem por vontade própria, através de aparência visual ou por uma nova tecnologia, ou ainda, no intuito de suprir

uma carência própria da sua infância. Eles acabam deixando de lado a opinião da criança, não dão valor aos seus gostos que, conseqüentemente, desestimulam a relação de confiança.

“Os pais precisam confiar mais na capacidade de escolha das crianças. O correto é perguntar aos filhos o que gostariam de ganhar. O primeiro critério na escolha de um brinquedo é saber se ele é adequado ao desenvolvimento da criança.”

(BOMTEMPO, 1999. p.67)

Bomtempo (1999) completa dizendo que os pais deveriam, sempre que possível, brincar mais com seus filhos.

Através da brincadeira desaparecem as relações de poder, as regras se igualam e os pais conseguem alcançar o mundo da criança. Assim, o sentimento de confiança se fortalece e as relações afetivas da criança são mais bem estabelecidas.

A participação do adulto pode enriquecer e dar prestígio à brincadeira; sua inventividade pode estimular o processo criativo da criança e sua paciência e serenidade poderão estimular a capacidade de observar e de concentrar a atenção (CUNHA, 1994, p. 67)

O educador²⁵, por força da função e pelo

25. Educador: entende-se por pessoas profissionalmente ligadas a uma instituição de ensino que tem como função o cuidar e o educar das crianças ali matriculadas. Sejam eles: Professores; Coordenadores ou ADI – Assistentes de Desenvolvimento Infantil.

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

tempo que permanece em contato com as crianças (que pode passar de 4 horas diária dependendo da instituição), tem como obrigação ter um conhecimento geral sobre o desenvolvimento infantil.

No ambiente escolar a criança não manifesta suas habilidades com toda plenitude e segurança como a faz no ambiente residencial. Ela se apresenta mais sensível aos fatos e aos meios por ainda não contemplar aquele espaço como um lugar conhecido e seguro. Isso só vai ocorrer com o passar do tempo. Tizard e Hughes (1984) dizem que isso se deve a constrangimentos temporais e interpessoais. E por um outro lado, o educador deve ter essa sensibilidade, uma vez que trabalha com crianças de percepções distintas, além das diferentes necessidades específicas de cada faixa etária.

Segundo as etapas de desenvolvimento de Piaget, em cada faixa etária a criança demonstra estar preparada, de acordo com os esquemas anteriores, para aquisição de um novo conhecimento (Cap. I).

De acordo com Winnicott (1975), é fundamental que o adulto respeite as características da criança em cada situação, considerando sua capacidade, idade emocional e fase de desenvolvi-

mento.

Ao longo do período pré-escolar, o educador ainda não conta com a escrita e a leitura como um instrumento de ensino, e utilizam-se de outros meios para que alcance esses sistemas. Porém, todo período em que a criança se mantém alocada na escola, está desempenhando alguma atividade, que na maioria das vezes são promovidas pelo próprio educador. Nesse sentido, vale ressaltar a importância que este profissional tem perante o desenvolvimento da criança. Todas as informações sobre as necessidades específicas a serem estimuladas devem ser colocadas em prática, pois se o mesmo não ocorrer, essas crianças poderão apresentar um atraso, ou até mesmo, uma carência em determinado segmento.

Os meios que os educadores detêm para se alcançar tais objetivos são inúmeros. Tratam-se de atividades com brinquedos, brincadeiras, jogos, leitura de contos e histórias, seção de filmes e audiovisuais, atividades artísticas de pintura, de música, teatro, além de várias outras.

“Casar o brincar com outras atividades de expressão, não verbais, como as plásticas, desenho, pintura, modelagem, etc., ou as musicais e cênicas, como dramatização e mímicas, etc., retira o foco da exposição

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

verbal mais crítica e racional, e conseqüentemente mais passível de defesa e controle, favorecendo muitas vezes a espontaneidade, o envolvimento e a coesão.”

(OLIVEIRA, 2000, p. 104)

Os professores devem conhecer os temas das brincadeiras que interessam às crianças e que tem o potencial de oferecer experiências pedagógicas ricas (SPODEK; SARACHO, 1998, p. 225). Uma reflexão sobre o objetivo que se propõem atingir, também é relevante para que em seguida realizem uma avaliação do potencial pedagógico de alguns brinquedos e brincadeiras. Assim, poderá ser determinada quais atividades são úteis para aquele momento.

Isso, requer um planejamento que antecede a brincadeira.

Para elaborar um bom planejamento das atividades educativas, antes de tudo, é preciso estar atento aos seguintes critérios:

- Identificar a faixa etária a ser trabalhada;
- Determinar as habilidades a serem estimuladas;
- Estipular a quantidade e gênero das crianças;
- Realizar um levantamento e determinar a ferramenta (brinquedo, brincadeira, atividade,

etc.) a ser trabalhada para se alcançar o objetivo proposto;

-Averiguar se o espaço disponível atende a demanda e a atividade escolhida;

-Averiguar se o tempo disponível é o suficiente para aplicar a atividade.

Aliado a esses critérios é importante que se despenda um tempo extra, no início ou no fim da atividade dirigida, para que as crianças explorem ao máximo suas habilidades criativas em atividades livres, pois é nesse momento que elas se apresentam cem por cento ativas e abertas às novas experiências.

No entanto, a ação do educador vai além do planejamento. Com sua atenção contínua voltada para as atividades das crianças, eles podem identificar oportunidades que vão surgindo ao longo das brincadeiras, inserindo técnicas mais eficazes, ou até mesmo, alterando o rumo da atividade a fim de explorar ainda mais esta nova situação criada. No caso de haver essa intervenção, é importante que ela seja sempre sutil para que não ocasione um sentimento de frustração e incompetência por parte da criança.

Bomtempo (1999) comenta que a intervenção

CAPÍTULO II - Brincadeira e Educação

do professor não deve tolher a imaginação criativa, mas orientá-la, deixando que a brincadeira espontânea surja na situação de aprendizagem, pois é através dela que a criança se prepara para a vida em seus próprios termos.

Outra técnica importante que o educador pode utilizar, é a sua participação na brincadeira. Quando ele participa da brincadeira de uma forma 'espontânea' e inteira, faz com que se rompa toda a diferença entre o adulto e a criança, tornando as atividades mais seguras e promovendo grande expectativa e entusiasmo.

Leif e Brunelle (1976, apud BOMTEMPO, 1999, p. 65) comentam:

- à Competência profissional é preciso acrescentar o entusiasmo, a criatividade, a alegria de viver, a aptidão para as relações humanas e a abertura de espírito, complementados pela formação contínua.

- Observar as crianças no decorrer de seus brinquedos e jogos é um dos melhores meios de conhecê-las. Enriquece e exige uma formação psicológica dos professores. Participar dos jogos dos alunos pode instaurar uma relação autêntica com eles.

- Nada será feito em favor do brincar, se os professores não se interessarem por ele.

Por tanto, para que o educador tenha sucesso, antes de tudo deve demonstrar ter um gosto especial por brinquedos; por atividades lúdicas; pela comunicação e interação com a criança; além da permanente atualização pedagógica.

Por fim, foi possível constatar o quanto a participação do adulto é responsável em promover um ambiente favorável para um bom processo de desenvolvimento da criança, seja ele no campo escolar ou residencial. E nesse sentido, talvez tão bom quanto, estimular as brincadeiras dirigidas, é incentivar também suas brincadeiras espontâneas.

CAPÍTULO III

O Brinquedo e a Criança

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

1. Escolha dos Brinquedos

Nos dias de hoje, a variedade de brinquedos disponíveis no mercado é imensa. Isso vem em decorrência do comércio globalizado que está se expandindo e se estabilizando cada vez mais como tendência do mercado mundial. Segundo o Presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos - ABRINQ, Sr. Synésio Batista²⁶, ao longo de 2006 serão lançados no mercado mais de mil e cem novos brinquedos.

Aliado ao desempenho industrial está o apelo de consumo dos fabricantes, que através da mídia e seus inúmeros recursos persuasivos, procuram, além do mais, o aumento das vendas. Um bom exemplo é a boneca Barbie mundialmente conhecida, que desde a data do lançamento, 1959, vem passando por inúmeras mudanças²⁷ para se manter no topo do sucesso. Segundo a Mattel²⁸, fabricante da boneca, a cada segundo são vendidas duas Barbies em todo o mundo.

Garon (1992, p. 171) diz que o objeto lúdico, como qualquer outro de produção comercial, tornou-se uma fonte de consumo, de supervalorização, de exploração e de interrogação.

Diante dessa demanda, como devemos agir?

O que levar em consideração no ato da compra do brinquedo? Seu tamanho, o preço, a marca, o gosto pessoal da criança, sua idade, jogos simples ou complexo? Brinquedos industrializados ou os chamados educativos? Como classifica-lo? Como saber qual é o melhor brinquedo para a criança?

Para Cunha (1988, p. 24-25), antes de tudo, o bom brinquedo é aquele que atende às necessidades da criança. Ela considera alguns fatores importantes para que isso aconteça, como:

Interesse – a validade do brinquedo é tido através dos estímulos e interesse que ele proporciona à criança;

Adequação – ele deve atender à etapa de desenvolvimento em que a criança se encontra, e as suas necessidades emocionais, sócio-culturais, físicas ou intelectuais;

Apelo à Imaginação – é aquele que abre um convite e estimula a participação criativa;

Versatilidade – pode ser utilizado de várias maneiras. Um jogo bem versátil pode representar um constante desafio às habilidades da criança;

Composição – refere-se ao brinquedo em que se pode verificar seu funcionamento interno. Um bom exemplo são aqueles com a possibilidade de

26. Reportagem publicada no Catálogo Oficial da Abrin 2006.

27. Segundo a Mattel, fabricante da boneca, ela já foi lançada com mais de oitenta profissões; acompanhada de cento e vinte cavalos e sessenta gatos diferentes; saiu como candidata a presidência dos EUA (1992 e 2000); namorou por quarenta e três anos outro boneco chamado Ken, e tem cinco irmãs.

28. Reportagem publicada na revista Guia do Brinquedo, p. 04, do Jornal Folha de São Paulo - 30/09/2005.

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

montagem e desmontagem;

Cores e Formas – a variedade de cores, formas e texturas contribuem para a estimulação sensorial da criança. Cores mais fortes e formas mais simples atraem mais as crianças pequenas, já as maiores preferem cores naturais e formas mais sofisticadas;

Tamanho – Deve ser compatível com a motricidade da criança;

Durabilidade – o brinquedo deve durar o bastante, a ponto de não causar frustração quando tempo for muito curto;

Segurança – deve ser levado em conta tudo aquilo que poderá causar problema físico na criança, como os produtos tóxicos; de pontas e arestas cortantes; peças pequenas que podem ser ingeridas; entre outros.

Assim como Cunha, Zimmerman e Calovini (1971) apontam os itens: ser atraente; seguro; bem construído; não tóxico e sobre tudo desafiador, como critérios importantes que o brinquedo deve conter.

No entanto, na sociedade de consumo em que vivem os grandes centros urbanos, assim como vários outros produtos, o brinquedo tornou-se um objeto de desejo e supremacia entre as crianças. A

competição e rivalidade em torno do brinquedo mais caro, ou daquele considerado mais sofisticado, distorcem a sadia disputa que muitos outros jogos oferecem como atrativo.

“Nas sociedades de consumo, o brinquedo é um produto industrial, fonte de grandes lucros, objeto de ampla publicidade, exibido em feiras e vitrines reluzentes. Um sinal de riqueza e prestígio social, que pode tornar-se fonte de desigualdade entre crianças da mesma escola ou vizinhança. Relações amigáveis muitas vezes são rompidas pela competição, baseada no valor dos brinquedos possuídos.”

(BOMTEMPO, 1999, p. 66)

Nem sempre o brinquedo sofisticado pode ser considerado um bom brinquedo. É preciso ficar atento para que ele não se torne apenas um objeto de observação, em que a única interação com a criança é o apertar de um botão.

“É o brinquedo da grande indústria, visualmente cheio de botões, luzes e todo aquele movimento que encanta muito num primeiro momento. São produtos que possuem um atrativo muito forte, mas, ao mesmo tempo, ele rapidamente esgota o interesse da criança, porque na verdade não é a criança que está brincando, é o próprio produto que está brincando.”

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

(ALTINO Y. ITO)²⁹

Esses brinquedos ‘tão prontos’ ou ‘tão acabados’ nem sempre são os preferidos das crianças. Segundo Bomtempo (1990) eles podem até despertar o interesse da criança, mas isso é passageiro, enquanto os brinquedos mais simples que permitem maior manipulação e transformação são muito mais apreciados por ela.

Qualquer brinquedo tem de ter mil possibilidades, o jogo é criar múltiplas situações, e o gostoso é o processo, não o produto³⁰.

Portanto, o valor do brinquedo não está relacionado ao preço estipulado pelos fabricantes, nem pela complexidade de sua configuração e sim nos múltiplos estímulos que ele proporciona em favor da criatividade, imaginação, curiosidade, fantasia, exploração e às reações sensoriais das crianças (KISHIMOTO³¹; BOMTEMPO, 1999; CUNHA, 1988).

Os pais e os educadores devem ficar atentos para essas questões, pois muitas vezes a criança demonstra um desejo quase que incontrolável por um determinado brinquedo, mas no fundo, esse sentimento só foi despertado pela força da mídia ou pela competição entre um colega que já o possui.

A questão está em como agir diante da intransigência dos filhos que parecem nunca estarem dispostos a cederem. Tânia Furtado³², psicopedagoga e coordenadora do programa: Quem quer brincar? da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, diz que os pais devem ser firmes ao julgarem que o brinquedo escolhido é inadequado, e procurar levar a atenção da criança para outro foco, a fim de tirar de cena o objeto de desejo. Para ela, os pais devem tolerar a frustração dos filhos e auxiliá-los, com afeto, a lidar com a dor e a contrariedade.

No entanto, Cunha (1994) e Bomtempo (1999) ressaltam que o adulto deve, antes de mais nada, respeitar a vontade da criança, e ainda, se possível, promoverem a aquisição do brinquedo em sua companhia.

“A escolha deve sempre partir da criança. Os adultos podem fazer uma pré seleção, colocando à disposição uma variedade de brinquedos que sejam de maior interesse para a etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra, preparando, assim, um ambiente mais estimulador para ela, mas a escolha final tem que ser da criança e deve ser respeitada, por mais estranha que possa parecer. Se a escolha não foi boa, da próxima

29. ALTINO YOICHI ITO - Presidente da Associação Brasileira de Brinquedos Educativos (ABRINE).

30 - 31. Declaração da Professora da Faculdade de Educação da USP, Tizuko Kishimoto, em reportagem publicada na revista Guia do Brinquedo, p. 04, do Jornal Folha de São Paulo - 30/09/2005.

32. Em reportagem publicada na revista Guia do Brinquedo, p. 04, do Jornal Folha de São Paulo - 30/09/2005.

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

vez a criança irá procurar algo mais adequado.”

(CUNHA, 1994, p. 58)

2. Diferentes Brinquedos

Um ramo de brinquedos que vem crescendo e se destacando no mercado nacional é dos brinquedos educativos ou brinquedos pedagógicos, como também são conhecidos.

Segundo Altino Yoichi Ito³³, atual presidente da Associação Brasileira de Brinquedos Educativos (Abrine), esses tipos de brinquedos se caracterizam pela simplicidade. Grande parte deles costumam ser confeccionados em madeira e/ou tecido, por oferecer uma sensação tátil muito agradável para a criança. Para ele, o brinquedo educativo faz com que a criança fique em posição ativa perante o objeto, para que ela tenha algo para manipular, questionar e desafiar.

Do ponto de vista conceitual, o brinquedo educativo é aquele que promove o aprendizado da criança em relação a um objetivo pré-estabelecido, como por exemplo: reconhecimento das cores, dos números, das letras, formas geométricas e etc. (CUNHA, 1988; KISHIMOTO, 1994).

Porém o fato de o brinquedo proporcionar

uma atividade educativa depende da forma como a criança irá manipulá-lo, pois é comum que ela não prenda a atenção sobre o objetivo ao qual o brinquedo foi concebido, e acaba por utilizá-lo simplesmente como um objeto lúdico. Isso ocorre, por exemplo, quando a criança usa alguns cubos de letras para construir uma torre, onde na verdade, essas peças deveriam ser usadas para formar palavras.

Nesse sentido, Cunha (1988, p.17) diz que a atribuição desse termo (brinquedo educativo ou pedagógico) é bem relativa. Para ela todo brinquedo pode ser pedagógico, assim como também, o mais educativo dos brinquedos pode deixar de sê-lo em determinada situação, pois o valor do brinquedo está diretamente relacionado com o que consegue provocar na criança.

Apesar da riqueza de situações de aprendizagens que o brinquedo educativo proporciona, Kishimoto (1994) comenta que nunca se tem a certeza de que a construção do conhecimento efetuado pela criança será exatamente a mesma desejada pelo professor.

“A utilização do jogo (educativo) potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por

33 Entrevista ao Jornal Eletrônico Nippo-Brasil - <http://www.nippobrasil.com.br>

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.”

(KISHIMOTO, 1994, p. 37)

Dessa forma, percebe-se que esses brinquedos possuem uma qualidade pedagógica explícita ao qual foram desenvolvidos, e por este motivo podem ser considerados um objeto adequado à determinada faixa etária da criança, porém, para se alcançar a potencialidade de seus objetivos recomenda-se o auxílio de um fator externo.

Outro seguimento de brinquedos bem conhecido pelo público em geral é os chamados brinquedos industrializados e os brinquedos artesanais.

As características desses dois grupos não estão associadas à qualidade do objeto. Os critérios básicos que os diferenciam diz respeito ao modo como são fabricados.

Brinquedo industrializado é aquele em que a produção é considerada em larga escala (alta produtividade), e seu sistema, na maioria das vezes, são automatizados com maquinários e ferramental específicos. E isso independe da sua forma, cor,

tamanho, preço, ou materiais empregado.

Já os considerados brinquedos artesanais são aqueles confeccionados manualmente, podendo até existir a produção em escala, porém o processo de fabricação predominante é manual. Assim como os industrializados, esses também independe da forma, cor, dimensões, preço e materiais.

3. Diretrizes e Normas Para o Bom Brinquedo

Os critérios que classificam um brinquedo seguro, não estão subordinados ao processo de produção e, muito menos, ao objetivo ao qual ele foi desenvolvido.

Para isso existem alguns órgãos governamentais que trabalham no sentido de regulamentar e averiguar a qualidade dos brinquedos sobre a sua segurança.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por exemplo, especificou o documento NBR 11786 como responsável em normatizar todos os itens considerados mais relevantes quanto à segurança do brinquedo. Já o instituto nacional que revoga ou não (por meio de ensaios técnicos) determinado tipo de brinquedo é o Instituto

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO, que faz valer os itens especificados na norma técnica vigente.

Uma forma clara e prática de verificar se os brinquedos atende as exigências das normas, é analisar se em sua embalagem há a impressão do selo do INMETRO³⁴ (fig. 12), que é a garantia de aprovação que aquele determinado modelo passou por todos os testes a que foi submetido.

Assim como o selo do INMETRO, a norma NBR 11786 exige também a impressão do Símbolo de Advertência de Faixa Etária³⁵ (fig. 13), que tem o propósito de informar aos consumidores que determinado brinquedo não é indicado para uma faixa etária específica.

Segundo a Norma Técnica 11786/98 Capítulo 5 e 6, a embalagem e/ou manual de instruções do brinquedo deve informar as seguintes características: faixa etária ou idade a que se destina; identificação do fabricante ou importador; número de peças; eventuais riscos que o brinquedo ou seus componentes possam causar; modo de uso; regras de montagem, e se faz parte de uma série ou coleção.

No caso do consumidor (pais e educadores)

considerar, de alguma forma, que seus direitos estão sendo violados, ele ainda pode recorrer a Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON) que é uma instituição vinculada à secretaria da justiça e defesa da cidadania dos Estados, que tem como premissa à fiscalização e o cumprimento da legislação do Código de Defesa do Consumidor.

Nem todos os brinquedos que estão à venda no mercado dispõem das qualificações técnicas exigida na norma, além do mais, muitos deles falsificam o selo do INMETRO. Segundo Luciana Arantes da empresa Falcão Bauer³⁶, as maiores irregularidades são encontradas em produtos de segunda linha importados da China, que possuem partes pequenas sem especificação na embalagem, pontas salientes, metais pesados na pintura, enchimento irregular nos bichos de pelúcia e carrinhos que soltam as rodas.

Nessa questão, os fabricantes nacionais têm o apoio da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedo – Abrinq, que desde 1985, ano em que foi fundada, é uma entidade representativa do setor de brinquedo que se empenha em cuidar e defender os direitos da classe. Ela conta hoje com mais de cento e cinquenta empresas cadastradas e é

Figura 12

Símbolo de advertência de faixa etária imprópria

Figura 13

34. NBR 11786/1998 ANEXO C – Etiqueta com o certificado do INMETRO - fig. 12.

35. NBR 11786/1998 ANEXO B – Símbolo de Advertência de faixa etária - fig. 13.

36. Falcão Bauer – Empresa credenciada no INMETRO responsável em realizar os ensaios técnicos nos brinquedos.

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

responsável em organizar um dos maiores eventos nacionais no ramo de brinquedo - Feira Brasileira de Brinquedos – ABRIN, que neste ano (abril/2006) contou com mais de duzentos expositores.

Porém, sua atuação vai além da organização de eventos. Coligada a essa associação, existe ainda a Fundação Abrinq, que trabalha em favor do direito e exercício da cidadania da criança e do adolescente, e o Instituto IQB.

O IQB (Instituto Brasileiro de Qualificação e Certificação) é uma entidade que atua em parceria com INMETRO no ramo de certificação de brinquedos, puericultura³⁷ e outros produtos. Como autenticidade de aprovação dos produtos, o IQB emite o selo (fig. 14) de certificação que garante aos consumidores a procedência e qualidade dos mesmos. Dessa forma, ele facilita a fiscalização e promove o reconhecimento do brinquedo seguro.

Para auxiliar os consumidores e fabricantes de brinquedo, a Abrinq elaborou alguns catálogos que tratam especificamente sobre as questões mais importantes do brinquedo:

Comprar Brinquedo não é brincadeira: traz dicas de como agir antes e durante a compra do brinquedo.

Guia dos brinquedos e do brincar: apresenta alguns itens relevantes da relação entre pais e filhos, e demonstra características do desenvolvimento infantil de acordo com cada idade.

Guia do Designer: contém informações sobre os principais temas que envolvem a criação e o desenvolvimento do brinquedo, além de apresentar diferentes tipos de brinquedos separados por categorias.

Código de ética e Conduta: São descritos os quatorze itens que formam o Código de Ética e Conduta da Indústria de Brinquedos, além do regimento interno da Comissão de Ética da Abrinq, ambos aprovados pelos associados.

Guia dos Brinquedos e Jogos: Trata-se da Classificação e indicação de alguns brinquedos e jogos, de acordo com a referência teórica elaborada pelo ICCP – International Council of Children's Play.

4. Classificação do Brinquedo

A classificação de brinquedos é um meio para se orientar e organizar diferentes tipos de brinquedos. Ela pode ser realizada por diferentes aspectos, por exemplo: por faixa etária indicada; por sexo; cor do brinquedo; seu tamanho; materiais empregados,

Figura14

37. Puericultura: conjunto dos meios adequados para o desenvolvimento fisiológico da criança, antes e após o nascimento.

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

entre vários outros critérios.

Michelet (1992) comenta que são inúmeras as formas existentes para se classificar os brinquedos e cita, entre outros, quatro categorias em que os brinquedos podem ser agrupados:

Etnológicas ou sociológicas – que analisam os brinquedos em função do papel que lhes é atribuído (ou que a classificação lhes atribui) nas diversas sociedades.

Filogenéticas – que analisam os brinquedos em função da evolução da humanidade, evolução esta reproduzida pela criança em seus jogos.

Psicológicas – que se fundamentam na explicação do desenvolvimento da criança e em função das quais se estabelece uma hierarquia dos jogos.

Pedagógica – que distribuem os brinquedos segundo diferentes aspectos e opções dos métodos educativos.

A classificação é uma ferramenta importante no processo de identificação do brinquedo. De acordo com os critérios utilizados para classificá-lo, ela pode ser determinante na escolha do objeto.

Em brinquedotecas ou escolas infantis, em que há grande número de crianças e diversos brinquedos

disponíveis, a classificação torna-se um requisito fundamental, não só para a organização do espaço, como também para estimular o desenvolvimento de um aspecto específico na criança.

A classificação elaborada por Bomtempo (1990), baseia-se em critérios relacionados ao nível de desenvolvimento e a relação entre criança – objeto. Silva (2003, p. 14), em sua tese de doutorado, formulou os critérios desenvolvidos por Bomtempo, da seguinte forma:

Reconhecimento do objeto: consiste na manipulação do objeto pelo adulto, a fim de averiguar suas qualidades quanto a: durabilidade; peso; cores e texturas atraentes; bem construído e etc.

Seleção do objeto: realizada através das seguintes categorias: 1. Tipo de brinquedo – se ele é estruturado, semi-estruturado ou não estruturado. 2. Aspectos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem – leva em consideração o material de aprendizagem, focalizando o que a criança pode aprender com a sua manipulação: aspecto de lateralidade; coordenação motora; discriminação espacial e etc. 3. Uso do objeto – são analisadas as finalidades ou temas sugeridos pelo brinquedo

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

como: brincar de casinha, de médico, entre outros.

4. Pré-requisito - diz respeito aos aspectos que a criança precisa saber para brincar adequadamente com determinado brinquedo: conhecer números, cores, ser alfabetizada, compreender regras e etc.

Adequação do objeto: a partir da sugestão quanto a faixa etária adequada a cada brinquedo analisado, sendo os critérios descritos acima, deve-se realizar a observação de crianças brincando em grupo ou isoladamente, o que dará a leitura do brinquedo feita pela criança. As observações poderão ser completadas por entrevistas com os pais, professores, fabricantes e com a própria criança.

Bomtempo (1990, p. 42) ainda ressalta que não é necessário analisar brinquedo por brinquedo, e que a classificação pode ser feita, primeiramente, por uma separação mais geral que pode ser por tipo de brinquedos: quebra-cabeça; brinquedos de encaixe; blocos de construção; bonecos, etc... Passando, em seguida, a uma classificação mais específica.

Entre muitos sistemas de classificação existentes, Altman (1998) aponta duas que vêm sendo muito utilizadas por serem mais abrangentes. A primeira

refere-se a classificação elaborada pelo ICCP (International Council of Children's Play), sediada na Alemanha. O segundo sistema foi desenvolvido por Denise Garon, psicopedagoga e professora em Quebec, Canadá, e é conhecido como sistema ESAR.

Michelet (1992) apresenta a classificação de jogos e brinquedos de acordo com os critérios estabelecidos pelo ICCP. Esta classificação pretende ser pragmática no sentido de servir como uma ferramenta de trabalho educacional ou de ação social. A análise do brinquedo é baseada em quatro critérios de qualidades fundamentais:

Valor funcional: é caracterizado pelas qualidades intrínsecas do brinquedo (dado retomado em parte pelas normas de segurança).

Valor Experimental: diz respeito àquilo que a criança pode fazer ou aprender com seu brinquedo, em todos os níveis: fazer ruído, rodar, encaixar, medir, construir... Engloba todas as caixas de conteúdo técnico ou científico (por exemplo, a maleta de médico, a montagem de modelos reduzidos) e os jogos didáticos.

Valor de estruturação: relaciona-se com o desenvolvimento da personalidade da criança

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

e abrange o 'conteúdo simbólico' do jogo e do brinquedo: projeção, transferência, imitação. Este valor diz respeito a tudo que concorre à elaboração da área afetiva.

Valor de relação: diz respeito a forma segundo a qual o jogo ou brinquedo facilitam as relações com outras crianças e com os adultos, propondo o aprendizado de regras, de comportamentos e de simulação.

Para o autor, todo brinquedo possui essas quatro qualidades, num maior ou menor nível, e geralmente uma delas é dominante, sendo esta usada para a classificação básica. Esta classificação pode ser feita por dois esquemas: Um a partir da função do brinquedo; e outro a partir do desenvolvimento da criança, e eles podem ser usados separados ou simultaneamente.

Segundo Michelet, a versão mais atualizada desta forma de classificação aponta dois aspectos complementares:

Classificação Psicológica - Quadro A : é formado por 126 itens³⁸ que contemplam os valores de desenvolvimento, e estão subdivididos nas seguintes categorias:

- Desenvolvimento Corporal.

- Desenvolvimento Intelectual.
- Desenvolvimento Afetivo.
- Desenvolvimento Criativo.
- Desenvolvimento Social.

Classificação Prática por Famílias de Brinquedos

- Quadro B: abrange 116 tipos³⁹ de brinquedo que estão subdivididos nas categorias:

- Brinquedos para a Primeira Idade. Brinquedos para atividades sensório-motoras.
- Brinquedos para Atividades Físicas.
- Brinquedos para Atividades Intelectuais.
- Brinquedos que Reproduzem o Mundo Técnico.
- Brinquedos para o Desenvolvimento Afetivo.
- Brinquedos para Atividades Criativas.
- Brinquedos para Relações Sociais.

Para facilitar a identificação dessas famílias de brinquedos, além do preenchimento da Ficha Analítica com as definições sobre o objeto verificado, são determinadas cores específicas para cada família:

Primeira Idade – vermelho; Atividades Físicas – azul escuro; Atividades Intelectuais – amarelo; Mundo Técnico – verde; Desenvolvimento Afetivo – rosa; Atividades Criativas – azul claro; Relações Sociais – laranja.

38 - 39 Segundo Michelet, tanto a classificação por famílias de brinquedos, quanto a classificação psicológica estão dispostas de forma a possibilitar a introdução de novas categorias que venham surgir, portanto, esses números não são absolutos.

CAPÍTULO III - O Brinquedo e a Criança

O sistema ESAR de classificação desenvolvido por Garon (1992) em Quebec, tem o objetivo de analisar os brinquedos - para facilitar sua escolha e, ainda, para melhor compreender a criança que brinca. Foi elaborado para cobrir as necessidades dos diversos profissionais que trabalham no campo da educação: creches; jardim da infância; brinquedotecas; grupos escolares, etc.

É um esquema que analisa a contribuição Psicológica e Pedagógica da criança através dos objetos, segundo as etapas de desenvolvimento. Apóia-se no conhecimento teórico das principais características do desenvolvimento da criança, sobre tudo na abordagem estrutural piagetiana (ver Cap. II).

De acordo com Bomtempo (1990, p. 37), Garon usou como base os critérios de classificação elaborados por Piaget, numa referência paralela aos períodos de desenvolvimento da criança por ele estruturado. ESAR significa: jogo de Exercício – jogo Simbólico – jogo de Acoplagem (construção) – jogo de Regras simples ou complexas. Segundo Garon (1992), assim é possível distinguir os tipos de expressões lúdicas e identificar as famílias de jogos.

Ainda assim, os objetos de jogo no sistema ESAR são divididos em seis grupos, chamados de Banco de Palavras – Chaves:

Faceta A – Atividades Lúdicas

Faceta B – Condutas Cognitivas

Faceta C – Habilidades Funcionais

Faceta D – Atividades Sociais

Faceta E – Habilidades de Linguagem

Faceta F – Condutas Afetivas

Assim como no sistema descrito por Michelet, faz parte do sistema ESAR o preenchimento da Ficha Analítica com todas as características do brinquedo analisado.

CAPÍTULO IV

Procedimientos

CAPÍTULO IV - Procedimentos

O processo metodológico para o levantamento e análise dos brinquedos utilizados nos Centros de Educação Infantil contou, basicamente, com registros fotográficos dos brinquedos e entrevistas realizadas com as profissionais de ensino.

1. Universo de Pesquisa

Segundo dados da prefeitura de São Paulo, hoje a rede de ensino infantil conta com a estrutura de 1936 (uma mil novecentas e trinta e seis) unidades⁴⁰, distribuídas da seguinte maneira:

469 – EMEI Escola Municipal de Ensino Infantil

459 – EMEF Escola Municipal de Ensino Fundamental

8 - EMEFM Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio

6 - EMEE Escola Municipal de Ensino Especial

14 - CIEJA Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

21 - CEU Centro de Ensino Unificado

336 – CEI DIR Centro de Educação Infantil da Rede Direta

225 – CEI IND Centro de Educação Infantil da Rede Indireta

398 – CEI CON Centro de Educação Infantil da Rede Conveniada

Como recorte do universo de pesquisa, levou-se em consideração, primeiramente, os três modelos diferentes de Centro de Educação Infantil⁴¹.

CEI DIRETA – São os Centros pertencentes e administrados diretamente pelo poder público municipal.

CEI INDIRETA – São os Centros administrados por entidades filantrópicas que mantêm convênio com o poder público e desenvolvem atividades educacionais em prédios cedidos ou locados pela prefeitura.

CEI CONVENIADA – São os Centros administrados por entidades que mantêm convênio com o poder público municipal e desenvolvem as atividades em imóvel da própria entidade, a ela cedido ou por ela locado.

Optou-se por analisar um modelo de cada Centro na expectativa de encontrar parâmetros relevantes diferentes entre eles. Pois, segundo a assessoria da Coordenadoria de Santo Amaro, os Centros de Educação Infantil da rede direta são os mais carentes em termos de estrutura e materiais pedagógicos, por outro lado, os Centros da rede

40. Total de unidades sem contar as escolas particulares.

41. Portaria Intersecretarial 03/2004 – SME (Secretaria Municipal da Educação) - Em anexo.

CAPÍTULO IV - Procedimentos

conveniada, normalmente, são mais abastecidos.

Para delimitar a região a ser analisada, foi feito um levantamento da distribuição das unidades de ensino e constatou-se que a partir de 2005 a secretaria municipal da educação centralizou a administração agrupando algumas subprefeituras em coordenadorias. Elas ficaram subdivididas da seguinte maneira:

Coordenadoria do Butantã – incorporou Butantã e Pinheiros

Coordenadoria de Campo Limpo – incorporou Campo Limpo e M' Boi Mirim

Coordenadoria da Capela do Socorro – incorporou Capela do Socorro e Parelheiros

Coordenadoria da Freguesia/Brasilândia – incorporou Casa Verde, Freguesia, Cachoeirinha e Brasilândia.

Coordenadoria de Guaianases – incorporou Tiradentes e Guaianases.

Coordenadoria do Ipiranga – incorporou Vila Mariana, Sé, Ipiranga e Vila Prudente.

Coordenadoria de Itaquera – incorporou Itaquera, Vila Formosa, Carrão e Aricanduva.

Coordenadoria do Jaconã/Tremembé – incorporou Jaconã, Tremembé, Santana, Tucuruvi, Vila

Maria e Vila Guelherme.

Coordenadoria da Penha – incorporou Penha, Mooca e Ermelino Matarazzo.

Coordenadoria de Pirituba – incorporou Pirituba, Lapa e Perus.

Coordenadoria de Santo Amaro – incorporou Jabaquara, Cidade Ademar e Santo Amaro.

Coordenadoria de São Mateus – incorporou São Mateus e Sapopemba.

Coordenadoria de São Miguel – incorporou São Miguel e Itaim Paulista.

A escolha da região se deu por conta da facilidade de acesso e, principalmente, o contato próximo já existente com a Coordenadoria de Santo Amaro, a qual foi de extrema importância para obter informações internas da secretaria.

A Coordenadoria da Educação de Santo Amaro dispõe de um total de 71 unidades, divididas em:

- 17 unidades da Rede Direta – CEI DIRETA
- 18 unidades da Rede Indireta – CEI INDIRETA
- 36 unidades da Rede Conveniada – CEI CONVENIADA

O critério de escolha das unidades analisadas foi sobre a faixa etária de atendimento nos Centros,

CAPÍTULO IV - Procedimentos

pois o objeto de pesquisa diz respeito aos brinquedos utilizados por crianças de 0 a 6 anos e onze meses matriculadas nos Centros de Educação Infantil.

Assim, as unidades de ensino selecionadas foram determinadas por aquelas que atendiam a faixa etária em estudo. São elas:

- CEI Vila Mira – Pertence à Rede Direta
- CEI Cruz de Malta – Pertence à Rede Indireta
- CEI Coração Imaculado de Maria – Pertence à Rede Conveniada

2. Estudo de Caso

1. Vila Mira – Rede Direta

O CEI Vila Mira está localizado no bairro de Vila Santa Catarina, pertence à Subprefeitura de Jabaquara e atende um total de 147 crianças, na faixa etária entre 1 a 6 anos⁴², e são divididas em classes da seguinte maneira:

- 1 sala com crianças de 1 a 2 anos, sendo 06 meninos e 12 meninas
- 2 salas com crianças de 2 a 3 anos, sendo 19 meninos e 29 meninas
- 2 salas com crianças de 3 a 4 anos, sendo 20 meninos e 16 meninas
- 1 sala com crianças de 4 a 5 anos, sendo 10

meninos e 10 meninas

- 1 sala com crianças de 5 a 6 anos, sendo 12 meninos e 13 meninas

2. Cruz de Malta – Rede Indireta

A CEI Cruz de Malta está localizada no bairro do Jardim Aeroporto, pertence à Subprefeitura de Jabaquara e atende um total de 163 crianças, na faixa etária entre 0 a 6 anos e onze meses, e são divididas em classes da seguinte maneira:

- 1 sala com crianças de 0 a 1 ano, sendo 12 meninos e 09 meninas
- 1 sala com crianças de 1 a 2 anos, sendo 15 meninos e 12 meninas
- 1 sala com crianças de 2 a 3 anos, sendo 13 meninos e 12 meninas
- 1 sala com crianças de 3 a 4 anos, sendo 09 meninos e 15 meninas
- 1 sala com crianças de 4 a 5 anos, sendo 10 meninos e 14 meninas
- 1 sala com crianças de 5 a 6 anos, sendo 09 meninos e 12 meninas
- 1 sala com crianças de 6 a 6 anos e onze meses, sendo 10 meninos e 11 meninas

42. Percebe-se que esta unidade não atende crianças de zero a um ano, porém o que determinou sua seleção foi o fato de atender a maior faixa etária dentre as outras pertencente a mesma Coordenadoria.

CAPÍTULO IV - Procedimentos

3. Obra Social Coração Imaculado de Maria - Rede Conveniada

A CEI Coração Imaculado de Maria está localizada no bairro de Vila Alexandria, pertence à Subprefeitura de Jabaquara e atende um total de 208 crianças, na faixa etária entre 2 a 6 anos e onze meses⁴³, e são divididas em classes da seguinte maneira:

1 sala com crianças de 2 a 3 anos, sendo 07 meninos e 07 meninas

1 sala com crianças de 3 a 4 anos, sendo 12 meninos e 12 meninas

1 sala com crianças de 3 a 4 anos, sendo 14 meninos e 10 meninas

1 sala com crianças de 4 a 5 anos, sendo 14 meninos e 10 meninas

1 sala com crianças de 4 a 5 anos, sendo 10 meninos e 15 meninas

1 sala com crianças de 5 a 6 anos, sendo 12 meninos e 10 meninas

1 sala com crianças de 5 a 6 anos, sendo 14 meninos e 11 meninas

1 sala com crianças de 6 a 6 anos e onze meses, sendo 11 meninos e 14 meninas

1 sala com crianças de 6 a 6 anos e onze meses,

sendo 11 meninos e 14 meninas

3. Instrumento de Coleta de Dados

Para colher as informações internas dos Centros de Educação Infantil, optou-se por uma abordagem qualitativa por meio de entrevista oral gravada em fita cassete e registro fotográfico dos diferentes brinquedos.

Para a entrevista foi elaborado um questionário como roteiro padrão de perguntas, porém ao longo da ‘conversa’ foi dada a liberdade de estender qualquer indagação considerada pertinente ao tema pesquisado.

O desenvolvimento do questionário foi feito com objetivo de obter informação geral sobre a política pedagógica da instituição, sua aplicação prática em respeito ao desenvolvimento da criança, sobre tudo, analisando o uso do brinquedo como instrumento de ensino.

Porém, antes de realizar as entrevistas, o questionário foi submetido à análise de dois examinadores externos, um ligado a área da Educação Infantil⁴⁴ e outro no campo do Desenho Industrial⁴⁵. Diante das sugestões recebidas desses juizes o instrumento foi revisado, resultando no modelo padrão⁴⁶.

43 Percebe-se que esta unidade não atende crianças de zero a dois anos, porém o que determinou sua seleção foi o fato de atender a maior faixa etária dentre as outras pertencente a mesma Coordenadoria.

44. Ednice Rocha – Professora e Coordenadora Pedagógica com mais de vinte e cinco anos de experiência na educação infantil.

45. Ms.Cláudio Ari Ciacon – Professor Universitário, Formado em Desenho Industrial, Mestre pela UNESP.

46. ver anexo.

CAPÍTULO IV - Procedimentos

Ele está dividido em três partes:

Primeira: Direcionadas à Coordenadora Pedagógica. Aborda questões gerais sobre a instituição de ensino.

Segunda: Direcionada às Assistentes de Desenvolvimento Infantil - ADI⁴⁷

Aborda questões relacionadas às atividades diárias das crianças e o uso dos brinquedos como instrumento de desenvolvimento.

Terceira: Direcionadas à Coordenadora Pedagógica e ADI. Aborda questões sobre os brinquedos construídos na própria instituição.

Os registros fotográficos foram capturados com câmera digital para facilitar e agilizar a manipulação das imagens.

As entrevistas, assim como, os registros fotográficos eram agendados com alguns dias de antecedência, porém os dados de coleta só eram informados pessoalmente para que as informações colhidas fossem as mais verdadeiras.

Para que o foco da pesquisa não alterasse em função da diversidade de informações colhidas na entrevista, optou-se em transcrever todos os dados e deixa-los a disposição em anexo para possíveis consultas.

Portanto, nos próximos capítulos são apresentados os resultados da pesquisa (Cap. V) e discussões (Cap.VI) somente sobre as informações consideradas importantes como percurso ao objetivo do trabalho.

47 ADI – Assistente de Desenvolvimento Infantil é a professora responsável pela turma de alunos nos Centros de Educação Infantil.

CAPÍTULO V

Resultados da Pesquisa

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Os registros fotográficos obtidos na pesquisa *in loco* foram reunidos individualmente de acordo com cada Centro de Educação e estão divididos em função da faixa etária.

1. CEl Rede Direta Vila Mira

Registro Fotográfico

Disponibilidade dos Brinquedos⁴⁸

A maioria dos brinquedos disponível para as crianças era armazenada dentro de caixas plásticas (fig. 16). Aqueles de faixa etária entre um a dois anos eram guardados dentro de alguns berços e em caixas de papelão (fig. 15).

Os brinquedos construídos com materiais de sucata e/ou materiais de papelaria não estavam disponíveis diretamente para as crianças, eles estavam alocados na sala da coordenação e só eram usados em situações dirigidas pelas assistentes. Isso acontecia por considerar que os brinquedos de sucata não eram resistentes o suficiente para estarem com os demais.

Figura 15

Figura 16

48. Para viabilizar os registros fotográficos e estudo dos brinquedos, eles foram agrupados junto àqueles que, aparentemente, pertenciam à mesma família.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos de Sucata

Figura 17

Dominó feito com caixa da embalagem de leite.

Figura 19

Jogo da velha.

Figura 18

Dominó com figuras de animais feito em cartolina.

Figura 20

Jogo da memória com figuras e palavras.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 1 a 2 anos

Cubo numérico de espuma, bonecos e bichos de pelúcia.

Figura 21

Bonecos de plástico, bichos de pelúcia, bola, carrinhos e outros brinquedos.

Figura 22

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 2 a 3 anos

Jogo de encaixe colorido com grande parte das peças quebradas.

Figura 23

Figura 24

Bonecos de plástico e pelúcia.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Sobra de diferentes brinquedos.

Figura 25

2 a 3 anos (cont.)

Potes, balde, embalagens de produtos alimentícios, farmacêuticos e de beleza.

Figura 27

Blocos coloridos de madeira para jogos sequenciais de cores e tamanhos, com embalagens de saco de pano.

Figura 26

Diversas peças de brinquedos quebrados.

Figura 28

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 3 a 4 anos

Figura 29

Jogo de encaixe, bonecas e bichos de pelúcia.

Figura 30

Bonecos, bicho de pelúcia, blocos de construção coloridos.

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 4 a 5 anos

Jogo de boliche feito com embalagem plásticas de refrigerante de dois litros e duas bolas.

Figura 31

Figura 32

Diferentes peças de brinquedos quebrados.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

4 a 5 anos (cont.)

Figura 33

Bonecas, fantoche, roupa de palhaço, banheira de plástico e um boneco de borracha.

Figura 34

Teclado de computador, restos de brinquedos quebrados e sobras de blocos coloridos.

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 5 a 6 anos

Potes, tampas, panelas, pratinhos, embalagens de perfume, copos plásticos, latas de produtos alimentícios e colheres.

Figura 35

Figura 36

Embalagens de filme fotográfico, tampas de garrafas de refrigerantes, embalagem em geral, sobra de blocos dos jogos de encaixe e construção.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

5 a 6 anos (cont.)

Jogos incompletos e inacabados (sem pintura) de memória e dominó.

Figura 37

Peças de brinquedos quebrados; estojo de metal com sobras de giz de cera; blocos de jogos de construção.

Figura 38

2. Rede Indireta - CEl Cruz de Malta

Registro Fotográfico

Disponibilidade dos Brinquedos

Os brinquedos eram organizados de acordo com a faixa etária da sala de aula. Eles estavam alocados em armários e estantes na própria sala. Alguns brinquedos ficavam expostos diretamente (fig. 39) sobre as prateleiras, outros dentro de potes ou caixas (fig. 40).

Figura 39

Figura 40

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Todas as salas possuíam revistas e livros de histórias infantis, algumas ficavam dispostas nas prateleiras dos armários (fig. 41), outras em cestas (fig. 42).

Figura 41

Figura 42

Materiais pedagógicos de papelaria e alguns objetos de sucata (tampa de garrafa de refrigerante, palitos de madeira, botão de roupa, entre outros) estavam presentes em todas as salas, com exceção do berçário (crianças até um ano).

Figura 43

Massa de modelar, canetinhas coloridas, lápis de cor, colas e etc.

Figura 44

Giz, tesouras e lápis coloridos.

Figura 45

Pincéis, réguas, cola, pote com tampinhas, fita crepe, entre outros materiais.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Na sala da Coordenação tinha uma grande variedade de materiais pedagógicos que eram disponíveis para o uso de qualquer professor. Dentre eles destacavam-se: brinquedos, materiais de papelaria, fantoches e fantasias.

Caixas com fantasias infantis separadas por temas: circo, super-herói, etc.

Variedade de revistas, livros e filmes de tema infantil.

Fantasia de super-herói.

Variedade de fantoches.

Diferentes tipos de brinquedos

Materiais de papelaria: canetinhas, tintas, pincéis, papel sulfite, tesouras, lápis, etc.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Cubos grandes coloridos com imagens de números e bichos.

Figura 52

Brinquedos coloridos.

Figura 54

Mordedores de borracha e outros brinquedos coloridos.

Figura 53

Diferentes tipos de brinquedos. Bolas, carrinhos, mordedores e outros.

Figura 55

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 1 a 2 anos

Figura 56

Diferentes tipos de brinquedos.

Figura 58

Bonecas.

Figura 57

Pecas coloridas do jogo de encaixe.

Figura 59

Diferente modelo de peças de encaixe.

Figura 60

Instrumentos musicais. Chocalhos, tambor, pandeiro e outros. Alguns feitos com materiais de sucata..

Nesta sala ainda tinha outros tipos de brinquedos: Bichos de pelúcia, bolas de plástico e de borracha, jogo de boliche e carrinhos coloridos.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Figura 61

Carrinhos e brinquedos coloridos.

Figura 62

Peças coloridas do jogo de encaixe.

Figura 63

Utensílios de cozinha: pratos, panelas, bule, tampas, xícaras etc.

Figura 64

Cesta de brinquedos e berço para bonecas.

Além desses brinquedos, constatou-se a presença de Bichos de pelúcia, bonecas, banheiras de bonecas, revistas de histórias, carrinhos de plástico colorido.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Figura 65

Diferentes tabuleiros com peças de encaixe. Cada qual com seu tema específico.

Figura 66

Peças coloridas de borracha com recorte central de números e letras. Para brincadeira de encaixe e construção de palavras.

Figura 67

Diferentes tipos de bonecos e bichos.

Figura 68

Conjunto de ferramentas de plástico.

Ainda nesta classe tinha outros tipos de brinquedos: diferentes modelos de jogos de encaixe, bonecas, revistas de história e diversos utensílios de cozinha.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 4 a 5 anos

Figura 69

Quebra-cabeça.

Figura 71

Quebra-cabeça tridimensional em forma de cubo.

Figura 70

Diferentes modelos de Bonecas

Figura 72

Balde de peças coloridas do jogo de encaixe.

Figura 73

Carrinho de feira, cesta de frutas e diferentes tipos de frutas.

Outros brinquedos existentes na sala eram: Bichos grandes de pelúcia, carrinhos e diferentes modelos de jogos de encaixe.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 5 a 6 anos

Figura 74

Jogo de dominó de madeira com figuras de formas geométricas simples.

Figura 76

Conjunto de letras e números de borracha colorida.

Figura 75

Diferentes tipos de jogos de tabuleiro.

Figura 77

Jogo de dominó e jogo da velha.

Figura 78

Boneco de espuma gigante.

Os outros brinquedos presentes nessa classe eram: livros de histórias, bonecas, bichos de pelúcia, máquina de costura, relógio de brinquedo com ponteiros móveis, mesa e ferro de passar (de plástico) e outros modelos de jogos de encaixe.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças
de 6 a 6 anos e 11 meses

Figura 79

Jogos de Dominós e jogo de memória
com letras do alfabeto.

Figura 81

Conjunto de bonecas do tipo 'Barbie'.

Figura 80

Jogo de letras e números.

Figura 82

Diferentes tabuleiros de passa-fio.

Figura 83

Jogo de sequência lógica e jogo de
montar figuras.

Alem desses brinquedos foi encontrado: Outros tipos de bonecas, bonecos de guerra para meninos, conjunto de moldes de plástico para uso em areia ou massa de modelar, boneca de pano gigante, jogo do alfabeto com animais e livros de história.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

3. Rede Conveniada CEI Coração Imaculado de Maria

Registro Fotográfico

Disponibilidade dos Brinquedos

Segundo a coordenadora, todos os brinquedos que estavam disponíveis em sala de aula eram separados de acordo com a faixa etária das crianças.

Os brinquedos e materiais pedagógicos desta Instituição estavam organizados e distribuídos da seguinte maneira:

1. **Sala de artes:** é um espaço reservado para atividades mais dinâmicas como pintura, construção de brinquedos, leitura, teatro, brincadeira simbólica com fantasias, entre outras.

Nessa sala, além da estrutura física com mesas, bancos e armários, estavam disponíveis e bem organizados, diversos materiais para atividades artísticas.

Nessa sala, além da estrutura física com mesas, bancos e armários (fig. 85), estavam disponíveis e bem organizados, diversos materiais para atividades artísticas (fig. 84, 86 a 89).

Figura 84

Figura 85

Figura 86

Materiais de fantasias organizados e separados por tema.

Figura 87

Fantoches e revistas infantis.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Diversos materiais de sucata
organizado em caixas.

Figura 88

Figura 89

Diferentes tipos de instru-
mentos musicais.

É importante informar que em todas as salas de aula, assim como, na sala de artes, foram encontrados diversos materiais de papeleria organizados em armários (fig. 90).

2. Brinquedos Itinerantes: são aqueles que podem ser levados de uma sala para outra de acordo com a necessidade dos professores. Faziam parte desse rodízio as classes de crianças entre dois a quatro anos e onze meses (fig. 91 a 96).

Papel crepon, papel cartão,
cartolina, color set, etc.
Tintas, colas, tesouras,
canetas coloridas, giz de cera,
entre outros materiais.

Figura 90

Figura 91

Conjunto de peças grandes de
encaixa carimbos.

Jogo de boliche.

Figura 92

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos Itinerantes (cont.)

Jogo de dominó e conjunto de carimbos.

Figura 93

Jogo de dominó de figuras e jogo da memória.

Figura 95

Jogo de dominó com figuras letras e palavras, e outro com associação de idéias

Figura 94

Conjunto de peças de madeira com o alfabeto impresso em vermelho e azul, junto com sobras de outros brinquedos.

Figura 96

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

3. Armário Comunitário: Além dos brinquedos já relatados, na sala da coordenação esta disponível para os professores uma grande variedade de materiais pedagógicos que incluem: materiais de papelaria; materiais de sucata e jogos pedagógicos. A grande maioria dos jogos apresenta objetivo pedagógico bem claro.

Figura 97

Grande variedade de jogos e materiais pedagógicos.

Figura 99

Jogo de palavras com peças impressas em letras maiúsculas e minúsculas.

Figura 98

Jogo de blocos de madeira coloridos.

Figura 100

Passa-fio.

Figura 101

Blocos de construção com medidas e cores distintas.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

4. **Armário de Livros e Filmes:** espaço onde são armazenados diversos livros, revistas e filmes de história infantil.

Figura 102

Figura 103

5. **Brinquedos Permanentes:** Em cada sala de aula é disponível um grupo de brinquedos permanentes que, segundo a coordenadora pedagógica, são selecionados de acordo com a faixa etária da classe. Eles são armazenados em grandes cestos de plásticos ou nos armários localizados em cada sala de aula.

Figura 104

Figura 105

Figura 106

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 2 a 3 anos

Figura 107

Diferentes tipos de bichos de pelúcia

Figura 109

Embalagens descartadas de refrigerante, detergente, xampu, amaciante de roupa, sabão em pó e extrato de tomate.

Figura 108

Brinquedos que representam objetos de cozinha: fogão, utensílios, alimentos.

Figura 110

Pecas de encaixe para brincadeira de construção.

Figura 111

Diferentes tipos de bola de borracha.

Nessa sala ainda havia outros brinquedos como: bolas de plástico, bonecas e blocos grandes de encaixe.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis na sala das crianças de 3 a 4 anos

Figura 112

Blocos de madeiras para jogos de construção.

Figura 114

Bichos de pelúcia representando diferentes tipos de animais.

Figura 116

Diferentes tipos de bonecos.

Figura 113

Chocalho (instrumento musical) feito com material de sucata.

Figura 115

Brinquedos diversos.

Junto com esses materiais, ainda foi encontrado: massa de modelar, bonecas, brinquedos que representam objetos de cozinha, banheira de boneca, materiais de sucata e regador de plástico.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 4 a 5 anos.

Figura 117

Bonecas e bonecos de plástico.

Figura 118

Diferentes tipos de bichos de pelúcia.

Figura 119

Carrinhos; bonecos de plástico; peças de jogo de encaixe; carrinho de mercado.

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 5 a 6 anos.

Diferentes tipos de jogos: bingo, jogo de memória e outros jogos de tabuleiro.

Figura 120

Figura 121

Casa de boneca desmontável feita toda de plástico.

No momento de registro dos brinquedos das duas salas que contemplam a faixa etária de quatro a cinco anos, além desses demonstrados, estavam presentes também os brinquedos considerados itinerantes.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

5 a 6 anos (cont.)

Avião e diferentes tipos de carrinhos.

Figura 122

Alguns dos brinquedos construído na instituição: jogo de memória, bingo de números e letras, dados, 'tiro ao alvo' e outros.

Figura 124

Latas com letras e cores distintas para brincadeira de jogo de palavras e 'tiro ao alvo'.

Figura 123

Jogo da velha.

Figura 125

Nessas duas salas (crianças de cinco a seis anos) ainda estavam disponíveis diversos outros brinquedos: diferentes tipos do jogo de encaixe; bonecas e bonecos de plásticos; casinha de boneca; bichos de pelúcia; calculadora de brinquedo; outros jogos de tabuleiro; brinquedos que representam objetos de cozinha.

CAPÍTULO V - Resultados da Pesquisa

Figura 126

Diversos tipos de jogos de tabuleiro, alguns deles com objetivo pedagógico.

Brinquedos disponíveis nas salas das crianças de 6 a 6 anos e 11 meses

Figura 128

Jogo de palavras cruzadas com peças individuais de diferentes letras.

Figura 127

Carrinhos, trator, helicóptero, bonecos, avião e carrinho de controle remoto com fio.

Figura 129

Jogo de futebol.

CAPÍTULO VI

Discussão

CAPÍTULO VI - Discussão

Algumas informações passadas pelos entrevistados não condiziam com os dados colhidos nos registros fotográficos. Em alguns momentos, tinha-se a impressão que os entrevistados estavam preocupados em responder às questões com informações que não colocassem em xeque a qualidade de seu trabalho. Por exemplo, a porcentagem de brinquedos construído no CEI do total existente, em que todos apresentaram um valor superior ao que foi constatado efetivamente.

Nesse sentido, a opção por trabalhar na pesquisa *in loco*, através de dois métodos distintos para colher informações, parece ter sido acertada, pois, em determinados momentos, um complementa o outro.

Um dos objetivos que determinou a escolha distinta dos três Centros de Educação Infantil foi à hipótese, que em função da localidade ou nível sócio econômico das famílias atendidas, eles poderiam apresentar diferentes resultados sobre o objeto de pesquisa.

No entanto, essa hipótese não foi confirmada, pois, independente da localização dos CEI, as coordenadoras pedagógicas afirmaram que a grande maioria das crianças atendida nas suas escolas pertence ao nível sócio-econômico baixo.

Ou seja, não há distinção da política pedagógica (em relação aos instrumentos ou infra-estrutura disponíveis) de cada Centro em função da região ou da situação sócio-econômica das famílias das crianças atendidas.

O recurso financeiro, que os CEI utilizam para aquisição de brinquedos ou materiais pedagógicos, difere entre os que são conveniados⁴⁹ para o que é administrado e mantido diretamente pelo poder público.

O repasse da verba para os centros conveniados, é feito de acordo com a tabela per capita⁵⁰, em função do número de crianças matriculadas:

O CEI Indireto e o CEI Conveniado são denominados como Entidades Conveniadas, por firmarem o mesmo tipo de convênio com o poder público municipal. Quando o imóvel é da prefeitura, o CEI pertence à Rede Indireta. Por outro lado, quando o imóvel é de propriedade da Entidade ou alugado por ela, ele é considerado da Rede Conveniada, mesmo quando o repasse do aluguel seja feito pela prefeitura.

- Até 60 crianças - R\$198,00
- 61 a 90 crianças - R\$158,00
- 91 a 120 crianças - R\$146,00

49. O CEI Indireto e o CEI Conveniado são denominados como Entidades Conveniadas, por firmarem o mesmo tipo de convênio com o poder público municipal. Quando o imóvel é da prefeitura, o CEI pertence à Rede Indireta. Por outro lado, quando o imóvel é de propriedade da Entidade ou alugado por ela, ele é considerado da Rede Conveniada, mesmo quando o repasse do aluguel seja feito pela prefeitura.

50. PORTARIA INTERSECRETARIAL 13/2004 – SME. Em anexo.

CAPÍTULO VI - Discussão

- Acima de 120 crianças – R\$138,00
- Adicional Berçário – R\$50,00 (por criança de zero a um ano e onze meses).

Além desse recurso, esses Centros contam com o repasse adicional⁵¹ que corresponde a 100% do valor mensal, pago em duas parcelas durante o ano letivo - metade no primeiro semestre e a outra metade no segundo semestre. No entanto, a aquisição de brinquedos depende muito do Projeto Pedagógico desenvolvido Pelos Centros: Para cada convênio firmado com a prefeitura, tudo tem que estar informado no projeto pedagógico.

Segundo a Coordenadoria da Educação de Santo Amaro, os CEI que pertencem à Rede Direta seguem o padrão administrativo da Rede Pública de Ensino: Não há verba reservada especificamente para compra de materiais pedagógicos como brinquedos. Para suprir essa necessidade, algumas escolas realizam eventos beneficentes ou, quando possível, utilizam a verba da APM (Associação de Pais e Mestres).

Numa primeira análise sobre os brinquedos encontrados nos CEI em estudo, percebe-se uma grande diferença entre aqueles que estão no CEI Vila Mira (Rede Direta) para os outros. Os brinquedos

desse CEI apresentam uma qualidade muito abaixo do ideal para trabalhar com as crianças. Alguns brinquedos (jogo de encaixe, jogo da memória, dominó de figuras, peças do jogo de construção, entre outros) apresentam-se incompletos ou com peças quebradas; se as partes defeituosas fossem eliminadas e os jogos fossem reorganizados, poderiam ser utilizados normalmente numa atividade pedagógica. Porém, a grande maioria dos objetos é peças velhas de brinquedos quebrados (fig. 25 e 28). O descuido desses materiais é tão grande, que chegam a ponto de exalarem odor muito desagradável. A exceção está nos brinquedos disponíveis para as crianças de um a dois anos de idade, que apesar de não estarem tão bem organizados, são de melhor qualidade (fig. 22).

Porém, a coordenadora pedagógica, assim como a Assistente de Desenvolvimento Infantil, demonstraram que têm plena consciência da falta de recursos para uma reposição adequada dos brinquedos. Tentavam sanar esse problema com o desenvolvimento de alguns brinquedos de sucata. No entanto, a construção desses, às vezes, era suspensa pela falta de alguns materiais simples de papelaria.

51. PORTARIA 3.795, DE 24 DE MAIO DE 2005. Em anexo.

CAPÍTULO VI - Discussão

Infelizmente esses brinquedos ainda não atendiam as necessidades das crianças e só eram usados em brincadeiras dirigidas pelas professoras, com o argumento que eles não durariam muito tempo se estivessem a disposição direta para as crianças.

No CEI Cruz de Malta (Rede Indireta), por exemplo, notou-se que a quantidade e variedade dos brinquedos existentes eram muitas. Segundo a coordenadora, o número de brinquedo disponível em cada sala de aula, era em relação à quantidade de crianças. Além desses, na sala da coordenação, ainda tem um grande volume de brinquedos e materiais pedagógicos disponíveis para as professoras.

Algo que chamou atenção, foi a organização do cuidado que as ADI tinham com os brinquedos e materiais pedagógicos. Em todas as salas foi possível constatar diferentes tipos de materiais pedagógicos e todos eles separados por potes (fig. 43 a 45), assim como os brinquedos, que na maioria das salas ficavam sobrepostos nas prateleiras das estantes, numa altura coerente para o acesso das crianças (fig. 70 e 75). No entanto, a presença de inúmeros brinquedos industrializados não contempla a rica experiência e o importante valor que tem o de-

envolvimento e construção de brinquedos com sucatas. Apesar da coordenação ter conhecimento do papel fundamental desse processo, a instituição não promove essa ação como atividade rotineira dentro do plano pedagógico.

Outro fato que mereceu atenção foi o depoimento da ADI mencionando a falta de variedade dos jogos, principalmente os jogos de tabuleiro, que depois de algum tempo de uso, tornavam-se entediantes para as crianças. O modo que a coordenação desenvolveu para solucionar esse problema era o empréstimo de brinquedos entre as salas, porém essa ação não chegou a extinguir por completo a falta de variedade dos jogos. A questão é que nessa instituição as turmas eram divididas em apenas uma sala para cada faixa etária, ou seja, nem todos os brinquedos de uma sala poderiam ser usados pela turma de outra.

No caso do CEI Coração Imaculado de Maria (rede conveniada), percebeu-se que a qualidade das atividades desenvolvidas diariamente pelas ADI, seguem corretamente o Plano Pedagógico desenvolvido pela coordenação. Isso não envolve somente as ações entre a criança e professora, mas também a importância e o valor que a instituição promovia por

CAPÍTULO VI - Discussão

meio da infra-estrutura (dos materiais pedagógicos, brinquedos, e ambientes específicos para atividades lúdicas) e recurso humano qualificado para melhor atender. As treze ADI que formavam o corpo docente desta escola, por exemplo, eram formadas em pedagogia, diferente das outras duas instituições que, quando muito, tinham o magistério ou estavam a caminho de concluí-lo.

A organização dos brinquedos também é outro ponto relevante neste Centro. O armário comunitário, por exemplo, é um local repleto de jogos específicos para atividades pedagógicas que, em função da quantidade, foi impossível registrar todos (fig. 97). Esses brinquedos eram utilizados por qualquer professor, e seu uso era feito tanto em sala de aula quanto na sala de artes (fig. 85)

Um exemplo dado pela coordenadora foi sobre a dedicação que uma das assistentes promovia sobre a casinha de boneca (fig. 121), em que sua atenção era tão grande sobre os brinquedos, que esse já durava muitos anos na mesma sala e ainda permanecia em boas condições de uso.

A exemplo da organização, ainda, notou-se que nas classes das crianças com faixa etária de cinco e seis anos de idade, existia um grande número de

jogos de tabuleiro (fig. 120 e 126) que, também, por razões de quantidade não foram registrados individualmente. No entanto, as crianças não tinham acesso livre para esses jogos, muito pelo contrário, eles ficavam alocados em armários fora do seu alcance.

Estudo dos brinquedos

Os brinquedos encontrados nos Centros de Educação Infantil, de uma forma geral, são analisados de acordo com os principais temas discutidos ao longo da dissertação. No entanto, o eixo central que guia essas observações vem das características do desenvolvimento infantil elaborada por Piaget. A referência está sobre as capacidades de aprendizagem de cada Período do Desenvolvimento (cap. I), as Características das Brincadeiras (cap. II) e as Mudanças Comportamentais da Criança (cap. I).

A análise dos brinquedos foi feita de acordo com a faixa etária que os Centros de Educação Infantil organizam suas turmas. Para cada grupo de idade foi elaborada uma síntese, em tópicos, com os principais temas que envolvem a criança e o brinquedo. Vale ressaltar que nesse resumo,

CAPÍTULO VI - Discussão

além de conter conceitos já relatados ao longo da dissertação, couberam, também, novas observações ainda não vistas. Ao final de cada análise foram elaboradas algumas sugestões com o objetivo de facilitar ou ampliar as capacidades de desenvolvimento em cada faixa etária. Essas orientações têm como referencia não só os conceitos de Piaget como também à obra de Nylse Cunha (1988).

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 0 A 1 ANO

A análise dos brinquedos que pertencem a essa faixa etária se restringe somente àqueles pertencentes ao Centro Cruz de Malta, pois, dos três Centros estudados, somente esse atende crianças desta idade.

Ao longo desse período de desenvolvimento (nascimento até os doze meses de idade), a criança sai de um estado quase de imobilidade e passa a ter inúmeras aquisições psicomotoras que auxiliam na exploração do seu ambiente. Portanto, os brinquedos disponíveis para as crianças nesse Centro, além de ser de boa qualidade, estão de acordo com as necessidades desta faixa etária. Os mordedores de diferentes desenhos e cores (fig. 53), auxiliam no aprimoramento da coordenação entre

a reação motora e visual, e ainda servem de um instrumento para 'aliviar' as tensões dos primeiros dentes que estão nascendo. Os cubos de espuma (fig. 52) quando movimentados emitem sons que despertam a atenção e concentração das crianças. Os demais brinquedos, com apelo sonoro, com cores e luzes também estimulam suas reações mais elementares.

No entanto, apesar de ser um ambiente bem organizado e equipado, ainda assim, vale de algumas sugestões de uso:

Orientações

Com objetivo de ampliar o repertório de assimilação das crianças dessa faixa etária, é sugerido o uso de instrumentos⁵² que estimulam os seguintes aspectos:

- Objetos que despertam sensibilidades táteis distintas.
- Objetos que emitem sons distintos, e se possível, por meio da manipulação da criança.
- Móveis com apelo colorido, levando em conta sua capacidade de distinção de determinadas cores.
- Móveis que emitem sons por meio do toque da criança.

52. Instrumento como Objeto. As sugestões dadas são pertinentes somente ao campo do objeto, como instrumento auxiliador das capacidades das crianças, sem entrar no mérito das inúmeras ações ou práticas pedagógicas realizadas entre o professor e a criança.

CAPÍTULO VI - Discussão

- Objetos de fácil manipulação (de acordo com a pega da criança) e material firme, para descargas emocionais da criança.
- Objetos que por meio de movimentos emitem sons; como João bobo e pião.

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 1 A 2 ANOS

Os brinquedos que compreendem essa faixa etária estão presente nos Centros Cruz de Malta e Vila Mira.

As brincadeiras predominantes nesse estágio são aquelas que estimulam as diversas reações perceptivas da criança, assim como na faixa etária anterior, é denominada como Brincadeiras Práticas ou de Exercícios. A diferença deste estágio é que gradualmente, as combinações entre os diferentes meios sensoriais e motores, vão aumentando.

As bonecas e os bichos de pelúcia desenvolvem um papel importante nesse período, pois estimulam a afetividade da criança por meio das primeiras imitações. Por volta dos dois anos, elas utilizam esses objetos no processo de representação simbólica do cuidar, imitando a relação afetiva e carinhosa dos pais com seus filhos.

“(...)a menina ao brincar com bonecas vai,

primeiro, repetir aquilo que observa a mãe fazendo na rotina da casa: vai tirar e retirar a roupa da boneca e pentear seu cabelo.”

(BOMTEMPO, 2000)⁵³

O carrinho é um brinquedo que auxilia o aprimoramento da coordenação motora e seu movimento desperta grande atenção e interesse na criança pelo fato de obter diferentes resultados conforme a maneira como se brinca.

*“(...) o menino que brinca com carrinhos aprende a repetir os sons do motor, da buzina, aprende a diferença do que é rápido e do que é lento para, mais tarde, atribuir novos significados ao mesmo carrinho através da representação mental.”*⁵⁴

Os instrumentos musicais, encontrados somente no CEI Cruz de Malta, põem em prática a necessidade mais elementar do período sensório motor, pois, desperta a coordenação entre a reação sonora, visual e motora, tornando-se num rico instrumento para desenvolvimento rítmico da criança.

O interessante dos jogos de encaixe, também só presente no CEI Cruz de Malta, é que eles são de dimensões apropriadas para essas crianças que ainda não possuem habilidade motora fina bem

53 - 54 BOMTEMPO, E. *Brincar, fantasiar, criar e aprender*. In: OLIVEIRA, V. B. (org.) *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2000, p. 137.

CAPÍTULO VI - Discussão

apurada. Elas terão mais habilidade com esse tipo de brinquedo a partir do próximo estágio, mas, no entanto, o formato simples e seu tamanho apropriado auxiliam a criança na busca do aperfeiçoamento motor.

As bolas e o jogo de boliche encontrado somente no CEI Cruz de Malta, servem de um excelente instrumento para prática das diversas reações sensoriais motoras. Durante esta faixa etária, esses brinquedos atuam no campo das diversas reações perceptivas, coordenando noções do movimento corporal e visual em função do objeto, assim como sua percepção espacial.

Sobre a quantidade de brinquedo existente, fica claro que o CEI Cruz de Malta, não só está mais abastecido que o CEI Vila Mira, como também, apresenta maior diversidade. No entanto, algumas sugestões podem aprimorar a questão da aprendizagem nas crianças de um a dois anos de idade.

Orientações

Com objetivo de aprimorar a capacidade de desenvolvimento das crianças dessa faixa etária é sugerido o uso de instrumentos que estimulam os seguintes aspectos:

- Coordenação das reações sensoriais.
- Controle bi-manual, com objetos coloridos de empilhar e/ou encaixar um dentro do outro.
- Controle de força e puxar.
- Desenvolvimento do pensamento e da intencionalidade.
- Desenvolvimento da percepção olfativa.
- Desenvolvimento da motricidade.
- Orientação espacial e ação exploratória.
- Reprodução de ações que tiveram sucesso.
- Discriminação de formas e cores.
- Descoberta por meio da ação.

Vale ressaltar que nessa faixa etária as crianças ainda não têm controle tão apurado de suas ações motoras, alguns de seus movimentos com objetos ainda são bruscos. Nesse sentido, é de extrema importância que os materiais que compõem os brinquedos sejam seguros para não provocarem maiores acidentes.

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 2 A 3 ANOS

A criança deixa de ser um simples organismo que age conforme suas ações sensorio motoras, e passa a ter um pensamento representativo da realidade. Ela pensa que tudo que acontece, tem a

CAPÍTULO VI - Discussão

ver com suas vontades e que ocorre por alguma coisa que tenha feito. Ela sente uma grande dificuldade e incapacidade de reconhecer o ponto de vista do outro.

Segundo Piaget, o tipo de Brincadeira Infantil que predomina a partir desse período (Sub Período Pré-Operacional), que corresponde à faixa etária de dois a sete anos, é a Brincadeira Simbólica. Mas no início desse estágio, ou seja, na transição da Brincadeira Prática para Brincadeira Simbólica surge, ainda, a Brincadeira com Blocos ou Jogos de Acoplagem.

Brincando com blocos de construção e encaixe, as crianças estão obtendo conhecimentos de proporções e aprendendo reações físicas de causa e efeito (BOMTEMPO, 2000). A representação simbólica também é aplicada pela criança, em situações que imitam o cotidiano dos adultos, conhecido como inversão de papéis.

A partir dessa faixa etária, as análises envolvem os três Centros de Educação Infantil.

A presença de bonecas e bichos de pelúcia é comum nos três Centros. A partir dessa idade, esses brinquedos possibilitam uma exploração maior da capacidade representativa da criança que com o

passar do tempo, a maneira como ela interage com os bonecos vão sendo aprimorado com detalhes e significados cada vez mais elaborados.

“(...) aos dois anos, ela atribuirá à boneca ações independentes como dormir, chorar, ver, etc.; seis meses mais tarde, além dessas ações, ela atribuirá, também, experiências emocionais como dor e medo (...)”

(BOMTEMPO, 2000, p.137)

No entanto, é importante que se dê condições para que essas atribuições do desenvolvimento representativo sejam alcançadas. O que não acontece no CEI Vila Mira, em que as bonecas não apresentavam roupas e nem um outro acessório.

Os Jogos de encaixe, também, estavam presentes em todos os CEI. É um brinquedo que além de estimular a capacidade representativa da criança, ele auxilia no desenvolvimento da coordenação motora bimanual fina e na distinção de cores e formas. Para isso, é importante que eles sejam simples, coloridos e que estejam de acordo com a condição física da criança desta idade. Os jogos de encaixe encontrado nos CEI seguem adequadamente esses atributos, com exceção do Centro Vila Mira em que grande parte das peças estavam quebradas (fig. 23).

CAPÍTULO VI - Discussão

Os brinquedos que representam alimentos e utensílios de cozinha foram encontrados somente no CEI Coração Imaculado de Maria. São instrumentos que possuem características próprias para o jogo do faz de conta. A criança tem esse brinquedo como um facilitador para brincadeira simbólica, pois, possibilita a representação do dia-dia de um adulto na cozinha. Os utensílios encontrados no CEI remetem o mundo infantil por meio das formas simples e cores apropriadas.

As Sucatas de diferentes tipos de embalagem estavam presentes no CEI Vila Mira e Coração Imaculado de Maria. São materiais que devem apresentar um cuidado especial na seleção, na limpeza e, também, na organização. Caso contrário, pode surtir um efeito negativo, transmitindo aparência de lixo. Apesar das coordenadoras desses dois CEI informarem, na entrevista, que tinham o cuidado total desses materiais em relação à sua limpeza. No CEI Coração Imaculado de Maria, as embalagens dos produtos de limpeza ainda exalavam o cheiro do produto, mesmo eles estando organizados e aparentemente limpos. Já no CEI Vila Mira, esses materiais eram armazenados junto com os outros brinquedos, sem a menor preocupação de

organização e cuidado. O CEI Cruz de Malta, tinha por opção não trabalhar com materiais de sucata em nenhuma das faixas etária atendida alegando falta de vontade e interesse das ADI. Dessa forma eles excluem do aprendizado diversos aspectos que com o uso da sucata seria facilitado.

As bolas só foram encontradas no Centro Coração Imaculado de Maria. Nessa idade, elas proporcionam brincadeiras de grande atividade e que, conseqüentemente, exige diferentes movimentos do corpo. Com isso a criança tem o aprimoramento cada vez maior das suas capacidades motriz e satisfaz suas necessidades motoras, que nesse período aparecem super ativas.

O bloco de construção colorido (sem encaixe) presente somente no CEI Vila Mira (fig. 26) é um material importante para essa faixa etária das crianças. Por meio deles é possível aplicar diversos tipos de atividade em que cada uma delas orienta um aspecto específico do desenvolvimento, como por exemplo: percepção de quantidade, distinção de cores e formas, equilíbrio, controle manual, entre outros.

Numa análise geral, o que chamou muito atenção foi a quantidade de sobras de brinquedos

CAPÍTULO VI - Discussão

encontrados no CEI Vila Mira, que por falta de uma atenção especial estavam acumulando junto aos diversos materiais de sucata. O problema desse descuido é que isso, de alguma forma, poderia refletir na formação daquelas crianças que ali se encontravam. Numa análise direta sobre os brinquedos quebrados, no mínimo, essa situação manifesta um sentimento de frustração e incapacidade.

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 3 A 4 ANOS

Muitos dos brinquedos que estão disponíveis para as crianças dessa faixa etária são os mesmos que foram analisados no estágio anterior. Como por exemplo, as bonecas, carrinhos, bichos de pelúcia, blocos de construção, utensílios de cozinha e os jogos de encaixe. As habilidades estimuladas por esses brinquedos não alteram em função da idade.

No entanto, outros tipos de brinquedos foram encontrados, como é o caso da massa de modelar presentes nos CEI Coração Imaculado e Cruz de Malta. É um objeto de rico valor para o desenvolvimento da percepção tátil da criança além de exercitar os músculos e a destreza manual.

No CEI Vila Mira, os brinquedos reservados

para essa idade eram poucos, só foi encontrado algumas bonecas, bichos de pelúcia, blocos de construção e um conjunto de peças de encaixe. Sendo que os blocos de construção apresentavam características mais apropriadas para as crianças menores, pois tinham pouca distinção entre as peças, ao contrário do que foi encontrado no estágio anterior. Por outro lado, as peças do jogo de encaixe eram com sistema de fixação mais detalhado, o que exige da criança maior atenção e destreza manual apurada.

Os blocos de construção do CEI Coração Imaculado de Maria eram formados por peças distintas e com ilustrações que representavam paredes de casa ou prédio (fig. 112). Essas características são importantes para orientar as crianças numa atividade simbólica.

O CEI Cruz de Malta foi o que mostrou maior variedade de brinquedos em relação aos encontrados na faixa etária anterior. Dentre eles, os diferentes tabuleiros com peças de encaixe auxilia a criança na associação visual de figura e fundo, na orientação espacial e em sua habilidade motora. O conjunto de ferramentas é usado na representação simbólica e na coordenação dos movimentos manuais em

CAPÍTULO VI - Discussão

função do objeto. Já as peças coloridas de borracha, promovem o conhecimento de letras e números de forma dinâmica e interativa.

Orientações

Com objetivo de aprimorar a capacidade de desenvolvimento das crianças desse Estágio (Pré-Conceitual - dois a quatro anos) é sugerido o uso de instrumentos que estimulam os seguintes aspectos:

- Discriminação de cores e formas. Com peças de encaixar, entrar e sair.
- Associação de imagens e formas – figura e fundo.
- Desenvolvimento da motricidade com objetos de causa e efeito.
- Orientação espacial com jogos dinâmicos como o boliche.
- Criatividade por meio de objetos não estruturados.
- Coordenação motora manual - encaixar e empilhar.
- Percepção do todo através de partes. Como quebra-cabeça de poucas peças e figuras simples.
- Destreza manual fina com objetos de empilhar e

equilibrar.

- Contagem, classificação e seriação simples.
- Estimulação sensorial e desenvolvimento do pensamento.
- Representação simbólica – jogo do faz de conta.
- Dramatização e socialização.
- Desenvolvimento do pensamento lógico
- Coordenação viso-motora.
- Desenvolvimento da força muscular dos punhos e dedos. Com objetos de rosquear ou apertar.
- Discriminação de sons.
- Desenvolvimento do vocabulário.

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 4 a 5 ANOS

A partir dessa faixa etária a Brincadeira Simbólica se consolida no dia-dia da criança e está presente em grande parte de suas manifestações lúdicas.

Bomotempo (2000) diz que na brincadeira com boneca, ao passar do tempo, as crianças não só atribuem ações do dia-dia como também acrescentam a elas experiências emocionais e cognitivas. Os blocos de construção e as peças de encaixe exercitam suas capacidades representativas e criativas.

CAPÍTULO VI - Discussão

Observando os brinquedos encontrados nos CEI, percebe-se que alguns se repetem em relação à faixa etária anterior, como é o caso das bonecas (os), carrinhos, utensílios de cozinha, bichos de pelúcia, boliche e os jogos de encaixe que se faziam presentes nos CEI Cruz de Malta e Coração Imaculado de Maria. A diferença é que a partir dessa idade, a criança usa esses objetos para auxiliar o aprimoramento das suas capacidades representativas, agregando, cada vez mais, detalhes e diferentes significados na brincadeira.

No Centro Coração Imaculado de Maria os jogos mais apropriados para essa idade estavam juntos aos Itinerantes. Eles eram formados por três diferentes tipos de dominó, jogo da memória, jogo de encaixe, boliche e peças do alfabeto. Os jogos de dominó formados por grandes peças de figuras e letras são mais adequados a essa idade, pois as imagens despertam interesse e facilita na identificação das peças, principalmente nesse período em que as crianças ainda estão se adaptando com as regras desse jogo. Esse brinquedo, assim como o jogo da memória, auxilia a criança no desenvolvimento da memória, percepção visual, associação de imagens, pensamento lógico e socialização entre outras

crianças. Como elas ainda não têm capacidade de formarem palavras, as peças do alfabeto, nesta idade, são usadas somente para as crianças se familiarizarem com as letras e números.

No Centro Cruz de Malta foi possível encontrar uma variedade maior de brinquedos, e todos eles adequados a essa idade. Por exemplo, os jogos de encaixe tinham três modelos diferentes, cada qual com sua especificidade. Essa variedade de jogos de encaixe desperta interesse e desafia a criança para construção de novas representações, estimulando sua criatividade e imaginação. O quebra-cabeça tridimensional (sem encaixe) é um tipo diferente. A figura é impressa nas seis faces do cubo, porém sua configuração final é formada por poucas peças. Já o outro quebra cabeça é formado por peças chapadas que encaixam entre si. Eles são adequados a essa idade por não apresentarem muitos detalhes em sua configuração facilitando o desenvolvimento de alguns atributos na criança, como: capacidade de raciocínio, percepção visual, noção de espaço, associação de figuras e forma, e destreza manual.

No CEI Vila Mira, grande parte dos objetos não passavam de sobras de brinquedos. A exceção estava no jogo de boliche, nas três bonecas e no

CAPÍTULO VI - Discussão

fantoche que, com certeza, não contemplam a necessidade das trinta e seis crianças desta faixa etária.

O restante dos objetos, se bem organizados, poderiam ser usados em outras atividades simbólicas, mas, no entanto essa não era a realidade da escola.

ANÁLISE DOS BRINQUEDOS – 5 a 6 anos e 11 meses

Nessa análise, o estudo dos brinquedos abrange as duas últimas faixas etárias do estudo de caso. Isso por que os brinquedos encontrados nos Centros não diferem em função da idade.

Muitos dos brinquedos encontrados já faziam parte do repertório das crianças na faixa etária anterior. A contribuição no processo de aprendizagem também é a mesma, porém, a assimilação de novos conceitos acontece num prazo de tempo mais curto. Os jogos de dominó, por exemplo, em que na idade entre quatro e cinco anos é mais indicado o uso de modelos com poucas peças e imagens simples (fig. 74), com o passar do tempo e, conseqüentemente, após a compreensão do jogo, ele pode ser substituído gradativamente por outros

tipos com mais detalhes perceptivos (fig. 93 e 94).

Ao final deste estágio, a criança já possui capacidade de assimilar as regras de determinados jogos e demonstra interesse em seguí-las corretamente. Os brinquedos ou jogos que possuem regras simples e de fácil compreensão são os mais indicados para essa faixa etária, pois com o passar do tempo eles podem ser substituídos, gradualmente, por outros de regras e detalhes mais complexos.

O jogo da velha, jogo do bingo e dominó encontrados nos Centros Cruz de Malta e Coração Imaculado de Maria, são bons exemplos de jogos de regras simples em que a criança não tem grandes dificuldades em assimilá-las. Além desses, ainda foi possível constatar uma grande variedade de jogos de tabuleiro que, em função da quantidade, não foi possível realizar o registro individualmente (fig. 75 e 120).

Outros instrumentos que são bem adequados a esta idade são aqueles que auxiliam a criança no processo de alfabetização. A partir dessa faixa etária algumas crianças já conseguem formar sílabas e até algumas palavras. Portanto, a presença desses instrumentos podem ser fundamentais nesse processo, como é o caso do CEI Cruz de Malta e Coração

CAPÍTULO VI - Discussão

Imaculado de Maria, que foram encontrados mais de um instrumento com essa finalidade. (fig. 79, 99 e 128).

O brinquedo passa-fio também estava presente nesses dois CEI. Ele contribui para o desenvolvimento da coordenação viso-motora, na orientação espacial e ainda estimula a atenção e concentração da criança.

No CEI Vila Mira, o que foi encontrado não tinha intenção explícita para atividade lúdica com as crianças. Os objetos eram formados por sobras de brinquedos e diversos materiais de sucata (fig. 35 e 36).

Orientações

Com objetivo de aprimorar a capacidade de desenvolvimento das crianças desse Estágio (Intuitivo - quatro a sete anos) é sugerido o uso de instrumentos que estimulam os seguintes aspectos:

- Sequenciação com instrumentos que auxilia a compreensão de tempo e acontecimentos.
- Sequenciação e classificação com blocos lógicos.
- Associação por dois atributos – Composição e decomposição de figuras.
- Noção de quantidade.

- Equilíbrio com instrumento de balança com variáveis de peso e quantidade.

- Ordenação de numerais com instrumentos numéricos crescentes e decrescentes.

- Dramatização.

- Ordenação por mais de um atributo.

- Compreensão de regras mais elaboradas.

CAPÍTULO VII

Considerações finais

CAPÍTULO VII - Considerações Finais

Ao término da pesquisa percebe-se que a discrepância dos brinquedos encontrados no CEI Vila Mira em relação aos outros dois, não está somente relacionada à falta de recurso financeiro. Talvez a grande carência desse CEI fosse sobre a qualificação dos profissionais responsáveis na educação direta das crianças.

Profissionais bem qualificados possuem conhecimentos suficientes para inverter uma situação escassa de materiais, em ações que atendam as necessidades de desenvolvimento das crianças. A disponibilidade de recurso financeiro é importante, porém, ele não deve ser considerado o único caminho.

Bomtempo (1999) diz que não é a quantidade de material que leva a melhor aprendizagem, mas a habilidade de lidar com ele. E isso não restringe somente às crianças, os professores devem providenciar os recursos necessários para que a brincadeira se desenvolva de acordo com o objetivo proposto (SPODEK; SARACHO, 1998).

A falta de organização dos materiais, na maioria das vezes, é o que dificulta o planejamento de boas atividades lúdicas. No CEI Vila Mira, por exemplo, o problema não estava na grande

quantidade de material de sucata, e sim na forma como eles eram desprezados. Luise Weiss (WEISS, 2000) diz que essa questão pode ser abordada de duas maneiras: por um lado esse material pode dar origem a objetos construtivos e expressivos, ou então, permanecer com aspecto de lixo, como um amontoado de cacarecos misturados, confusos e difíceis de serem distinguidos.

Já no CEI Coração Imaculado de Maria, a realidade era outra. Esses materiais eram utilizados de acordo com o planejamento pedagógico anual da escola e se mantinham armazenados de maneira exemplar, o que facilitava todo processo no momento da atividade.

Os brinquedos construídos com esses materiais favorecem o desenvolvimento não só das capacidades físicas e motoras como também das atribuições afetivas, sociais e cognitivas. Luise Weiss (2000), em seu artigo: *O espaço do brinquedo de sucata na brinquedoteca*; ressalta a importância que a construção desses brinquedos tem perante as crianças. Ela relata que a criança ao desenvolver essa atividade, constrói uma relação de afeto com o objeto que se estende ao desejo de leva-lo para casa.

No entanto, são inúmeros os instrumento

CAPÍTULO VII - Considerações Finais

capazes de auxiliar o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança e não se restringe somente ao uso desses construídos com sucata.

Cyrse A.(ANDRADE, 2001) num estudo sobre brincadeiras nas Creches, alerta para a importância que se deve ter em relação a diversidade do acervo, com brinquedos artesanais, industrializados, importados e, ainda, os feitos pelas crianças e educadores. Ela afirma que a riqueza do brinquedo não está somente associada aos materiais ou processos de produção, ela é dada por aquilo que o brinquedo é capaz de possibilitar à criança. Assim, o brinquedo tem a função de viabilizar essas inúmeras possibilidades, sejam elas de forma direta ou indireta.

O interessante está em aliar o conhecimento que se tem sobre a função do brinquedo com as capacidades de desenvolvimento infantil apresentadas em cada faixa etária, no sentido de despertar ou estimular essas potencialidades. E a ação do educador, nesse momento, é fundamental para selecionar os meios mais adequados.

Numa análise sobre os conceitos de Piaget em relação às atividades dos educadores, Spodek e Saracho (1998) comentam que:

“A teoria piagetiana sugere um ativo para a educação na primeira infância. (...) Embora elas (as crianças) estejam aptas a processar informações e desenvolver conceitos, a teoria piagetiana sugere que seu desenvolvimento deve ser encorajado por meios indiretos. Ao invés de dizer às crianças o que queremos que elas saibam, precisamos oferecer experiências que lhes permitam construir o conhecimento”.

(SPODEK; SARACHO, 1998)

Os atributos de um brinquedo são bem empregados quando analisado todo repertório o qual ele se destina. Numa ótica às etapas de desenvolvimento, é importante que se leva em conta não só as atuais capacidades cognitivas e motoras da criança, como também àquelas que estão por vir.

Nesse momento de transição, o educador deve interferir no processo com novos objetos que propiciem o estímulo e a aquisição de novas habilidades.

Um bom exemplo, são os jogos de encaixe, que num primeiro estágio são indicados aqueles de propriedades simples, de poucas peças e fácil distinção de cores e formas. São usados por volta dos dois anos de idade e contribuem para aprimorar a coordenação viso-motora das crianças. Num

CAPÍTULO VII - Considerações Finais

segundo momento, após o período de adaptação, esses brinquedos podem ser substituídos por outros de configuração mais complexa, de múltiplas possibilidades. Assim, a assimilação de uma determinada capacidade vai sendo absorvida de forma gradual, facilitando seu processo de aprendizagem ao longo do desenvolvimento.

Da mesma forma ocorre com os brinquedos direcionados para as crianças a partir dos quatro anos, em que um dos objetivos é orientar e despertar seu pensamento lógico. Para isso, também é importante que os primeiros instrumentos sejam formados por objetos com poucas peças e caracteres de fácil identificação, que no decorrer da assimilação desses novos meios, poderão ser substituídos por outro com maior número de variável.

Entretanto, para que o brinquedo possa atingir sua plenitude na interação com a criança é preciso, antes de tudo, aliar o conhecimento das capacidades de aprendizagem de cada faixa etária do desenvolvimento infantil com as diversas funções e propriedades do brinquedo. Com o objetivo de traduzir esses conceitos em ações concretas que obedeçam às exigências do mundo infantil através da ótica das crianças.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- ALTMAN, R. Z. **A classificação dos brinquedos**. In: FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1998.
- ANTUNHA, Elsa L.G. 'Jogos sazonais' – co-adjuvantes do amadurecimento das funções cerebrais. IN: OLIVEIRA, V. B. (org.) **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.
- BEARD, Ruth M. **Como a criança pensa. A Psicologia de Piaget e suas aplicações educacionais**. Ibrasa, São Paulo, 1970.
- BIAGGIO, Ângela M. B. **Psicologia do Desenvolvimento**. Departamento de Psicologia da PUC/RJ. Ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1977.
- BIBLIOTECA PIONEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. **O desenvolvimento da criança do nascimento aos seis anos**. Trad. A.A. Fernandes. São Paulo, 1979.
- BICHARA, I. D. **Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.
- BOMTEMPO, E. **Brincar, fantasiar, criar e aprender**. In: OLIVEIRA, V. B. (org.) **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.
- _____. **Brinquedos: Critérios de Classificação e Análise**. São Paulo, Cadernos do ADM FDE, 1990.
- _____. **Brinquedos e Educação: na escola e no lar**. *Psicologia Escolar e Educacional*. Instituto de Psicologia – USP, Vol.3, nº1, 1999, p.61-69.
- _____. **Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brinquedo**. In: FRIEDMANN A. **O Direito de brincar: A brinquedoteca**. São Paulo. Scritta/Abrinq, 1992.
- BLAY, E. A. **Eu não tenho onde morar**. Vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo, Nobel, 1985.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo, Cortez, 1995.
- _____. **Da brincadeira ao brinquedo na educação pré-escolar**. II congresso Brasileiro do Brinquedo na Educação de Crianças de 0 a 6 anos,

Referências Bibliográficas

- FEUSP, São Paulo, 1990.
- BRUNER, Jerome. *Child's talk. Learning to use language*. New York, Norton, 1983.
- CHRISTIE, James F. *Programme de jeux pour les structures préscolaires et les cours primaires (2^a partie), L'éducation par le jeu et l'environnement*, n° 44, 1991.
- CUNHA, Nylse H. S. *Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos*. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- _____. *Brinquedoteca : um mergulho no brincar*. São Paulo : Maltese, 1994.
- FAW Terry. *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência*. Trad. Auriphebo B. Simões. São Paulo, Ed. McGraw-Hill do Brasil, 1981.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- FLAVELL, J. H. A. *Psicologia do desenvolvimento segundo Jean Piaget*. São Paulo, Pioneira, 1988.
- GARON, D. *Classificação e análise de materiais lúdicos - O sistema ESAR*. In: FRIEDMANN, A. *O direito de brincar: a brinquedoteca*. 4.ed. São Paulo: Scritta: Abrinq, 1992. p. 171-181.
- _____. *La Classification des Jeux et des Jouets: Le Systeme ESAR*. Documentor, Inc, Quebec, 1985.
- GOULART, Íris Barbosa. *Piaget: experiências Básicas para utilização pelo professor*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1989.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João P. Monteiro. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo, Cortez, 1996.
- _____. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo, Pioneira, 1994.
- LEBOVICI, S.; DIATKINE, R. *Significado e função do Brinquedo na criança*. Trad. Marco, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- LEIF, J.; BRUNELLE, L. *O jogo pelo jogo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MEDEIROS, E. B. *Brincadeiras e brinquedos como manifestação Cultural*. Cadernos do EDM, Faculdade de Educação USP, Vol 02, n° 02, 1990.

Referências Bibliográficas

- MESGRAVIS, L. A assistência à infância desamparada e a Santa Casa de São Paulo: a roda dos expostos no século XIV. *Revista de História*, (103): 401-423, 1975.
- MICHELET, André. Classificação de jogos e brinquedos – A classificação I.C.C.P. In: FRIEDMANN, A. O direito de brincar: a brinquedoteca. 4.ed. São Paulo: Scritta: Abrinq, 1992. p. 157-168.
- MITCHELL E.; MASON, B. S. *The Theory of play* (ed. Rev.). Cranbury, NJ: A. S. Barnes, 1948.
- MITCHELL L.S. *Young geographers*. New York: Bank Street College of Education. (originally published in 1934.), 1971.
- MUSSEN, Paul H. *O desenvolvimento psicológico da criança*. Trad. A. Cabral. Zahar Editores, RJ, 1970, 5ed.
- OLIVEIRA, Claudia Maria Arnhold Simões . *O ambiente urbano e a formação da criança*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado).
- OLIVEIRA, Paulo S. *O que é brinquedo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- OLIVEIRA, V. B. *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Z. M.R. *Dos parques infantis as escolas municipais de educação infantil : um caminho de cinquenta anos*. Escola municipal, São Paulo, 1985.
- PRATT, C.; STANTON J. *Before Books*. New York: adelpi, 1926.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Zahar editores, Rio de janeiro, 1971.
- _____. J. *A Psicologia da criança*. Trad. Octávio Mendes C. 3ª ed. São Paulo, Difel editora, 1974.
- _____. J. *O julgamento moral na criança*. Trad. Elzon L. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.
- _____. J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar. 1970.
- _____. J. *Play, dreams and imitations in childhood*. New York, Norton, 1962.
- _____. J. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 8ª edição, 1976.
- RAPPAPORT, C. R. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, EPU, 1981.
- ROBISON H. F.; SPODEK, B. *New*

Referências Bibliográficas

directions in the kinder-garten. New York: Theachers College Press, 1965.

SILVA, Carla S. B. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil.** Tese de Doutorado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP. 2003.

SPODEK B.; SARACHO, O. **Ensinando crianças de três a oito anos.** Porto Alegre, Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1984.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Revista da Faculdade de Educação,** SP – Brasil, 1975. Volume 14 / jan. jun. 1988, p. 43 a 52

WEISS, Luise. **O espaço do brinquedo de sucata na brinquedoteca.** In: OLIVEIRA, V. B. (org.) **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro, Imago, 1975.

ZIMMERMAN, L. D.; CALOVINI, G. **Toys as learning material for preschool children.** Exceptional Children, 1971.

SITES

http://www.novae.inf.br/pensadores/deserdados_destino.htm - acesso: 01/11/2005

<http://portaleducacao.prefeitura.sp.gov.br> acesso: 07/11/2005

<http://www.sinpeem.com.br> - acesso: 07/11/2005

http://www.multirio.rj.gov.br/cime/ME01/ME01_030.html - acesso: 16/03/2006

<http://www.centrorefeducacional.com.br/piaget.html> - acesso: 31/03/2006

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm> - acesso: 31/03/2006

<http://www.abrinq.com.br> - acesso: 26/04/2006

<http://www.inmetro.com.br> - acesso: 26/04/2006

<http://www.iqb.org.br> - acesso: 26/04/2006

<http://www.ifbauer.org.br> - acesso: 22/05/2006

<http://www.procon.org.br> - acesso: 01/06/2006

<http://www.abnt.gov.br> - acesso: 01/06/2006

<http://www.abrine.com.br> - acesso: 16/06/2006

Referências Bibliográficas

<http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.entrevistas/313.shtml> - acesso: 16/06/2006

Anexos

Anexos

Significado das palavras **Jogo, Brinquedo e Brincadeira** na íntegra, segundo o Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa, 3 Ed., 1999.

Jogo (ô). [Do Lat. Jocu, 'gracejo', 'zombaria', que tardiamente tomou o lugar de ludus.] S. m. 1. Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho: jogo de damas; jogo de futebol. 2. Brinquedo, passatempo, divertimento: jogo de armar; jogos de salão. 3. Passatempo ou loteria sujeito a regras e no qual, às vezes, se arrisca dinheiro: jogo de cartas; jogo do bicho. 4. Regras que devem ser observadas quando se joga. 5. Jogo de azar. 6. O vício de jogar: É dado ao jogo. 7. Maneira de jogar: O jogo dele é muito perigoso. 8. Série de coisas que forma um todo ou uma coleção: "Da sacra vestimenta avultam na brancura / De pistolas um jogo e a forma de um punhal." (Gonçalves Crespo, Obras Completas, p. 337) 9. Conjugação harmoniosa de peças mecânicas com o fim de movimentar um maquinismo: um jogo de manivelas. 10. Mecanismo d direção de um veículo: o jogo dianteiro de um carro. 11. Balanço transversal (q. v.): enjoou muito com o jogo do navio. 12. Escárnio, ludíbrio, jigajoga. 13. Manha, astúcia, ardil. 14. Vicissitudes, alternativas, vaivens. Jogada, jigajoga: o jogo político. 15. Aposto (1). 16. Comportamento ou atitude de alguém que visa a obter vantagens de outrem: jogo franco; jogo dissimulado. 17. Mús. Na técnica instrumental, a maneira como cada artista se serve dos recursos técnicos próprios ao seu instrumento. 18. Mús. Conjunto de registros do

órgão ou do harmônio. 19. Psicol. Jogo (1 e 2) empregado como meio de investigação ou tratamento psicológico. 20. Teatr. Uma das mais antigas composições dramáticas da Idade Média, principalmente na Alemanha, França e Espanha, constituída de breves diálogos, cenas ou recitações e representações em praça pública de trovadores e jograis.[Pl.: jogos (ó). Cf. jogo, do v. jogar.]

Brinquedo (ê). [De brincar.] S. m. 1. Objeto que serve para as crianças brincarem: brinquedo mecânico; loja de brinquedo. 2. jogo (1) de crianças; brincadeiras: brinquedo de amarelinha; brinquedo de pegar. [sin., p. us., nessas acepç.: brinco.] 3. Divertimento, passatempo, brincadeira: Os jovens distraíam-se com brinquedos de adivinhação e mímica. 4. Festa, folia, folguedo, brincadeira: Entrou no brinquedo com muita animação.

Brincadeira. [De brincar + deira.] S. f. 1. Ato ou efeito de brincar; brinco. 2. Divertimento, sobretudo entre crianças: brinquedo, jogo. 3. Passatempo, entretenimento, entretenimento, divertimento: Passaram a noite em alegres brincadeiras. 4. Gracejo, pilhéria. 5. Caçoadas, galhofa, zombaria. 6. Coisa que se faz irrefletidamente, ou por ostentação, e que pode causar prejuízo, aborrecimento, etc. 7. Folgueado, festa, festança. 8. Bras. Diversão carnavalesca; folia: Entrou na brincadeira no sábado e só voltou na quarta-feira. 9. Bras. Fam. Coisa de pouca importância: Não se preocupe: a operação vai ser uma brincadeira. 10. Bras. Fam. Festa informal ou improvisada.

Anexos

PORTARIAS

PORTARIA INTERSECRETARIAL SME/SMSP n. 03 DE 08 DE ABRIL DE 2004.

ANEXO I:

NORMAS GERAIS PARA CELEBRAÇÃO DE CONVÊNIOS – CEI/Creche

I – SERVIÇO CEI – entendido como espaço coletivo e privilegiado de vivência da infância (0 a 6 anos e onze meses), que contribui para a construção da identidade social e cultural das crianças, fortalecendo o caráter integrado do cuidar e do educar, entendendo que todo cuidado educa e toda educação cuida. Em ação complementar às da família e da comunidade, objetiva proporcionar condições adequadas para promover proteção, segurança, alimentação, cultura, saúde e lazer, com vistas à inserção, prevenção, promoção e proteção à infância.

O serviço pode ser oferecido em:

* Centros de Educação Infantil da Rede Pública Indireta – são assim denominados quando as entidades gerenciam o próprio municipal e bens móveis necessários ao seu funcionamento, durante o período do convênio, para desenvolverem atividades correspondentes ao plano de trabalho específico, inclusive quando o imóvel for locado pela Secretaria.

* Creches Particulares Conveniadas – são aquelas que desenvolvem atividades correspondentes ao plano de trabalho

específico do convênio, em imóvel da própria entidade, a ela cedido, por ela locado com recursos próprios ou recurso financeiro repassado pela Subprefeitura para custear as despesas com as instalações.

ANEXO V:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

- SUBCLÁUSULA SEGUNDA

O atendimento será inteiramente gratuito para o usuário, priorizada a demanda da região onde está instalado o CEI/Creche.

CLÁUSULA TERCEIRA – DOS CEI/CRECHE CONVENIADOS

- SUBCLÁUSULA ÚNICA

A CONVENIADA receberá, para cada criança na faixa etária de 0 a 1 ano e 11 meses, o adicional fixado na Portaria Intersecretarial SME/SF n. 11/2003, de 12/09/2003, ou outra que lhe venha substituir (13/2004 – SME/SF), conforme item 3.7 do caput desta Cláusula.

CLÁUSULA SÉTIMA – DO ‘PER CAPITA’

O ‘per capita’ mensal a ser pago à CONVENIADA previsto na Cláusula terceira deste termo, fixado na Portaria Intersecretarial SME/SF n. 11/2003, ou outra que venha substituir (13/2004 – SME/SF), é devido por criança matriculada que apresente frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) dos dias de efetivo funcionamento no período competente.

Anexos

PORTARIA 3.795, DE 24 DE MAIO DE 2005

ANEXO I:

III – PROCEDIMENTOS

4. Do repasse dos recursos

4.2 Será concedido à organização conveniada um adicional destinado à:

- execução de melhorias em suas instalações, de modo a garantir condições de habitabilidade compatíveis com a responsabilidade pública quanto à segurança de uso dos serviços de ocupação coletiva;

- qualificação de pessoal para garantir o adequado padrão de desempenho do serviço;

- recursos humanos :até 70% do valor do adicional;

4.3 - A partir de 2006 o adicional será pago da seguinte forma:

a) Para o convênio celebrado até 31 de maio a conveniada receberá um adicional equivalente a 100% do repasse mensal, pagos em duas parcelas, sendo 50% no mês de junho e 50% no mês de outubro.

b) Para o convênio celebrado no período de 01 de junho a 31 de outubro a conveniada receberá um adicional equivalente a 50% do repasse mensal, pagos em um única parcela no mês de outubro.

c)O convênio celebrado no período de 01 de novembro a 31 de dezembro não fará jus ao recebimento do adicional no ano de sua celebração.

PORTARIA INTERSECRETARIAL 13/2004 - SME

1. O valor do per capita e do adicional berçário passam a ser os seguintes:

Capacidade de atendimento Valor Per Capita (R\$)

Até 60 198,00

61 a 90 158,00

91 a 120 146,00

Acima de 120 138,00

Adicional Berçário 50,00 (crianças de zero a um ano e onze meses).

DECRETO

DECRETO Nº 40.268, 31 DE JANEIRO DE 2001.

Art. 4º - A partir de 1º de julho de 2001, as creches municipais das redes direta e indireta passam a denominar-se Centros de Educação Infantil - CEI, mantido o cumprimento do disposto no parágrafo único do art. 1º deste decreto.

DECRETO Nº 41.588, 28 DE DEZEMBRO DE 2001.

Art. 1º - Os Centros de Educação Infantil - CEIs, da rede direta municipal, com suas atribuições, pessoal, acervo, recursos financeiros e próprios municipais em que se encontram atualmente instalados, ficam transferidos da Secretaria Municipal de Assistência Social - SAS para a Secretaria Municipal de Educação - SME, integrando a Rede Municipal de Ensino.

Anexos

QUESTIONÁRIO PADRÃO DA ENTREVISTA

1. Da Instituição

Nome:

Rede:

Instituição:

Endereço:

Responsável pela instituição:

Pessoa pesquisada:

Questões:

1. A Instituição possui um Projeto Político Pedagógico ou Plano de Trabalho Pré-definido?

2. Qual o nível sócio-econômico das famílias das crianças matriculadas na instituição?

3. Qual o número de crianças matriculadas de acordo com a idade e sexo?

4. Qual o horário de funcionamento da instituição?

5. Há uma verba exclusiva para aquisição de brinquedos?

6. Como é realizada a aquisição de brinquedos?

2. Do Professor e ADI

- Sobre o brincar das crianças.

Nome:

Formação:

Questões:

1. Como você caracteriza sua função ou sua responsabilidade diante das crianças?

2. Qual é a rotina das crianças nessa instituição? Da sua chegada, até a sua saída?¹

3. Quais os materiais ou práticas pedagógicas mais utilizadas por você? Por ordem de maior utilização.

1-

2-

3-

4-

5-

6-

4. Como você trabalha os brinquedos com as crianças?

() brincadeira livre () brincadeira direcionada () os dois

5. Como você analisa o uso do brinquedo para as crianças?

() - Apenas um brinquedo

() - Material de recreação

() - Material pedagógico não necessário

() - Material pedagógico indispensável

() - Material pedagógico substituível

6. Quais os brinquedos que você mais utiliza com as crianças?

Em ordem de uso.

1-

2-

3-

4-

5-

6-

7. Existe uma preocupação em respeito à classificação do brinquedo sobre a faixa etária?

8. Cite ao menos dois brinquedos que as crianças mais gostam de brincar de acordo com sua idade?

Até um ano –

1.A resposta desta questão está sintetizada.

Anexos

1 ano –

2 anos –

3 anos –

4 anos –

5 anos –

6 anos –

9. Na atividade de brincar, qual sua frequência de participação prática na brincadeira junto às crianças?

☐ Sempre participa

☐ Algumas vezes participa

☐ Nunca participa

10. Quanto tempo é destinado para atividade de brincar com brinquedos? Obs. Não considerando brincadeiras de recreação em pátio, campinho, e/ou playground.

3. Da Coordenação e Professor - Sobre a construção de brinquedos

Questões:

1. Vocês constroem brinquedos aqui na instituição?

2. Em geral, quais são os profissionais que participam da construção desses brinquedos?

3. Aproximadamente, qual a percentagem de brinquedos feitos, nesta instituição, do total existente?

4. De onde provem os materiais para construção desses brinquedos?

5. Quais os materiais mais utilizados para construção desses brinquedos?

6. Quais os instrumentos mais utilizados para construção desses brinquedos? Ex. tesoura, estilete, cola e etc...

7. O desenvolvimento desses brinquedos é livre?

8. As crianças participam da construção dos brinquedos?

9. Com qual o objetivo?

10. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere a questão pedagógica? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

☐

11. Para construção dos brinquedos, é utilizada alguma referência bibliográfica ou teórica sobre a pedagogia a ser aplicada? Quais?

12. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere aos materiais utilizados nas questões sobre: toxidade; durabilidade; cor; textura; aspecto tátil, sonoro; resistência a umidade ou raios U.V.? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

☐

13. Na construção dos brinquedos e uso dos materiais, é utilizada alguma referência sobre as características técnica do material?

14. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere a segurança nas questões como: objetos

Anexos

pontiagudos; material cortante; material tóxico; peças pequenas; objetos desinfetados; entre outras? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

()

15. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere às características física, motora e de fácil manipulação da criança de acordo com sua faixa etária? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

()

16. O desenvolvimento do brinquedo é feito com o direcionamento específico sobre o sexo e a idade da criança que irá usa-lo?

17. A dificuldade de produção do brinquedo pode influenciar no desenho final ou ate mesmo no objetivo pedagógico?

18. Qual o tempo médio de vida útil dos brinquedos feito na instituição?

19. Você considera importante que o brinquedo apresente um tempo de uso mais prolongado?

ENTREVISTA TRANSCRITA

Rede Direta – CEI Vila Mira

1. Da Instituição

Nome: Centro de Educação Infantil Vila Mira Rede Direta

Endereço: Rua Navarra, 260 - Vila Santa Catarina

Responsável pela instituição: Terezinha - Diretora

Pessoa pesquisada: Maria de Fátima – Coordenadora Pedagógica

Questões:

1. A Instituição possui um Projeto Político Pedagógico ou Plano de Trabalho Pré-definido?

Sim. Faz um planejamento anual estipulando todos os objetivos e as atividades em cima desses objetivos, de acordo com a clientela. O projeto desse ano é o resgate de jogos brinquedos e brincadeiras. Pelo fato das crianças estarem muito agressivas e por não terem onde brincar... Sem espaços!

2. Qual o nível social e econômico das famílias das crianças matriculadas na instituição?

(Acredita-se que pertençam à classe baixa)

3. Qual o numero de crianças matriculadas de acordo com a idade e sexo?

Total de 193 crianças que estão divididas da seguinte maneira:

1 a 2 anos – 6 homens e 12 mulheres / 1 sala

2 a 3 anos – 19 homens e 29 mulheres / divididos em 2 salas

3 a 4 anos – 21 homens e 25 mulhres / divididos em 2 salas

Anexos

4 a 5 anos – 20 homens e 16 mulheres / divididos em 2 salas

5 a 6 anos – 10 homens e 10 mulheres / 1 sala

6 a 6 e 11 meses – 12 homens e 13 mulheres

4. Qual o horário de funcionamento da instituição?

Das 6:30hs as 18:30hs

5. Há uma verba exclusiva para aquisição de brinquedos?

Não. Não existe verba

6. Como é realizada a aquisição de brinquedos?

Depende de quem administra a creche. Por doação ou os professores fazem.

2. Do Professor e/ou ADI (Assistentes de Desenvolvimento Infantil)

- Sobre o brincar das crianças.

Nome: Ada Henrique da Silva Mello

Formação: ADI – Assistente de Desenvolvimento infantil

Questões:

1. Como você caracteriza sua função ou sua responsabilidade diante as crianças?

Minha responsabilidade no CEI é o cuidar e o educar. Não da pra você só educar sem cuidar... O meu cuidar é dentro do educar. Uma coisa não da pra separar da outra.

2. Qual é a rotina das crianças nessa instituição? Da sua chegada até sua saída?²²

Obs. São dois períodos. O turno desta ADI é a partir das 13:30h,

quando as crianças estão acordando.

11:00h as 13:30h – Hora de dormir.

14:00h as 14:15h - Fazem a roda de conversa discutindo a atividade (historia, desenho...)

14:15h as 14:45h – Atividade livre no pátio. Brincam com atividades físicas e brincadeira de cantinho.

14:45h as 15:50h – Atividade livre com brinquedos em sala de aula. Em seguida eles jantam.

15:50h as 16:30h – Atividade com revistas em sala de aula (leitura).

16:30h – Preparam-se e aguardam os pais.

3. Quais os materiais ou praticas pedagógicas mais utilizadas por você? Por ordem de maior utilização.

1- Brincadeira de roda 'corre-cotia'

2- Livro de historia

3- Os brinquedos

4. Como você trabalha os brinquedos com as crianças?

Na roda. Para ser algo mais organizado. “ a roda é uma organização”

5. Primeiro mostra o brinquedo e seu funcionamento, depois chamar um por um para em seguida deixar eles livres.

Como você analisa o uso do brinquedo para as crianças?

() - Apenas um brinquedo

() - Material de recreação

() - Material pedagógico não necessário

2. A resposta desta questão está sintetizada.

Anexos

(X) - Material pedagógico indispensável

() - Material pedagógico substituível

Não existe apenas um brinquedo...eu posso pegar um carrinho e falar— Olha isso aqui é um carrinho. Aquele carrinho vai virar um monte de coisa na mão dele, então não vai ser só um brinquedo.

6. Quais os brinquedos que você mais utiliza com as crianças? Em ordem de uso.

1-Livro de historia

2-Brinquedos. Por que os brinquedos são sucatas... São restos de brinquedos... Um conjunto de utensílios... Bonecas, funil, canecas...

7. Existe uma preocupação em respeito à classificação do brinquedo aplicado para determinada faixa etária?

No planejamento existe essa preocupação, mas não tem o material, não tem o brinquedo para ser aplicado as crianças. Mas hoje não existe uma separação.

8. Cite ao menos dois brinquedos que as crianças mais gostam de brincar de acordo com sua idade?

1 a 2 anos — jogos de encaixe. É um cano que tem argolas coloridas.

2 a 3 anos — Monta tudo; Brinquedos de encaixe tipo lego só que maiores. E bonecas.

3 a 4 anos — não informado

4 a 5 anos — É mais uma imitação... É o jogo simbólico mesmo, é o brincar de casinha, brincar de escolinha... De ser o chefe da brincadeira.

5 a 6 anos — É a mesma coisa.

6 a 6 anos e 11 meses — É mais jogos de comando... Por exemplo: pular corda 'Eu vou pular corda primeiro e vocês dois vão bater'. É mais brincadeiras elaboradas... Amarelinha. Eles já estruturam mais em cima da realidade.

9. Na atividade de brincar, qual sua frequência de participação pratica na brincadeira junto às crianças?

(X) sempre participa

() algumas vezes participa

() nunca participa

10. Quanto tempo é destinado para atividade de brincar com brinquedos? Obs. Não considerando brincadeiras de recreação em pátio, campinho, e/ou playground.

30 minutos no período da tarde e mais trinta minutos no período da manha. "As vezes de manha é mais tempo". Da um total de uma a hora a uma hora e meia.

3. Da Coordenação e Professor

- Sobre a construção de brinquedos

1. Vocês constroem brinquedos aqui na instituição?

Sim. Em cima de sucata.

2. Em geral, quais são os profissionais que participam da construção desses brinquedos?

Todos os profissionais que lidam com as crianças... As 24 ADI.

Anexos

3. Aproximadamente, qual a percentagem de brinquedos feitos nesta instituição do total existente?

Por enquanto é 50%.

4. De onde provem os materiais para construção desses brinquedos?

Sucata

5. Quais os materiais mais utilizados para construção desses brinquedos?

Embalagem tetrapack

Tubos de papel higiênico

Embalagem de remédio

Embalagem de creme de rosto

Embalagem de xampu

Garrafas de PET

Papelão

6. Quais os instrumentos mais utilizados para construção desses brinquedos? Ex. tesoura, estilete, cola e etc...

Tesoura

Estilete

Cola

Fita adesiva transparente larga, por que o 'papel Contact'³ é muito caro.

Papel colorido

Caixas de leite

7. O desenvolvimento desses brinquedos é livre?

Pensa na idade das crianças, na necessidade daquela idade estar brincando com aquele brinquedo.

8. As crianças participam da construção dos brinquedos?

(X) sim () não

Somente em alguns brinquedos e apenas as crianças maiores.

9. Com qual o objetivo?

Para dar valor naquilo que eles estão fazendo, por que é uma coisa construída por eles.

10. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos brinquedos no que refere-se a questão pedagógica? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

11. Para construção dos brinquedos, é utilizada alguma referencia bibliográfica ou teórica sobre o tema pedagógico a ser abordado? Quais?

Sim, com certeza.

Obs. É utilizado como referencias: xérox, apostilas e livros sobre o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

VYGOTSKY, L. A formação Social da Mente.

LEONTIEV, Aléxis N. O desenvolvimento do Psiquismo.

ELKONIN, Daniil B. Psicología del Juego

Wallon, Henri. A Evolução Psicológica da Criança

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança, Imitação,

3. Folha plástica transparente auto-adesiva de dimensão aproximada do sulfite A4 – 210mm X 290mm.

Anexos

Jogo, Sonho, Imagem e Representação.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura.

BROUGÈRE, Gilles. O Jogo e a Educação.

WATSKUP, Gisela. Brincar na Pré Escola.

BOMTEMPO, Edda. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação.

FRIEDMANN, Adriana. Jogos Tradicionais.

REGEN, Mina. Sucatando - Manual de Brinquedos e Sucatas.

12. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos brinquedos no que se refere aos materiais utilizados nas questões como: toxidade; durabilidade; cor; textura; aspecto tátil, sonoro; resistência a umidade ou raios U.V.? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

A preocupação é a maior possível... Tudo que puder evitar de materiais que possam prejudicar em alguma coisa, agente descarta.

13. Na construção dos brinquedos e uso dos materiais, é utilizado alguma referencia sobre as características técnica do material?

Não. Algumas embalagens você descarta por achar que é perigosa, mas profundamente não.

Como você classifica sua a atenção no ato da construção dos brinquedos no que se refere a segurança nas questões como: objetos pontiagudos; material cortante; material tóxico; peças pequenas; objetos desinfetados; entre outros? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca

atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

Se é algum produto que mesmo depois de alguns dias exposto no sol o cheiro não sai, a gente descarta... Como o sabão em pó que era usado para fazer o dominó, só que ele permanecia o cheiro aí a gente descartava, por que ele permanecia o cheiro forte.

15. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos brinquedos no que se refere às características físicas, motoras e de fácil manipulação de acordo com faixa etária da criança? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

Antes de pedir a relação de material que a gente quer, pra que vai usar quem é que vai brincar e o que vai fazer com esse material... e a faixa etária que vai usar.

16. O desenvolvimento do brinquedo é feito com atenção voltada sobre o sexo e a idade da criança?

A idade sim, o sexo não.

As questões sobre a habilidade motora de acordo com a idade relacionam com o objetivo pedagógico aplicado a determinado brinquedo?

A gente pensa só que tem... A gente sabe que quando pula pra cada faixa etária o que vai se desenvolver o que vão ser os objetivos nesses jogos e brincadeiras...Vamos fazer uma festa junina e se entrar dinheiro, a gente vai na 25 de março comprar os brinquedos específicos

Anexos

para aqueles que quase não tem... Principalmente os pequeninhos que estão descobrindo o mundo, começando a andar, começando a querer mexer, palpar, apertar, não tem, não tem material e com sucata não dá pra fazer, esse não dá mesmo.

17. A dificuldade de produção do brinquedo pode influenciar no desenho final ou até mesmo no objetivo pedagógico.

Dependendo da faixa etária... Os pequenos estão na fase do rolar, se jogar em cima de objetos, então não dá pra construir com sucata... o que a idade necessita agora pra brincar não dá pra construir com sucata mesmo.

18. Qual o tempo médio de vida útil desse brinquedo feito aqui na instituição?

Não sei quanto tempo vai durar, por que pra eles (nesta instituição) aqui é novo.

19. Você considera importante que o brinquedo apresente um tempo de uso mais prolongado?

Tudo aquilo que a gente faz, a gente encapa com durex (fita adesiva transparente) pra ter uma durabilidade maior... Com certeza é importante ter uma vida útil mais prolongada...

Quanto tempo aproximadamente e por que?

Vai de anos... Eu não sei, acho que dois anos pra cima... Os de sucata durou três anos, só que eu fiz com contact (Folha plástica transparente auto-adesiva de dimensão aproximada do sulfite A4 – 210mm X 290mm.), que é mais grosso, eu encapei ele inteirinho com contact. A durabilidade é importante, com certeza.

Rede Indireta – CEI Cruz de Malta

1. Da Instituição

Nome: Cruz de Malta

Rede: Indireta

Instituição: Ass.dos Cavaleiros da S. Ordem Militar de Malta de SP e do Brasil

Endereço: Rua Orlando Murgel, 161 – São Paulo.

Responsável pela instituição: Sônia

Pessoa pesquisada: Rosária U. Azevedo Toledo – Responsável pelo setor de brinquedos

*Questões:*⁴

1. A Instituição possui um Projeto Político Pedagógico ou Plano de Trabalho Pré-definido?

Possui. A prefeitura todo ano tem a renovação de convenio, então todo ano agente tem que refazer esse projeto. Envolve todas as atividades da instituição, da creche específica, como se trabalha com as famílias, como trabalha com os educadores, a formação dos educadores... tudo, das crianças até as famílias.

2. Qual o nível sócio-econômico das famílias das crianças matriculadas na instituição?

Antigamente a creche era para criança pobre e era um lugar que era para mãe, hoje a creche é um direito da criança então agente tem crianças de nível um pouquinho melhor. A maioria é de classe baixa, mas nós temos uma mescla. É pouca coisa, mas tem.

3. Qual o número de crianças matriculadas de acordo com a idade e sexo?

4. As questões que estão sem numeração, trata-se de perguntas fora do roteiro original..

Anexos

O número total de crianças matriculadas é de 163, divididas da seguinte maneira:

- 0 a 1 ano – 12 homens e 09 mulheres / 1 sala de 21 crianças
- 1 a 2 anos – 15 homens e 12 mulheres / 1 sala de 27 crianças
- 2 a 3 anos – 13 homens e 12 mulheres / 1 sala de 25 crianças
- 3 a 4 anos – 09 homens e 15 mulheres / 1 sala de 24 crianças
- 4 a 5 anos – 10 homens e 14 mulheres / 1 sala de 24 crianças
- 5 a 6 anos – 09 homens e 12 mulheres / 1 sala de 21 crianças
- 6 a 6 anos e 11 meses – 10 homens e 11 mulheres / 1 sala de

21 crianças

4. Qual o horário de funcionamento da instituição?

Das 7:30h as 17:30h

5. Há uma verba exclusiva para aquisição de brinquedos?

Sim, a prefeitura dá uma verba para material pedagógico. Inclui brinquedo, cd... Tudo que eu vou usar para trabalhar com a criança eu posso usar dessa verba.

6. Como é realizada a aquisição de brinquedos?

Todo mês eu faço um pedido de compra. Eu ganho muito papel, esse tipo de coisa a gente ganha. As vezes faltam cds, livros de histórias... Então aí eu tenho que fazer um levantamento mais específico pra ver o que está precisando mais. Uma vez fui comprar livros e gastei R\$240,00 e quase foi toda a verba, e não deu pra comprar mais nada, comprei dez livros.

A compra dos brinquedos é feita acho que uma vez por ano. Não que seja o ideal, mas é o que dá pra fazer.

2. Do Professor e/ou ADI (Assistentes de Desenvolvimento Infantil)

- Sobre o brincar das crianças.

Nome: Hosana Miranda Marques Atende crianças de 4 a 5 anos

Formação: Magistério

Questões:

1. Como você caracteriza sua função ou sua responsabilidade diante das crianças?

Eu acho minha profissão muito importante, tanto pra mim quanto para as crianças também. Por que tudo que eu aprendo tento passar pra eles de uma forma mais simples que eles vão assimilar melhor, trabalho muito com concreto não muito o abstrato, muita teoria eles não pegam. A gente trabalha mais com o concreto mostrando como funciona. A minha responsabilidade é principalmente do educar, educar em todos os sentidos.

2. Qual é a rotina das crianças nessa instituição? Da sua chegada até sua saída?⁵

7:30h as 8:00h – Chegam e aguardam o restante da turma no cantinho da recepção (com brincadeiras e brinquedo livre).

8:15h as 8:30h – Café da manhã.

8:30h as 9:00h – Atividade em sala de aula com revistas (leitura, escrita).

9:00h as 10:00h – Atividades que estão no planejamento (desenhos de observação; brincadeira de cantinho; depende do planejamento).

5. A resposta desta questão está sintetizada. .

Anexos

10:00h as 10:40h – Atividade livre no pátio.

10:40h as 10:55h – Preparam-se para o almoço.

10:55h as 11:30h – Almoço.

11:30h as 13:00h – Hora de dormir.

13:00h as 13:15h – Preparam-se para o café da tarde.

13:15h as 13:45h – Café da tarde.

13:45h as 15:30h – Atividade em sala de aula. “Eles estão de volta na sala, quando a gente não tem atividade programada eles ficam brincando. Cada um vai escolher o que ele quer brincar, por que nem sempre você pode dar um carrinho... ele não quer o carrinho naquele momento, ele quer um super-herói... Então esse período da tarde a gente deixa livre. Aí eles ficam brincando, quando ta um sol gostoso a gente leva os cantinhos lá fora”.

15:30h as 15:40h – Preparam-se para o jantar.

15:40h as 16:00h – Jantar.

16:00h as 17:00h – Aguardam a chegada dos pais em brincadeiras livres.

3. Quais os materiais ou praticas pedagógicas mais utilizadas por você? Por ordem de maior utilização.

1. Livros

2. Fantoches

3. Bonecas

Os materiais são bem diversos. Na oralidade é mais livro e fantoche. Isso na ‘contação’ de história. Outros só quando a gente improvisa assim... com uma boneca, um carrinho pra você contar

uma história assim diferente. Isso é quando eu conto a minha história sem o livro, aí eu tiro isso do que eu tenho ali no momento.

4. Como você trabalha os brinquedos com as crianças?

() brincadeira livre () brincadeira direcionada (X) os dois

Quanto tempo é destinado para as brincadeiras dirigidas?

Quando eles já conhecem é menos tempo. Igual, eu trabalhei o copo de leite com eles e no começo eu demorava meia hora por que no começo eles não conseguiam acompanhar o ritmo. Hoje já são dez minutos, quando eu falo: Vamos brincar de copo de leite! Cada um já forma sua rodinha, por que eles sabem que tem que bater na mão e se a roda estiver muito grande já não dá. Então já entende a regra. Então essa brincadeira já tem pouco tempo... dez minutos. Aí a gente já muda de brincadeira e fala: Do que vocês querem brincar agora? Aí eles escolhem a brincadeira que eles querem. Mas aí se eu tenho um planejamento eu vou impor a brincadeira: Não hoje a gente vai brincar disso, é uma brincadeira nova. E o tempo é maior. Vinte minutos, meia hora. Por que até lês pegarem direitinho o tempo é maior.

Em um dia, quantas vezes você trabalha com brincadeiras dirigidas?

Num dia? Acho que uma vez.

Quanto tempo o brinquedo fica disponível, para criança, na brincadeira livre?

Mais ou menos de trinta a trinta e cinco minutos por turno.

5. Como você analisa o uso do brinquedo para as crianças?

Anexos

- () - Apenas um brinquedo
- () - Material de recreação
- () - Material pedagógico não necessário
- (X) - Material pedagógico indispensável
- () - Material pedagógico substituível

Indispensável. Não tem como não ter o brinquedo. O brinquedo é tudo. Eles precisam disso, eles querem, eles criam em cima daquilo. Eles desenvolvem.

6. Quais os brinquedos que você mais utiliza com as crianças?
Por ordem de maior utilização.

1- As bonecas	2- Carrinhos
3- Bola que é indispensável	4- Corda. Eles gostam muito de pular
5- Super-heróis que eles gostam	

Sexta feira é o dia do brinquedo que eles podem trazer o brinquedo de casa também, então eles trazem os super-heróis.

Quais os tipos de brinquedos que você sente mais falta para trabalhar com as crianças?

Jogos. Jogos variados. Por que jogos têm, mas precisava de mais jogos variados. Por que os que têm eles olham assim e dizem: Ah... Com esse eu já brinquei tantas vezes.

7. Existe uma preocupação em respeito à classificação do brinquedo sobre a faixa etária que irá usa-lo?

Tem. Por que eu não posso dar qualquer brinquedo pra minha turma. Tem aqueles brinquedos de plástico que faz aquele barulhinho,

já não é pra minha faixa etária. Se chegar esse tipo de brinquedo não tem utilização na minha sala, acho que não tem sentido dá pra eles.

8. Cite ao menos dois brinquedos que as crianças mais gostam de brincar de acordo com sua idade?

0 a 1 ano – mordedor, chocalho, brinquedos coloridos, móveis.

1 a 2 anos – estimula mais movimento. Subir e descer escada, então tenho brinquedos que facilitam isso. Jogos manuais são mais os jogos de encaixe, peças grandes. Eles brincam bem, mais eles ficam pouco tempo com o brinquedo.

2 a 3 anos – A turma de turma de três anos também (jogos de encaixes). Mas aí você diminui um pouquinho o tamanho. Bola, carrinhos menores, bonecos.

3 a 4 anos – Bola; super-heróis; carrinhos; Quebra-cabeça com peças um pouco maior.

4 a 5 anos – Dominó; jogo da memória; lego; A gente faz na cartolina jogos de percurso que tem que jogar o dado e eles gostam. Falei para as meninas darem baralho para eles por que assim eles podem identificar os números. Baralho é legal por que têm bastantes jogos que você pode ensinar as crianças a somar.

5 a 6 anos – A turma de cinco e seis anos já dá pra fazer a mesma atividade.

6 a 6 anos e 11 meses – (incluiu como na idade anterior)

9. Na atividade de brincar, qual sua frequência de participação prática na brincadeira junto às crianças?

() Sempre participa

Anexos

(X) Algumas vezes participa

() Nunca participa

Obs. Não é toda hora que estou lá brincando, mas quando é na sala sempre estou com uma turma. E a gente está assim pra orientar, por que sempre tem conflitos.

Isso é como educadora. E como participante da brincadeira, como se você fosse criança. Isso acontece?

Com certeza!

10. Quanto tempo é destinado para atividade de brincar com brinquedos? Obs. Não considerando brincadeiras de recreação em pátio, campinho, e/ou playground.

Contando o dia todo, eu acho que são duas horas. Eu acho pouco. Mas isso acontece por causa da rotina. Tem cinco refeições diárias. Às vezes eles estão brincando lá fora e logo eles têm que entrar por causa da rotina. O pessoal da cozinha tem horário. Então a rotina de creche é bem apertada.

3. Da Coordenação e Professor

- Sobre a construção de brinquedos

1. Vocês constroem brinquedos aqui na instituição?

Nós já fizemos até curso disso, mas não vingou.

Nos já fizemos projeto de sucata... Mas acabou!

Por que não vingou?

Eu acho que é por causa da beleza. Eu pego um brinquedo desse (está se referindo a um brinquedo industrializado) você pode construir um desse com sucata, mas a duração (tempo de vida útil) é menor...

O trabalho que dá, na visão delas (ADI), por que seria ótimo fazer um trabalho desses com as crianças.

Você acha que a dificuldades está em relação sobre as ADI?

A dificuldade está em relação aos conhecimentos que elas tem.

Qual é a quantidade e formação das ADI?

São dezessete, e estão se formando agora em magistério e algumas em pedagogia. Mas a mudança tem que vir de dentro pra fora.

2. Em geral, quais são os profissionais que participam da construção desses brinquedos?

Os pais, os educadores, eu e as crianças.

3. Aproximadamente, qual a percentagem de brinquedos feitos, nesta instituição, do total existente?

Muito pouco, cerca de 90% são brinquedos industrializados.

4. De onde provem os materiais para construção desses brinquedos?

Materiais reciclados, de sucata. Garrafa, caixa de fósforos, por que aí a gente manda bilhete para os pais... para eles trazerem.

Mas não chegou a comprar nada de papelaria?

Não, não por que eu tinha. A gente tem.

5. Quais os materiais mais utilizados para construção desses brinquedos?

Garrafa; tampa de garrafa; caixa de fósforos; rolo de papel higiênico.

6. Quais os instrumentos mais utilizados para construção desses brinquedos? Ex. tesoura, estilete, cola e etc...

Anexos

Tesoura eu acho que é usado.

1. O desenvolvimento desses brinquedos é livre?

Teve um planejamento... Um objetivo.

2. As crianças participam da construção dos brinquedos?

(X) sim () não

3. Caso a resposta seja afirmativa. Com qual o objetivo?

Participam sim... por que se não, não tem graça. Depois, no final do trabalho, eles vão levar pra casa. Eu tive crianças que levava pra casa e trazia, levava pra casa e trazia, não desgrudava do brinquedo. Eu acho que tem duas coisas: primeiro é a novidade né, e outra é eu que fiz né...

4. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere a questão pedagógica? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

(4)

5. Para construção dos brinquedos, é utilizada alguma referência bibliográfica ou teórica sobre a pedagogia a ser aplicada? Quais?

O que a gente leu é do brinquedo, da importância do brincar. Eu tentei fazer com que elas vissem que o brincar pode ser com qualquer coisinha. Na é poça as crianças faziam aquele 'blen-blend' com tampinha de detergente... Nossa eu fiquei boba... Eles faziam jogos entre eles... Não sei quem tinham que trazer azul, outro amarela e o outro tinha que trazer branco, por que eles iam fazer campeonato.

Você faz reuniões com as ADI para discutir sobre a importância

do brinquedo? Utilizam alguma referência bibliográfica?

Faço, sempre faço. Então quando eu vou passar alguma coisa para elas, eu para e falo: gente não é eu que estou falando, vocês estão vendo o que está escrito aqui". Elas se preocupam muito com o resultado, então elas não confiam... É lógico! O ser humano é assim: quer fazer a coisa hoje e já quer ver o resultado amanhã. E não é assim... Educar é uma constante, brincar é tudo, cuidar é toda vida.

As bibliografias mais usadas são:

- Referencial Curricular para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1,2 e 3.

- Barangadão Arco Íris: 36 brinquedos inventados por meninos. Adelsin. Belo Horizonte, 1997.

- Professor da Pré Escola. Fundação Roberto Marinho. São Paulo, Ed. Globo, 1992. Vol. 1,2 e 3.

6. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere aos materiais utilizados nas questões sobre: toxidade; durabilidade; cor; textura; aspecto tátil, sonoro; resistência a umidade ou raios U.V.? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

(5)

7. Na construção dos brinquedos e uso dos materiais, é utilizada alguma referência sobre as características técnica do material?

Não isso não. Nunca me preocupei com isso.

Anexos

8. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere a segurança nas questões como: objetos pontiagudos; material cortante; material tóxico; peças pequenas; objetos desinfetados; entre outras? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

(5)

Embalagem de farmácia eu já não uso. Eu uso assim: embalagem de xampu, amaciante... então eu cheiro, vejo se não tem um restinho, lavo de novo, peço pra jogar água quente, essas coisas eu faço. Mas eu vou ser sincera.

9. Como você classifica sua atenção, no ato da construção dos brinquedos, no que se refere às características físicas, motoras e de fácil manipulação da criança de acordo com sua faixa etária? (Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.)

(3)

10. O desenvolvimento do brinquedo é feito com atenção voltada sobre o sexo e a idade da criança?

Não, é geral. Por exemplo: nós vamos fazer um carrinho. Todo mundo faz... não tem diferença não. Cada criança faz o seu... As ADI ajudam.

Em relação à faixa etária sim. O brinquedo é de acordo com a faixa etária... Não dá pra dar um negócio muito difícil pra uma criança de três anos por exemplo... Enfiar um pauzinho, por exemplo,

ela não consegue.

Em relação ao sexo não. Por que assim: o objetivo é aprender a trabalhar com aquele material, e as crianças levam pra casa, vão levar pro irmão... Não tem problema nenhum.

Há uma organização desses brinquedos de acordo com sua faixa etária?

O brinquedo não fica muito tempo aqui. Por exemplo, se faz na segunda feira ou terça feira, no final de semana já leva pra casa. Nesse tempo fica na prateleirinha deles.

A organização então já é feita pela sala que atende determinada faixa etária, seria isso?

Isso.

11. A dificuldade de produção de algum brinquedo pode influenciar no desenho final ou, até mesmo, no objetivo pedagógico?

Nunca senti isso. Elas vão adaptando, isso é normal!

12. Qual o tempo médio de vida útil dos brinquedos feito na instituição?

As mães que me falam... Como eles levam para casa. Tem criança que guarda e cuida bem do brinquedo, talvez por ela ter feito... Então dura bastante! Na casa deles dura bastante.

Por outro lado tem crianças que levam para casa e logo quebra.

Tem crianças que jogam no córrego. Tem mãe que fala: isso pra casa não vai... E joga no córrego. Ou então tem criança que fala: não vou levar por que minha mãe vai jogar fora.

13. Você considera importante que o brinquedo apresente um

Anexos

tempo de uso mais prolongado? Ou não, para o objetivo que tem o brinquedo de sucata o tempo que ele dura já está bom?

Eu acho que sim, por que aí você tem oportunidade de fazer outro. Por que se ficar naquilo cai na mesmice.

Como é a organização dos brinquedos que existe na creche?

A maioria fica na sala de aula, e entre as professoras existe um rodízio. Só que assim: tem brinquedo que dá pra fazer rodízio, mas tem brinquedo que não dá por causa da faixa etária. Por exemplo: o quebra-cabeça dá pra turma de seis anos usar, mas a turma de quatro não dá. Os que fazem rodízios são: panelinhas, cozinhas, dos cantinhos, fantasias, super-heróis, carrinhos, bonecas.

Então existe uma organização entre salas de acordo com a faixa etária?

Sim

Como é a organização dos brinquedos em função da quantidade de crianças com o número de brinquedos disponíveis?

Eu me preocupo, por exemplo: se tem quebra-cabeça... São quatro mesas na sala de aula, então tem que ter quatro pelo menos. Tem mais. Mas mesmo assim a gente cai na mesmice. Então chega uma hora que as crianças já não agüentam mais olhar para aquele brinquedo... Mesmo com o rodízio. Aí tira da sala, traz outra coisa... Mas daqui a pouco tem que voltar, por que não tem outro brinquedo.

Obs. Alguns brinquedos são alocados na sala da coordenação por que nas salas não há espaço suficiente para todos.

Rede Conveniada – CEI Coração Imaculado de Maria

1. Da Instituição

Nome: Obra Social Coração Imaculado de Maria

Rede: Conveniada

Entidade: Associação Beneficente Providência Azul

Endereço: Rua João Pedreira Duprat, 195 - São Paulo

Responsável pela instituição: Terezinha - Diretora

Pessoa pesquisada: Lílían de Moraes Lima – Coordenadora Pedagógica

Questões:

1. A Instituição possui um Projeto Político Pedagógico ou Plano de Trabalho Pré-definido?

Sim, nos montamos uma proposta pedagógica que é elaborada no final do ano anterior onde todas as pessoas da escola participam. E dentro desta proposta pedagógica, o momento do brincar, o brincar, como é esse brincar e o brinquedo é bem enfatizado.

2. Qual o nível social e econômico das famílias das crianças matriculadas na instituição?

Através de uma entrevista antes da matrícula da criança, a instituição consegue essa informação, e de acordo com a resposta da coordenadora o nível sócio econômico das famílias é muito baixo.

3. Qual o número de crianças matriculadas de acordo com a idade e sexo?

Total de 208 crianças, e estão divididas da seguinte maneira:

2 a 3 anos – 7 homens e 7 mulheres / 1 sala de 14 crianças

Anexos

3 a 4 anos – 12 homens e 12 mulheres / 1 sala de 24 crianças
3 a 4 anos – 14 homens e 10 mulheres / 1 sala de 24 crianças
4 a 5 anos – 14 homens e 10 mulheres / 1 sala de 24 crianças
4 a 5 anos – 10 homens e 15 mulheres / 1 sala de 25 crianças
5 a 6 anos – 12 homens e 10 mulheres / 1 sala de 22 crianças
5 a 6 anos – 14 homens e 11 mulheres / 1 sala de 25 crianças
6 a 6 anos e 11 meses – 11 homens e 14 mulheres / 1 sala de 25

crianças

6 a 6 anos e 11 meses – 11 homens e 14 mulheres / 1 sala de 25
crianças

4. Qual o horário de funcionamento da instituição?

Das 7:00h as 17:00h

5. Há uma verba exclusiva para aquisição de brinquedos?

Existe, não é todo mês... ou a cada dois meses, não tem essa média. Nós vamos olhando mesmo a necessidade de comprar os brinquedos e se a verba que tem disponível daria pra fazer isso. Uma média seria uma vez por trimestre, mas isso, assim como o valor, depende muito da necessidade do brinquedo.

6. Como é feita a aquisição de brinquedos?

Varia muito do brinquedo, da necessidade do brinquedo. A nossa próxima necessidade agora vai ser os jogos de encaixe, então nos vamos fazer uma nova pesquisa de preço, do material, pra ver se realmente ele tem durabilidade, se vale a pena, para aí fazer o investimento. Se não der pra comprar um número que dê para todas as crianças brincarem, nos vamos comprar um número reduzido e aí montar um

horário em que eles possam brincar em diferentes horários. Isso é muito relativo.

E o que está surgindo também no mercado, tem muitos brinquedos que estão surgindo que realmente são bons. Os fabricantes sempre mandam propagandas de brinquedos e tenho uma listagem. Aí eu ligo pra fazer uma cotação de preço ou a gente vai em algum lugar fazer pesquisa.

2. Do Professor e/ou ADI (Assistentes de Desenvolvimento Infantil)

- Sobre o brincar das crianças.

Nome: Celina Onório de Souza Dias

Atende crianças de 5 a 5 anos e 11 meses

Formação: Formada em Pedagogia

Questões:

1. Como você caracteriza sua função ou sua responsabilidade diante das crianças?

É um trabalho sério. Você tem que desenvolver com prazer, é claro, mas com responsabilidade. Que são crianças que estão na fase de desenvolvimento, de aprendizagem e que se você não tomar o cuidado de saber o que você está passando no conteúdo, não só do planejamento, mas da vida, é o que vai ficar para o resto da vida.

A minha função, principalmente enquanto educadora, é educar para a cidadania. Que seja uma educação plena, consciente, e que a gente consiga transformar essas crianças, pelo menos em crianças

Anexos

críticas, não agora mas que elas comecem esse processo de construção agora, para que consigam atingir mais tarde o objetivo que a gente tenta passar hoje, que não vai ser esquecido e vai ser um aprendizado para o resto da vida.

2. Qual é a rotina das crianças nessa instituição? Da sua chegada até sua saída?⁷

7:00h as 7:40h – Hora da entrada.

7:40h as 8:10h – Café da manhã.

8:10h as 9:30h – Atividade com leitura. E em seguida tomam um suco (que é chamado de colação, para que o organismo fique preparado para o almoço).

9:30h as 10:30h - “Outra atividade. Diferente da que foi dada, mas se possível no mesmo tema.”

10:30h as 11:15h – Outra atividade.

11:15h as 11:30h – Organizam a sala para a volta do almoço.

11:30h as 12:00h – Almoço.

12:00h as 14:00h – Hora de dormir.

14:00h as 14:15h – Organizam a sala e guardam os colchões.

14:15h as 15:15h – Tomam lanche e voltam para sala para mais uma atividade.

15:15h as 15:45h – Atividade livre no parque.

15:45h as 16:20h – Jantar.

16:20h – Organizam-se na sala de aula para ir embora.

16:30h – O transporte escolar começa a pegar as crianças.

16:40h - É liberado para os pais.

Obs. A CEI ainda dá um período de tolerância de quinze minutos que vai até as 17:15h.

3. Quais os materiais ou praticas pedagógicas mais utilizadas por você? Por ordem de maior utilização.

1- Lápis de escrever, lápis de cor e papel sulfite.

2- Jogos, brinquedos.

7. Como você trabalha os brinquedos com as crianças?

() brincadeira livre () brincadeira direcionada (X) os dois
Quanto tempo é destinado para as brincadeiras dirigidas?

A brincadeira para criança não pode ser muito longa, por que se a gente deixa um período muito longo perde, até mesmo, o objetivo da atividade. Então no máximo, para uma brincadeira dirigida, que a gente consegue segurar e que as crianças consigam absorverem bem o objetivo que você está querendo com aquele jogo é no máximo entre vinte e vinte e cinco minutos. Por que é uma sala grande e como é um jogo, todos tem que participar, então no máximo entre vinte e vinte e cinco minutos, não mais que isso. Por que de vez eles aprenderem com gosto, eles perdem o interesse e fica chato.

Quanto tempo o brinquedo fica disponível, para criança, na brincadeira livre?

Também o mesmo período (de vinte a vinte e cinco minutos). Por que no momento da atividade livre, nós utilizamos muito para observar. A maneira como eles brincam, a interação com o grupo, as crianças que não gostam muito de ficar com o grupo, os papéis que eles desenvolvem com aquele determinado brinquedo. Então serve

7. A resposta desta questão está sintetizada. .

Anexos

também para nos conhecermos as crianças, por que eles são seres individuais, cada um com sua maneira de ser.

8. Como você analisa o uso do brinquedo para as crianças?

- ☐ - Apenas um brinquedo
- ☐ - Material de recreação
- ☐ - Material pedagógico não necessário
- ☒ - Material pedagógico indispensável
- ☐ - Material pedagógico substituível

9. Quais os brinquedos que você mais utiliza com as crianças?

Em ordem de uso.

1-Meninos – carrinhos.

2-Meninas – Bonecas.

10.Existe uma preocupação em respeito à classificação do brinquedo aplicado para determinada faixa etária?

Existe. Até no armário você vai ver que tem uma separação assim visando esse cuidado, para qual faixa etária seria mais bem utilizado.

Obs. Em cada sala de aula estão disponíveis alguns brinquedos permanentes, que são separados de acordo com a faixa etária. Ainda nas salas, existem outros que são chamados de itinerantes, pois podem ser alocados em outras salas de acordo com a necessidade. E além desses, existe um armário com muitos jogos e brinquedos que estão disponíveis para o uso de qualquer professor.

11.Cite ao menos dois brinquedos que as crianças mais gostam de brincar de acordo com sua idade?

Que seria geral é a bola, que independente da idade, todos gostam de brincar.

2 anos – Objetos de encaixe que são grandes, por que chamam a atenção pelo tamanho e por ser colorido.

3 anos – Também tem interesse por esses objetos, mas amplia um pouquinho mais sobre a forma que eles utilizam. O que seria exploração para os pequenos, derrepente só empilhar, para os outros eles conseguem atingir um pouco mais o desenvolvimento. Já montam um castelo, uma casa. Exploram mais.

4 anos – Eles já tem um interesse maior de que forma utilizar. Como por exemplo os jogos. Qual é a função de cada peça do jogo. São questionadores e surge um interesse maior com jogos simples.

5 anos – Mais jogos de competição. Isso é fortíssimo entre eles. Aqueles tabuleiros que tem um caminho... Com dados... A partir daí as regras já começam a ser mais detalhadas.

6 a 6 anos e 11 meses – (incluiu como na idade anterior)

12.Na atividade de brincar, qual sua frequência de participação pratica na brincadeira junto às crianças?

- ☐ sempre participa
- ☒ algumas vezes participa
- ☐ nunca participa

Obs. Dependendo da necessidade.

13.Quanto tempo é destinado para atividade de brincar com brinquedos? Obs. Não considerando brincadeiras de recreação em

Anexos

pátio, campinho, e/ou playground.

Dentro da creche existe os brinquedos que as crianças utilizam, mas as crianças por elas próprias conseguiram com que a creche inteira fizesse com que eles trouxessem brinquedos na sexta feira. Virou o dia do brinquedo. Foi algo que foi acontecendo. É o dia que eles adoram trazer um brinquedo que é deles. Acabam compartilhando com os outros, combinam o que vão trazer um com o outro, então é o dia que é muito gostoso pra eles em que eles se sentem muito bem. Eles brincam com esses brinquedos no último período da manhã da sexta feira, que chega ser por volta de trinta e cinco a quarenta minutos.

3. Da Coordenação e Professor

- Sobre a construção de brinquedos

1. Vocês constroem brinquedos aqui na instituição?

Sim.

2. Em geral, quais são os profissionais que participam da construção desses brinquedos?

Os treze Professores, mais três auxiliares.

3. Aproximadamente, qual a percentagem de brinquedos feitos nesta instituição do total existente?

Aproximadamente de 20% a 30%.

4. De onde provem os materiais para construção desses brinquedos?

Nos compramos e recebemos de doação.

5. Quais os materiais mais utilizados para construção desses brinquedos?

Caixa de papelão, aproveitando as embalagens do programa leve-leite da prefeitura.

Papeis diversos, tintas, tampa de garrafa, garrafa PET, isopor, latinhas...

6. Quais os instrumentos mais utilizados para construção desses brinquedos? Ex. tesoura, estilete, cola e etc...

Tesoura, Estilete, Cola, barbante, lã, tinta, régua, canetinha, lápis, materiais de papelaria.

7. O desenvolvimento desses brinquedos é livre?

Nos trabalhamos muito com o projeto, todo ano cada sala monta um projeto, então esse projeto é estudado e pesquisado junto com um grupo de crianças e qual a necessidade desse grupo, a partir daí se monta o projeto. E então todo o projeto envolve a construção de um brinquedo ou alguma construção relacionada a isso. Alguns exemplos: teve um ano em que nós montamos um projeto sobre o trânsito, envolvia a construção de carrinhos e ônibus onde eles podiam entrar, do tamanho deles. Teve outro ano em que nós montamos um projeto sobre brinquedos e brincadeiras, então até os pais entraram nessa dança a gente convidou os pais para virem até aqui e construírem os brinquedos da infância, isso foi um resgate. E isso ocorre todos os anos. A gente convida a família para participar de tudo que acontece aqui, assim que o projeto é montado as primeiras pessoas a conhecer os projetos são os pais.

Anexos

8. As crianças participam da construção dos brinquedos?

Alguns sim. Isso depende da faixa etária para que isso vai ser direcionado a criança não pode estar manipulando, por exemplo a criança de 2 anos 3 anos não pode manipular tesoura, estilete.

9. Com qual o objetivo?

Mas a gente procura, nem que seja um pouquinho, que ele participe. Vamos supor: na construção de um carrinho, que ele pinte, ele não vai cortar, mas ele vai pintar. Então ele vai saber que aquele brinquedo teve a marquinha dele lá.

Agora esse ano a turma de dois anos, eles vão trabalhar um projeto em volta sobre os animais. Então o professor já selecionou vários animais que é possível ser construído com sucata e no final do projeto depois da apresentação, cada criança leva para casa. E no momento de construção da sucata livre o que cada um construiu com o material que foi disponível, a criança leva pra casa também.

10. Como você classifica sua a atenção no ato da construção dos brinquedos no que refere-se a questão pedagógica? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

11. Para construção dos brinquedos, é utilizada alguma referencia bibliográfica ou teórica sobre o tema pedagógico a ser abordado? Quais?

Sim

12. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos

brinquedos no que se refere aos materiais utilizados nas questões como: toxidade; durabilidade; cor; textura; aspecto tátil, sonoro; resistência a umidade ou raios U.V.? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

Total, por que se o material é comprado eu participo dessa compra, até pra ver a textura do papel, o brinquedo a mesma coisa, o jogo a mesma coisa. E quando isso vem pra cá é por que nos já avaliamos pra ver se isso realmente é possível.

Esse material que vem de sucata, que vem de embalagem, nos verificamos suas condições, o que tem dentro... Para não se tornar um montante de lixo. Por que juntar sucata não pode estar ligado a isso. Quando as mães trazem de casa a gente pede para que elas lavem as embalagem, tragam secas, e se isso não acontece a gente faz a limpeza aqui se aquele material é necessário. E tem a separação pelos tipos de materiais na sala de artes, então tem caixa só de papel, só de isopor, só lata.

13. Na construção dos brinquedos e uso dos materiais, é utilizado alguma referencia sobre as características técnica do material?

Não, isso vai mais da marca que a gente já está acostumada a estar comprando, ou do lugar que estamos acostumados a comprar. Geralmente os materiais daqui são comprados na kalunga, então lá a gente já acredita também que os materiais sejam pré selecionados pra isso, e a maioria vem alguma referencia sobre isso: indicado pra tal

Anexos

idade. Mas um conhecimento maior sobre isso nós não temos.

14. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos brinquedos no que se refere a segurança nas questões como: objetos pontiagudos; material cortante; material tóxico; peças pequenas; objetos desinfetados; entre outros? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

Total, por que se vem pra cá é por que ele não está oferecendo perigo, mas também a gente trabalha muito com a conversa com as crianças, por que até um lápis pode oferecer perigo, dependendo do uso. Então as vezes a gente pode pedir pra mãe um potinho, mas se ela traz um potinho com a rebarba pontiaguda pode oferecer um perigo.

Agente também não pode deixar de lado, e não deixar de acreditar, que essas informações também são necessárias até para o desenvolvimento da criança, não é só dar: Olha isso aqui é pra você usar e pronto e acabou.

15. Como você classifica sua atenção no ato da construção dos brinquedos no que se refere às características físicas, motoras e de fácil manipulação de acordo com faixa etária da criança? Respostas considerando 5 para atenção total, 4 atenção relevante, 3 atenção razoável, 2 pouca atenção e 1 para nenhuma atenção.

(5)

16. O desenvolvimento do brinquedo é feito com atenção voltada

sobre o sexo e a idade da criança?

Mais pela idade. Sexo depende do tema. Por que se o tema for pra construir carrinhos, independente do sexo isso vai ser feito. É claro que as crianças trazem muito isso, dando risada quando as meninas vão brincar com carrinhos, mas não tem uma separação por sexo não, nem com crianças mais velhas. É no geral mesmo.

As questões sobre a habilidade motora de acordo com a idade relacionam com o objetivo pedagógico aplicado a determinado brinquedo?

Sim. A gente seleciona alguns brinquedos quando eles vão para as salas, ou os que estão lá, que eles vão ter uma intenção maior na sala, se realmente esse brinquedo é possível trabalhar nessa faixa etária, se ele vai atingir esses objetivos. Como os brinquedos muitos pequenos, que não vai atingir objetivo nenhum numa criança de dois anos, e pode proporcionar até perigo.

17. A dificuldade de produção do brinquedo pode influenciar no desenho final ou até mesmo no objetivo pedagógico?

Esse cuidado tem que ser tomado antes, por que depois que já estão no momento da brincadeira se você muda o objetivo mudou o foco, o professor não vai prestar mais atenção nas mesmas coisas. Então esse é um cuidado que a gente procurar estar tomando antes, mas isso não significa que não podem acontecer, eles podem acontecer sim. Aí exige do professor uma dinâmica de jogo de cintura com a molecada, dizendo: olha isso não está dando muito certo....vamos tentar uma outra coisa. Mas isso é bom evitar, apesar de acontecer.

Anexos

18. Qual o tempo médio de vida útil desse brinquedo feito aqui na instituição?

Tem alguns que já estão durando até dois anos, e tem alguns que a gente vai precisando desocupar por conta dos espaços, que apesar de ser grande tem coisa que vão acumulando. Então a gente sorteia para as crianças, um leva pra casa, no final do projeto cada um leva o seu.

Depende muito do quê e da utilidade. Como os dados que tem uns grandes outros pequenos, que dependendo da utilidade ele dura muito mais, e se for usado todos os dias por um número grande de crianças, sua durabilidade é menor.

19. Você considera importante que o brinquedo apresente um tempo de uso mais prolongado?

Do jeito que é está tranquilo, atende a necessidade.